

REMIG NOBEL
DE
LITERATURA

۲۱۰



BIBLIOTECA
DOS
PRÊMIOS NOBEL
DE
LITERATURA

patrocinada pela

ACADEMIA SUECA

e pela

FUNDAÇÃO NOBEL

COLEÇÃO DOS PRÊMIOS NOBEL DE LITERATURA
PATROCINADA PELA ACADEMIA SUECA
E PELA FUNDAÇÃO NOBEL

Prêmio de 1924

WLADYSŁAW STANISŁAW
REYMONT

(POLÔNIA)

EDITORA DELTA
Rio de Janeiro
1963

WLADYSŁAW
STANISŁAW
REYMONT

A LEI
DO CNUTE

E
CONTOS

Tradução de
VALDEMAR CAVALCANTI

Estudo introdutivo de
JOZEF TRYPUCKO

Ilustrações de
STANISŁAS LEPRI

EDITORA DELTA
Rio de Janeiro
1963

Título do original polonês:

Z ZIEMI CHELMSKIEJ

Todos os direitos desta edição
(introdução, prefácios, notas, tradução,
ilustrações e demais características)
pertencem à Editora Delta.

"PEQUENA HISTÓRIA"
DA ATRIBUIÇÃO DO
PRÊMIO NOBEL

A

WLADYSLAW STANISLAW REYMONT

*

PELO DR. KJELL STRÖMBERG

Antigo conselheiro cultural da
Embaixada da Suécia em Paris



O Prêmio Nobel de 1924 foi concedido a um escritor polonês, Wladyslaw Stanislaw Reymont "por sua grande epopeia nacional *Os Camponeses*". Como no caso anterior, de Knut Hamsun, laureado em 1920, ficou acentuado, na exposição de motivos em que a Academia Sueca baseou sua escolha, que por aquela obra, em particular, é que foi conferido o Prêmio ao escritor depois classificado como o Hesíodo eslavo.

Entre os dezoito candidatos apresentados havia, entretanto, um compatriota que, com iguais títulos, senão com mais direito ainda, e por toda a sua obra, teria podido reivindicar aquela distinção: Stefan Zeromski, considerado a encarnação da consciência nacional pela opinião geral em seu país, afinal livre da dominação estrangeira e com suas antigas fronteiras restabelecidas. Apoiado numa viva campanha de imprensa, Zeromski era também o candidato "oficial" da Polônia ressuscitada, enquanto Reymont, antes da libertação, fôra proposto pela seção filológica da respeitável Academia de Ciências de Cracóvia, que sempre se envaidecia de seu antigo título austríaco de "imperial".

Levando em conta apenas o valor puramente artístico e literário das obras submetidas a julgamento, não se poderia contestar o acêrto da escolha da Academia Sueca; a tetralogia rústica de Reymont, embora não tenha exatamente o caráter de uma epopéia "nacional" propriamente dita, é uma obra-prima, à qual seria difícil opor qualquer obra de Zeromski, nada obstante sua alta inspiração patriótica. Quanto a isso, estão de acôrdo todos os conhecedores das literaturas eslavas, inclusive alguns críticos franceses, como Théodore de Wyzewa e Maurice Muret, que desde 1910 haviam assinalado a existência de Reymont a seus compatriotas.

Evidentemente, poderiam ter dividido a recompensa e repartido o Prêmio entre Reymont e Zeromski, como o fizeram com dois laureados dinamarqueses, Gjellerup e Pontoppidan, em 1917. Uma solução que, sem dúvida, teria dado maior satisfação à opinião popular da Polônia. Ora, a Academia Sueca preferiu aprovar o parecer de seus especialistas e não permitiu que sua decisão pudesse vir a depender de considerações quanto à oportunidade política. Não se deixou, menos ainda, seduzir pela proposta de um daqueles especialistas que, em face da corrida geral dos pequenos povos libertados pelo tratado de Versalhes e ansiosos, também, de glória literária para redourar-lhes o brasão nacional, recomendava a divisão do Prêmio entre Reymont e um escritor tcheco-eslovaco, Alois Jirasek, levado às nuvens por seus compatriotas e já por algumas vezes candidato à alta distinção. A divisão do Prêmio em 1904 entre o grande provençal Mistral e o pequeno espanhol Echegaray fôra um lamentável precedente, que não se devia repetir.

A verdade é que o Prêmio foi concedido a Reymont depois de uma luta cerrada. Seu país já merecera a honra: em 1905 fôra laureado Henrik Sienkiewicz, autor do famoso romance *Quo Vadis?*, de sucesso mundial; considerações de ordem geográfica e diplomática não deviam necessariamente ser levadas em conta. Mas Reymont tinha concorrentes importantes, que representavam outros países, alguns deles posteriormente laureados: George Bernard Shaw, Grazia Deledda — conside-

rada uma espécie de Selma Lagerlöf italiana — e Thomas Mann, este último proposto por Gerhart Hauptmann, que abandonara seu candidato do ano anterior, Hugo von Hofmannsthal, mantido, no entanto, por um grupo de escritores vieneses. Não nos esqueçamos do grande "old man" da literatura inglesa, Thomas Hardy, candidato permanente, preterido sempre, nunca se saberá por que razões verdadeiras, a não ser pela idade avançada, visto como dificilmente se leva a sério o pretexto, tantas vezes invocado, do que seu profundo pessimismo e sua concepção fatalista do mundo fôsem mais incompatíveis com o espírito de um Prêmio Nobel do que o ceticismo integral de um Anatole France! O magote dos outros candidatos — alemães, italianos, escandinavos e mesmo um francês, Paul Sabatier, autor de uma *Vida de São Francisco de Assis*, que então caíra no goto dos círculos eclesiásticos — não representava, de nenhum modo, ameaça ao feliz vencedor.

Reymont nasceu na Posnânia, na antiga Polônia alemã, e passou a maior parte de sua vida num exílio voluntário, sobretudo na França, embora não houvesse nunca aprendido a falar correntemente a língua francesa. A fértil planície da Beauce, que lhe lembrava os horizontes de sua infância, foi a sua região predileta, dominada pela catedral de Chartres como as terras de seus antepassados pela célebre abadia de Czeszochowa. Mas foi em Paris, onde morou, quase sem interrupção, durante o primeiro decênio do novo século, que concebeu e realizou aquele vasto painel da vida nos campos que lhe valeu o título honorífico de Hesíodo eslavo. O afresco monumental, em quatro volumes, cada um referente a uma das quatro estações do ano, nada ou quase nada tem de comum com um romance naturalista como *A Terra*, de Zola, ao qual tem sido às vezes comparado. Foi antes a irritação que experimentou ao tomar conhecimento dessa pintura em tintas carregadas da vida camponesa que teria levado Reymont, segundo seus melhores biógrafos, a tomar um caminho oposto, apresentando, não apenas as misérias, mas também e sobretudo a grandeza de uma vida inteiramente votada aos humildes lavores da terra. O sucesso

dessa obra permitiu-lhe resgatar a granja de seus pais e aí instalar-se ainda antes da guerra de 1914.

Wladyslaw Reymont não teve de que se queixar, quanto à acolhida de seus patrícios ao Prêmio que o consagrou *primus inter pares* no seio dos escritores de seu país. Os sinais exteriores da apreciação geral não lhe haviam faltado antes mesmo da consagração suprema no estrangeiro: era o presidente da Sociedade polonesa dos homens de letras e jornalistas quando, em novembro de 1924, recebeu a boa notícia de Estocolmo. A imprensa polonesa foi unânime em reconhecer os grandes méritos do laureado. Rápida e esqueceram o mau êxito do candidato "oficial" e se rejubilaram sem reserva pelo fato de um escritor polonês ter sido, mais uma vez, considerado digno da mais alta láurea literária. Não hesitaram em ligar sua maior obra à grande tradição nacional criada por Adam Mickiewicz. "Nenhum outro escritor polonês penetrou tão profundamente na psicologia do nosso camponês quanto Wladyslaw Reymont", escreveu o *Kurjer Warszawski*, o mais importante dos jornais da Capital. Mas o Prêmio Nobel atribuído ao autor de *Os Camponeses*, afirma ainda o mesmo jornal, "não é apenas a coroa da literatura concedida ao grande escritor; é uma declaração dirigida à Polônia, do alto de uma tribuna que domina o mundo — a declaração de que, entre as pérolas de que se orgulha o tesouro intelectual da humanidade, as mais belas têm um nome polonês". Verifica-se, finalmente, que "Reymont obteve, pelas suas próprias forças, a coroa olímpica que colocou na frente da pátria". A mesma retórica grandiloqüente e altamente patriótica fêz-se ouvir em toda parte no orgulhoso país bem disciplinado do marechal Pilsudski.

Poder-se-ia observar uma acolhida mais reservada da opinião estrangeira, quando o nome do nôvo laureado, praticamente desconhecido fora das fronteiras de seu próprio país, foi lançado no mundo inteiro pela deusa das cem bocas. Mas o nome de Reymont foi saudado com respeito e simpatia na Alemanha e na Inglaterra; e a imprensa francesa deu eco, leal-

mente, às aclamações calorosas com que o distinguira a imprensa de um país considerado então o mais fiel dos aliados.

“Um Prêmio Nobel bem escolhido” — é com êste título que o *Journal des Débats*, pela pena especializada de Maurice Muret, registra o laureado do ano. Eis o início da homenagem: “Há tantos prêmios literários, de toda natureza, e que se distribuem, tantas vezes, ao arbítrio ou por favor, que um livro estimulado, mesmo pelo júri Nobel, nem sempre está seguro de fazer sucesso no mundo; mas tal sorte seria tão lamentável quão injusta se a honra que acaba de distinguir o polonês Reymont e seu romance épico em quatro volumes, *Os Camponeses*, não bastasse para dar projeção a êste livro soberbo.” Em vão, no entanto, êste crítico, dos mais esclarecidos, procurou um editor para a tradução francesa do romance: “A consagração do Prêmio Nobel parecerá a algum deles um viático para fazê-lo mudar de opinião? É o que desejo, porque não há nada mais belo que *Os Camponeses* na literatura de nossa época.”

Finalmente, êste voto foi atendido, mas quase todos os jornais parisienses retomam a mesma queixa, ao verificarem que Reymont já conquistara, muito antes, a Alemanha e a Inglaterra. O *Dicionário Larousse*, que não lhe ignora a existência, não sabe, entretanto, registrar-lhe o nome corretamente — observa Franc-Nohain, em *Écho de Paris*; e continua: “o mais inquietante não é apenas a nossa ignorância, é a nossa confiança ingênua e tenaz na supremacia de nossa produção literária, que nos faz sistematicamente indiferentes a tudo o que se escreve fora do país. Enquanto isso, enquanto continuamos a dormir sobre os louros que murcham, é que os louros verdes brotam e crescem”. Palavras surpreendentes; mas como é reconfortante, para os pequenos países, lê-las, na França, no principal órgão da extrema-direita nacionalista de então...

Um pouco por toda a parte surge a mesma observação: “Desta vez, a Academia Nobel, em lugar de confirmar uma celebridade já feita, terá contribuído para criá-la.” O que era,

talvez, um pouco injusto, porque a Academia Sueca, pelo seu Prêmio Nobel, já revelara ao mundo alguns grandes poetas antes desconhecidos do grande público, como Tagore, Spitteler e Yeats.

Observe-se que a imprensa francesa, a exemplo da polonesa, lembra de bom grado a atitude digna de Reymont durante a Grande Guerra: com risco da própria liberdade, em inúmeras ocasiões afirmou os seus sentimentos francófilos; e, embora enfêrmo, nunca obteve autorização das forças alemãs de ocupação para ir ao estrangeiro a fim de cuidar de sua saúde, então gravemente abalada.

Ainda doente, no momento da concessão do Prêmio, Reymont não pôde viajar até Estocolmo para recebê-lo das mãos do Rei e morreu no ano seguinte, em 1925, antes de completar sessenta anos.

A handwritten signature in dark ink, reading "Kjell Spitteler". The signature is written in a cursive, flowing style. The first part "Kjell" is more compact, while "Spitteler" is more elongated and ends with a long, sweeping tail that curves downwards and to the right.

DISCURSO DE RECEPÇÃO
PRONUNCIADO POR
PER HALLSTRÖM
POR OCASIÃO DA ENTREGA DO
PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA
A
WLADYSŁAW STANISŁAW REYMONT
NO DIA 10 DE DEZEMBRO DE 1924



Sire,
Excelências,
Minhas senhoras,
Meus senhores,

O romance naturalista, tal como foi concebido por Zola, influenciou esta obra de imaginação. Reymont reconheceu que a idéia do livro lhe viera à leitura de *A Terra*, de par com os sentimentos de indignação e revolta que êsse romance lhe despertara e não pelos de admiração experimentados. Reymont encontrou ali a imagem esquemática, deformada e brutal de uma classe social, no seio da qual êle próprio se criara e que amava com um fervor conservado pelas lembranças da infância. Ao contrário de Zola, cujo conhecimento da matéria decorria de estudos apressados de jornalista, realizados segundo um plano prèviamente fixado e idéias preconcebidas, Reymont tinha o conhecimento baseado numa experiência rica, íntima, numa compreensão total, e quis expor a realidade plena, sem se deixar influenciar a priori. Mas Zola exerceu sôbre êle uma influência determinante, diferente e positiva. Sem a lição que extraiu inteiramente da obra de Zola não teria podido conceber a forma definitiva com que se nos apresenta *Os Campo-*

neses, com seu desenvolvido estudo do meio, seus efeitos orquestrais de massa, com o seu inflexível verismo e a combinação harmoniosa da natureza exterior com a vida humana.

Contudo, *Os Camponeses* é, sob todos os aspectos, uma obra essencialmente diferente de um romance naturalista; uma epopéia, indiscutivelmente naturalista, é verdade, mas antes de tudo uma epopéia.

Para nós, modernos, o que caracteriza mais profundamente um poema narrativo do gênero épico é certo grau de plenitude e harmonia, uma impressão geral de serenidade, embora os diversos episódios possam ser sobrecarregados de sofrimentos e lutas. Não é fácil obter esse resultado numa forma inteligível, porque são nossos sentimentos que o percebem. Isso é devido, sobretudo, ao fato de que todos os elementos de controvérsia e de emoções são progressivamente temperados sob nossos olhos, como ondas em luta; os círculos concêntricos nunca atingem os limites do tranqüilo horizonte que delimita o poema; nenhuma interrogação inquieta, nenhuma lamentação pode manifestar-se além desse limite. O mundo que temos diante de nós é um mundo construído e sólido em suas bases; mas não é um mundo de constrangimento e reclusão; é bastante vasto para que os seres humanos possam manifestar-se pela ação, na medida de suas forças. Onde a harmonia do poema, qualquer que seja a felicidade evocada, porque o sofrimento mais irremediável — o criado pela disparidade entre determinada realidade e as necessidades ideais — não tem lugar ali ou, pelo menos, não consegue atingir a consciência. A mais amarga tragédia, a que despedaça interiormente um ser, ainda não nasceu; os personagens que vemos são completos e simples, movem-se como um todo; grandes ou pequenos, fisicamente belos ou feios, eles se revestem de uma espécie de beleza plástica e de imponente grandeza.

Foi o que o escritor polonês conseguiu realizar em *Os Camponeses*; e realizou-o a despeito de uma cultura inteiramente moderna que dificilmente permitia chegar a esse ponto,

graças ao assunto por êle escolhido haver-se orientado, de modo espontâneo, para aquela forma harmoniosa. A forma, é provável que Reymont não a tenha procurado — o que parece ficar provado pelo restante de suas obras, tão diferentes; quando, porém, ela se lhe ofereceu, no curso de seu trabalho, Reymont a aceitou e obedeceu a suas leis. Êste é, sem dúvida, mérito bastante e digno de ser distinguido.

Os campônios poloneses de Reymont, por suas qualidades primitivas — e talvez apenas por isso —, representam a natureza simples e seus traços refletem o arcaísmo que convém à arte épica. Um grande valor estético não exclui, entretanto, defeitos em outros domínios. Esta multidão de personagens pouco tem que ver com o que se chama, em linguagem corrente, o caráter. Entre os personagens masculinos, raros os que possuem forças elementares de energia espiritual; e a elaboração dessas forças não inspira nenhuma estima. A dignidade viril, que consiste numa autodisciplina, senso de responsabilidade e concepção pessoal da idéia de direito, não pôde atingir nenhum grau de realização além de um sentimento de massa coletivo e vago: o que observamos sobre a vida da consciência é o terreno comum da aldeia e não o domínio reservado do indivíduo. Conseqüentemente, não se deve esperar mais dos personagens femininos: já não é pouco que no personagem de Hanus, cruelmente experimentado, as forças dóceis da natureza se fundam num senso obstinado do dever.

Difícilmente se poderia encontrar, com efeito, algum caráter moral naquela região baixa, atravessada por um rio de curso preguiçoso: desencadeia-se a paixão sobre a vontade dos homens como uma tempestade sobre os juncos que se curvam a cada sopro de vento e que uma faísca bastaria para incendiar. O senso da honestidade é incerto, sobretudo, talvez, por ter tido uma atmosfera bastante livre para desenvolver-se: desde tempos imemoriais aquêles homens tiveram de proteger-se contra a opressão dos que possuíam a terra — tudo o que êles possuíam para subsistir. E quando, finalmente, conquistaram a terra, êles a deveram a proprietários estrangeiros que, a con-

tragosto, lhes entregaram uma parcela de poder. A passividade, o fatalismo e o bom humor natural que, em semelhantes circunstâncias, se desenvolveram entre seus irmãos escravos do Este, não se manifestaram no temperamento polonês. Em vez disso, observamos certo nervosismo, que em parte alguma é característica do camponês, e que espontaneamente se manifesta em expressões de cólera ou atos violentos. Todos os maus tratos que sofreram não bastaram para dobrar-lhes a altivez, mas esta altivez é razoavelmente misturada à vaidade, que é também suscetibilidade e fraqueza, incapaz de servir de base à dignidade humana. Às suas virtudes falta firmeza, como às das crianças; mas em compensação eles guardam o frescor e o encanto da infância. Caracterizam-se pela correção, por uma suscetibilidade acesa às emoções; a sua alma é viva e inflexível; demonstram abundância de dons inesgotáveis; e, além de tudo isso, têm um encanto infalível, certo verniz de nobreza. O mais importante, todavia, é que esses indivíduos nos impressionam por sua vida fortemente imaginativa: em meio à pobreza e fragilidade, mantêm janelas abertas para o mundo dos sonhos e aí floresce tudo o que possuem de ternura, bondade e beleza.

A Igreja é que lhes reservou esse refúgio, e a ela são ligados por um amor profundo, respeito e veneração; por intermédio da Igreja, esperam, cada dia, uma compensação e uma transfiguração; e, em certo sentido poético, disso já se beneficiam. Tendo em vista continuamente esse comportamento é que o romancista conseguiu manter um constante teor de beleza em seu poema épico.

O clarão de heroísmo, cuja poesia precisa ser alcançada sem esforço, embora seja a matéria de sua narrativa, não lhe forneceu personagens heróicos. Devia ser captado apenas em seu apêgo, primitivamente forte e profundo, à terra que lhes dá e toma a vida e que empresta à sua luta e ao seu amor um pouco da imensidade das forças da natureza. O sôpro épico e a grandeza foram igualmente obtidos pelo simples toque do gênio na composição da obra modelada no ciclo das estações. O outono, o inverno, a primavera e o verão, como elementos

sinfonicamente equilibrados, unem seus contrastes e sua harmonia num hino à vida; e quando se conclui o curso do ano, através das vicissitudes do destino humano, esta impressão de vida persiste em nossa imaginação, constantemente renovada e constantemente presente. Na ação ricamente exposta, os mesmos episódios se repetem com frequência: têm um valor de símbolo. Sejam idílicos ou apaixonados, de uma brutalidade trágica ou duma franca alegria, são todos harmonizados ao ritmo dos Trabalhos e Dias, à maneira do mundo rústico de Hesíodo: trazem em si um pouco da juventude eterna da terra.

A monotonia, que em geral ameaça o romance camponês pela complexidade dos detalhes, pôde ser em grande parte evitada, pela extensão e mobilidade do assunto. A unidade de estilo foi combinada a um poder e a um encanto raros nas descrições; a apresentação dos personagens, em sua ação dramática, ocupa o lugar que lhe cabe no interior do quadro escolhido. Cada um dá a impressão de uma realidade fielmente fixada — com uma única exceção, talvez: a personalidade feminina de Jagna, que é mais um símbolo que uma personagem. Mas o símbolo se justifica poeticamente. Na verdade, é a poesia da terra polonesa e da camponesa da Polônia, toda a magia da natureza, a ação cega de suas forças, a sede de beleza e a irresponsabilidade que desabrocham e inebriam, que são profanadas e esmagadas sob os pés pela necessidade e pelo pecado. Toda a fraqueza que o escritor honestamente reconheceu em seus compatriotas, apesar do amor que lhes dedica, faz parte dessa natureza e de tudo o que é rico e esplêndido. Disso Reymont fez a musa trágica de sua obra; e se, nesta e nas outras — talvez como consequência de uma fraqueza que ele partilha com os que descreve —, não manifestou um julgamento claro, conservou, entretanto, o seu efeito trágico.

Em resumo: o romance épico caracteriza-se por uma arte tão apurada, segura e poderosa que podemos predizer-lhe um valor e uma colocação duráveis, não só na literatura polonesa, mas igualmente em toda categoria de obras de imaginação a que se deu uma forma nítida e grandiosa.

VIDA
E OBRA
DE
WLADYSLAW STANISLAW REYMONT
POR
JOSEF TRYPUCKO
Professor adjunto da Universidade de Upsala





WLADYSLAW STANISLAW REYMONT

Em 1924 a Academia Sueca resolveu conceder o Prêmio Nobel de Literatura ao escritor polonês Wladyslaw Stanislaw Reymont por sua grande epopéia nacional *Os Camponeses*. Para os que conhecem bem a literatura européia, a decisão não constituiu surpresa. O belo romance de Reymont, em quatro volumes, editado entre 1904 e 1909, tornara-se acessível a certos leitores da Europa ocidental graças a uma tradução perfeita de Jan Kuczowski (pseudônimo de Jean-Paul d'Ardeschah) para o alemão (1912-1916) e à tradução de Ellen Wester (pseudônimo de E. Weer) para o sueco (1920-1924). Os que não liam alemão e tivessem dúvidas talvez quanto à escolha do areópago sueco logo puderam tomar conhecimento do admirável romance através das belas traduções de Michel H. Dziewicki para o inglês (1924-1925) e de Franck L. Schoell para o francês (1925-1926).

*Uma das mais interessantes carreiras
literárias do mundo*

Os concorrentes de Reymont, além de seu patrício Stefan Zeromski, eram gigantes da palavra e da pena: Thomas Mann,

Maxim Gorki, Thomas Hardy, seguidos de Sigrid Undset, Olaf Duun, Vicente Blasco Ibañez e, finalmente, Grazia Deledda. Apesar de tão forte concorrência, a láurea foi concedida ao escritor polonês em vista do caráter épico de sua obra e do lugar reservado aos ideais com que sonha a humanidade, bem assim pelo seu alto valor artístico. O eminente crítico dinamarquês Georg Brandes já havia apontado *Pan Tadeusz*, de Mickiewicz, como a única epopéia válida da literatura mundial do século XIX, epopéia cuja novidade, comparada aos ensaios precedentes do mesmo gênero, consistia na observação, pelo poeta, dos elementos heróicos de sua própria época. Verdadeiro poema em prosa, *Os Camponeses*, de Reymont, deve ser considerado uma epopéia, igualmente bem realizada, do século XX, escrita com o espírito dos tempos modernos. A deliberação da Academia Sueca foi o ponto de partida de uma das mais interessantes carreiras da literatura mundial.

Tudo aprendeu na escola da vida

No que respeita à juventude e aos primeiros passos de Reymont no terreno da literatura, podemos considerá-lo o Gorki polonês: teve uma infância igual e passou por escolas semelhantes. Não terminou os estudos, tudo o que aprendeu foi com a experiência da vida. Natural de uma aldeia do antigo distrito de Piotrków em 1867, ali se conservou sem interrupção até 1893, constantemente lutando contra as dificuldades materiais, tentando diversas profissões e, por essa circunstância, tomando conhecimento mais aprofundado do infortúnio de párias como êle. Não pôde ficar por muito tempo no colégio onde o pusera o pai, que foi, de início, organista de aldeia, em seguida proprietário de cerca de 60 acres de terra e de um moinho, pai de seis filhos. Colocaram-no no comércio e êle fugiu. Incorporou-se a um teatro ambulante, depois aceitou um emprêgo subalterno em estrada de ferro, mais tarde deu um giro pela Alemanha com um famoso espírita para, afinal, retornar ao teatro. Depois disso, fêz um estágio como noviço entre os

padres Paulinos de Czestochowa; voltou à estrada de ferro como auxiliar, com um salário baixíssimo; ao fim de dois anos nesse emprêgo o resultado era negativo: "Compreendi que naufragara, apesar da minha luta e dos meus esforços de toda natureza." Recorreu, então, aos trabalhos literários. Vivendo entre camponeses, escreveu suas primeiras novelas sobre temas que melhor conhecia, quer dizer, sobre os lavradores, os artistas ambulantes e os funcionários "desajustados". Quando conseguiu, em 1893, a publicação de algumas de suas novelas, arrumou a mala e, com alguns rublos no bôlso, chegou a Varsóvia, disposto a começar vida nova.

Entre os pobres, o mais pobre

Instalou-se num quarto com um pedreiro, um sapateiro e um alfaiate. Como nesse meio "seleto" era o mais pobre, foi-lhe reservado um lugar no recanto mais sombrio, onde êle não poderia naturalmente pensar em escrever. Então, passou a refugiar-se na igreja de São João, onde, pelo menos, tinha clareza bastante para perceber a ponta da pena. Foi assim que deu início a um período extraordinariamente ativo de um trabalho febril.

Em 1895 publicou o primeiro livro, *Peregrinação a Jasna Gora*, narrativa de uma viagem a pé, com a multidão de fiéis, de Varsóvia a Czestochowa. Quase sem retomar o fôlego, escreveu duas outras grandes narrativas, sobre a vida dos artistas ambulantes, *A Comediante* (1896) e *Germes* (1897); reuniu num volume intitulado *Encontros* (1897) as novelas até então publicadas; em 1899 lançou um romance em dois volumes, *Terra Prometida*, sobre o meio industrial de Lodz, além de duas histórias curtas, *Lili* e *Segundo a Justiça*. Embora havendo alcançado indiscutível êxito entre críticos e leitores, continuou sempre às voltas com as dificuldades materiais. Só em 1899 é que, vítima de um desastre de trem, recebeu uma boa importância, a título de indenização, e se viu livre, para sem-

pre, daquelas dificuldades. Entre 1904 e 1909 saíram, sucessivamente, a tetralogia *Os Camponeses* e quatro outros volumes de narrativas. Depois vieram *Reportagem sôbre a Região de Chelm* (1910), o romance *Sonhador* (1910) e *O Vampiro* (1911), a que se seguiu, de novo, uma grande obra em três volumes, *O Ano de 1794* (1913-1918), e, finalmente, mais alguns volumes de narrativas. Finda a guerra, Reymont visitou os meios poloneses da América e utilizou suas impressões de viagem na composição de algumas grandes narrativas. Sua última obra, afinal, foi uma história alegórica da vida dos animais, *Revolta* (1924). Depois de sua morte, apareceu, em 1928, entre as obras póstumas, uma seleção de páginas sob o título *Krosnowa e o Mundo*. Em virtude de encontrar-se enfermo, não lhe foi possível receber pessoalmente o Prêmio Nobel. Morreu um ano depois, em dezembro de 1925, e foi sepultado por conta do Estado.

Autêntico autodidata

Como já acentuamos, a vida, no caso de Reymont, substituiu a escola ou a universidade. Não aprendeu, em nenhum lugar, a arte de escrever e, assim, pode-se dizer que não pertence a qualquer escola. Foi evidentemente um homem de sua época, submetido a suas correntes e modas literárias, acompanhando as ocorrências do momento, mas conservando, a respeito de tudo, um ponto de vista pessoal. Participou, depois do romantismo, do grande período que se caracterizou por uma nova floração da literatura polonesa; contemporâneo de Sienkiewicz, Orzeszkowa e Prus, estreou ao mesmo tempo que os poetas Kasprowicz e Wyspianski e os prosadores Przybyszewski e Zeromski. Tinha à retaguarda toda uma rica tradição literária positiva e, presentes, numerosos exemplos a seguir. Nada ignorava do naturalismo, nem do simbolismo francês, nem do impressionismo ou do expressionismo alemão, nem também do pessimismo russo à maneira de Gorki ou de Andréiev, tendo demonstrado, em relação a estes últimos, seu alto grau de independência. Contudo, se encontramos em sua obra motivos ou estilos conhecidos alhures,

não se pode atribuí-lo, o mais das vezes, a uma escola qualquer, mas quase exclusivamente a leituras ou a certos contatos com o mundo.

Obra baseada sobretudo em observações

Reymont escrevia como via e ouvia; em outros termos: copiava a natureza. Conhecia a fundo a vida de uma aldeia e este tema constitui a parte essencial de sua criação literária. Conhecia, como poucos, as condições de existência dos artistas ambulantes e utilizou o fruto de suas observações e de sua experiência nesse terreno em dois romances e em algumas narrativas de menor importância. Estudou, durante dois anos, a vida industrial de Lodz e pintou um quadro expressivo dessa cidade tentacular, onde as máquinas substituem o homem, e a sede de riquezas, qualquer outro ideal. Visitou a Europa ocidental quase inteira e conheceu igualmente a América. Estas viagens deram-lhe a substância de várias narrativas sobre temas poloneses ou estrangeiros. Sobreviveu, com o povo, à revolução de 1905 e foi testemunha do enfraquecimento do regime czarista na Polônia e do afrouxamento da censura; aproveitou então aquela oportunidade para pintar alguns quadros impressionantes, recentes ou atuais, do martirólogo nacional. Passou o período da primeira guerra mundial em Varsóvia e o que sentiu e viveu encontrou sua expressão artística numa coletânea de novelas, *Na Retaguarda*. Contudo, excepcionalmente se dedicou ao romance histórico, mas aí lhe faltou o contato direto com o meio correspondente, de sorte que algumas de suas páginas parecem bastante pálidas, faltando a muitos de seus personagens um fundo psicológico apropriado.

O autor e seus personagens

A experiência de Reymont no romance histórico era cheia de riscos, porque este gênero não correspondia à sua condição

psíquica. Dois elementos primordiais exerciam influência sobre ele: uma extraordinária memória visual e uma excelente memória auditiva. Em sua retina, como num clichê fotográfico, fixavam-se todos os detalhes, mesmo os mais ínfimos, os quais eram conservados para sempre, registrados nas células do cérebro, à disposição do escritor.

Graças, enfim, a essa memória auditiva extraordinária, os heróis de Reymont não se exprimem numa linguagem imposta pelo autor, mas em sua própria linguagem, reproduzida diretamente do natural. Reymont só se socorria de sua memória e sabia seguramente como fazer falarem seus personagens. Por outro lado, aproveitava a experiência obtida no curso de sua aprendizagem teatral. Antigo ator, habituava-se a ver seus heróis em ação; apresentava-os como se entre ele próprio e seus personagens não houvesse qualquer distância, nem no tempo nem no espaço; como se fôsse o testemunho visual da ação e gestos deles, cuja imagem transmitia, ainda fresca, diretamente a seus leitores. Partindo de tal base, o autor não tinha evidentemente oportunidade para a análise e a revelação do que se passava na alma de seus heróis. E isto é ainda uma consequência da estrutura psíquica de Reymont. Ele não é um filósofo e não sabe jogar a sonda nos meandros secretos da alma humana. Isto não quer dizer, entretanto, que seus personagens sejam bonecos que só saibam mover-se e falar. A arte particular de Reymont consiste justamente em assegurar a seus heróis um comportamento suficientemente claro — condicionado por suas predisposições psíquicas individuais — para compensar aquela falta de análise.

Reymont se absteve de "comprometer-se"

Uma circunstância importante precisa ainda ser ressaltada. O romance positivista polonês era, em geral, mais ou menos tendencioso; o autor se atribuía de bom grado o papel de mentor popular; podia-se sempre adivinhar qual o herói que ele

louvava e qual o que censurava. Nos romances históricos de Sienkiewicz ainda havia o objetivo de "reconfortar os corações", o que dava ao autor, por vezes, o direito de falsear a História. Nesse ponto, também, Reymont seguiu seu próprio caminho. Quase sempre se coloca na situação do observador imparcial e, mesmo com raras exceções, evita comprometer-se com os temas patrióticos que podem obrigá-lo a afastar-se dessa imparcialidade. Por vezes tem-se a impressão de que evita condenar a injustiça social e colocar-se na posição de defensor dos deserdados ou daqueles a quem causaram algum mal. Ele percebe a miséria humana, tem piedade dos infelizes, desajustados ou condenados ao extermínio, mas deixa unicamente ao leitor o direito de julgar os responsáveis por essa ordem de coisas. Tal "associabilidade" de Reymont impressionou os críticos e muitas vezes foi censurada a sua indiferença pelos grandes processos sociais, inútilmente, contudo, o mais das vezes. Um dos que melhor o conheciam, o professor J. Krzyzanowski, disse que Reymont não analisava nem julgava, limitando-se a oferecer uma exposição objetiva dos fenômenos, sem lhes aplicar os critérios sociais que eram de rigor na época.

Marcado pelo naturalismo de Zola

As primeiras experiências literárias de Reymont trazem a marca do naturalismo de Émile Zola: nelas o escritor pinta o destino dos sem teto, dos desempregados, dos famintos, dos seres que chegaram à maior miséria e que cometem um crime por um pedaço de pão, não por sua culpa, evidentemente. A sociedade não precisa deles e não quer assegurar-lhes condições aceitáveis de existência. As minúcias apresentadas pelo autor sobre a vida desses párias são de terrível realismo: um desempregado faminto liquida o amigo e benfeitor enfermo, a fim de obter o seu lugar; uma jovem prende o velho pai na adega para matá-lo de frio, por haver legado suas terras a outra pessoa. Aqui, lemos que numa noite de outono uma mocinha seduzida, com o filho pequeno nos braços, é perseguida pelo amante; ali,

o impiedoso julgamento de um ladrão de cavalos, etc. Na pena do autor, as desgraças alcançam o nível dos grandes problemas que a sociedade deve levar em consideração e para os quais deve encontrar as soluções eficazes. Outro problema preocupa o autor: os talentos artísticos, autênticos ou em potencial, que se perdem em virtude de a sociedade não querer tomar conhecimento de sua existência. É o caso, bastante conhecido, de *Janko, o Músico*, de Sienkiewicz¹: o caso do garoto doido por música que morre espancado por um criado estúpido, por ter ousado tocar no violino dêle. Este problema, no caso que acabamos de contar, é tanto mais curioso quanto o próprio autor é um "Janko músico", com a diferença, apenas, de que venceu todos os obstáculos, sem com isso deixar amesquinhar o seu talento. Uma verificação impõe-se, então: é a de que os verdadeiros talentos resistem à prova do tempo e de que nem todo "Janko músico" é fatalmente obrigado a morrer.

Pintor magistral da província

Os romances *A Comediante* e *Germes* apresentam justamente a história de um talento perdido. O autor nos introduz, aí, no meio dos artistas ambulantes e nos descreve magistralmente grande número de personagens que observou bem, com certeza aproveitando lembranças, gravadas na memória, da época em que também foi ator. Aliás, o meio artístico é só uma matéria entre outras, de modo algum a mais importante. Já nas primeiras narrativas Reymont deixava transparecer sua predileção pelos horizontes panorâmicos, nos quais o homem representa apenas um detalhe mais ou menos importante, enquanto a coletividade, ou, como no caso em foco, toda a província representa o papel principal. Esta província, êle a conheceu melhor que ninguém e sabia aproveitar seus dons de observação. Os dois romances citados são hoje, para nós, não simplesmen-

¹ Ver no volume *O Faroleiro e Outros Contos*, de Henryk Sienkiewicz, desta coleção.

te obras literárias, mas também um documento significativo sobre a sociedade da época, porque a província, tal como foi descrita, atualmente pertence a um passado que não volta mais.

Pintou uma espécie de painel da coletividade

Dadas as estreitas relações de Reymont com o campo e, em geral, com a província, *A Terra Prometida*, cuja ação transcorre em Lodz, chamada às vezes a Manchester polonesa, representa para nós uma autêntica surpresa. Aqui, entretanto, é o meio que constitui uma novidade. Além do meio, todos os elementos da obra viva de Reymont são, em princípio, os mesmos. É ainda um grande painel da coletividade, no qual toda a cidade tem o principal papel, representada por todas as categorias sociais. É considerável o número de personagens; cada um, todavia, tem seu lugar e é indispensável ao pleno conhecimento do conjunto. Todos eles só têm um imenso desejo: enriquecer a qualquer preço. Na verdade, não existe, nesse meio, o senso moral. Visto por Reymont, este quadro de uma cidade industrial moderna tem muito do Apocalipse. É um Moloque que esmaga com todo o seu peso; e o pobre ser é tão impotente diante dessa força que o mói quanto o eram os heróis antigos diante da Fatalidade.

A felicidade dos indivíduos, seus ideais, são frases vazias de sentido; não há lugar nem tempo para que se concretizem. Quando se lê *A Terra Prometida* tem-se a impressão de que o próprio autor é dominado pelo medo do futuro, cujos principais elementos figurativos seriam as florestas de chaminés lançando fumaça, e o elemento motor a ambição. O autor não compreendera ainda a importância das transformações sociais que se efetuavam diante de seus olhos e não alcançara o papel do operário nessas transformações. Estava persuadido de que os fundamentos econômicos do mundo futuro seriam baseados, como no passado, no trabalho do agricultor. O romance *Os*

Camponeses constitui um hino em louvor dêsse trabalho e representa seu *credo* social.

Em todo caso, *A Terra Prometida* foi, na abundante produção de Reymont, apenas um episódio, para o qual êle não se voltaria mais, pelo menos em seus maiores romances. Aliás, uma vocação o atraía. Reymont observou Lodz durante apenas seis meses, enquanto estudou a vida do camponês durante vinte e seis anos.

Epopéia da vida camponesa

Reymont sentia-se em condições de representar o papel de cantor do campo e criar a epopéia da vida camponesa. Quis, a um tempo, segundo confessou, dar uma réplica à *A Terra*, de Émile Zola, apresentando o camponês, não como um bruto inteiramente depravado, mas como um homem que, embora com defeitos, não deixa de ser, em nenhum momento, um homem e que chega mesmo, por vêzes, a elevar-se ao mais alto padrão de nobreza e heroísmo.

A composição de *Os Camponeses*, a obra mais importante de Reymont, é de rara simplicidade. No espaço de um ano, dividido em quatro estações, o autor enquadra a vida da aldeia de Lipce, esforçando-se por dar lugar, em sua obra, não apenas às pessoas que representam "tôdas as classes" daquela república em miniatura, mas também a tudo o que representa a vida dessa gente, quer dizer: o trabalho em casa e no campo, usos e costumes — casamentos, batizados e enterros —, a vida tranqüila e as "lutas", os ritos domésticos e religiosos, as alegrias e os dramas, a prosa e a poesia, as paixões e as resignações, enfim, a natureza que não serve apenas de moldura a êsses indivíduos, mas faz parte integrante dêles, vive com êles e penetra em sua vida, de forma que, por vêzes, o todo se amalgama de forma indissolúvel para compor um quadro perfeito.

Restituiu a dignidade ao camponês da Polônia

Também aí Reymont se conserva fiel à sua maneira de escrever e dá uma descrição, não dos indivíduos, mas da coletividade. Além disso, revela, como nas obras precedentes, uma grande independência na elaboração do tema. O camponês, tal como o encontramos aí, ainda não havia aparecido na literatura polonesa, que, no entanto, já reservara, excepcionalmente, lugar bastante para os problemas que interessam ao povo. O camponês não é mais um pária da sociedade, perseguido e explorado por todos, que sofre miséria e fome, a despertar a piedade e a compaixão. O de Reymont é consciente de sua condição e de seu papel na sociedade, consciente de sua dignidade humana. Apagou na memória a lembrança de um passado humilhante e se encaminha a passo seguro para a sua nova vida. Tem ética própria, consciência do lugar que ocupa no país; tem seu orgulho, sua sabedoria e mesmo suas leis. Na verdade, não representa papel algum na vida política e cultural, porque ainda é muito cedo; mas sente que o futuro lhe pertence. Está livre de qualquer complexo de inferioridade, porque é senhor de sua própria terra e não experimenta, de modo nenhum, o sentimento de ser escravo de ninguém. E como existe também na "República camponesa" uma aristocracia e um proletariado, é preciso considerar este fato como uma ordem de coisas existente no mundo. Ele ama apaixonadamente a sua terra, porque nela nasceu e nela produz e porque sem ela não seria o que é. Além da terra, tem ainda um outro grande amor: o da religião de seus antepassados e dos ritos religiosos, embora sua religião seja bem individual; ele se abebera nos ensinamentos da Igreja, bem como em numerosos elementos primitivos, até mesmo francamente pagãos.

Terra e Pátria

Na mentalidade do camponês o elemento patriótico tem menos expressão, o que está de acordo com a verdade histórica e é bem compreensível. Desde a concessão de terras aos cam-

poneses (em 1864) apenas cêrca de trinta anos decorreram; as relações entre o proprietário e o camponês mantiveram-se as mesmas, como é, aliás, acentuado no romance, em que o camponês se mantém à margem da sociedade. Por parte do govêrno russo, bem assim do da Polônia, não foram feitos muitos esforços para melhorar a situação do camponês e reparar os antigos preconceitos. Nestas condições, teria sido, evidentemente, um anacronismo atribuir ao camponês uma alta consciência nacional. Reymont bem o compreendeu; e, a despeito da tendência geral da literatura polonesa, fêz com que seu camponês amasse mais sua terra que seu país. O camponês de Reymont não tivera ainda tempo de entrar na História, fica fora dos acontecimentos históricos; guarda intactas para o futuro suas reservas de energia e de otimismo, assim como tôda a sua vitalidade primitiva. Na época da apoteose do super-homem, na época do pessimismo, da decadência do "fim de século", na época do desenvolvimento acelerado das artes em relação com as necessidades essenciais da vida, o camponês se conserva como uma terra virgem, no seio da qual estremecia a vida futura e onde devia nascer a consciência de seus deveres cívicos.

Reymont despertou o sentimento nacional polonês

Isto não significava, entretanto, para o camponês de Reymont, que lhe era indiferente viver sob qualquer regime e falar qualquer língua. O sentimento nacional, que tinha adormecido, despertou quando colonizadores alemães se instalaram na aldeia ou quando o govêrno czarista quis impor-lhe a escola russa. Foi nesse instante que êle compreendeu claramente que era polonês. "Todos os animais têm sua própria língua", exclama um deles. "Somos os únicos a falar à força uma língua estrangeira." Os poloneses defendem evidentemente a língua materna e não a da escola, porque, pela instrução, têm ainda que fazer um grande esforço (consequência de uma política czarista consciente) e muitos, dentre êles, mal sabem ler os papéis que recebem da municipalidade.

Os Camponeses, aliás, não é apenas o romance dos indivíduos e de sua história; é, ao mesmo tempo — fato único no gênero —, um documento etnográfico, no qual nada foi omitido a respeito da vida do campo; romance de uma perfeita autenticidade, copiado diretamente do natural e reproduzido em tôdas as minúcias por um verdadeiro sábio. É uma antologia poética da vida camponesa, como *Pan Tadeusz* é uma enciclopédia poética da vida da nobreza.

Documento histórico e poema da natureza

Mickiewicz soube apreender esta vida no momento em que ela se incorporava à História, salvando-a, em seu poema, para a posteridade. Reymont fez o mesmo em relação à vida do camponês e a fixou em seu romance, quase no último momento, quando, por força de novos métodos de cultura e da rápida industrialização do país, a aldeia perdia suas características primitivas; quando uma parte do proletariado local ou se deslocava para a cidade, a fim de reforçar a classe operária, ou emigrava para o outro lado do oceano. *Os Camponeses*, de Reymont, é a visão da vida aldeã de antigamente, da qual quase não existe mais nenhum traço. É, por conseguinte, um documento histórico insubstituível.

Obra-prima de categoria mundial, êsse romance. Lendo-o, às vezes ficamos sem saber onde acaba o romance e onde começa o poema. A descrição da natureza é incomparável; na literatura polonesa ninguém, desde Mickiewicz, soube pintar tão belas paisagens. Graças à sua memória visual, principalmente à sua sensibilidade às cores, Reymont fez de seu romance um maravilhoso painel colorido. Além disso, conseguiu, com a língua, obter tais efeitos musicais que algumas páginas constituem verdadeira sinfonia. Os camponeses falam, evidentemente, a sua gíria. Como o autor, todavia, representando seu papel de observador, elimina a distância existente entre êle e a realidade que nos pinta, êste dialeto se incorpora também à parte

narrativa, dela se tornando o elemento principal e acentuando ainda o caráter autêntico do romance. Aliás, não se trata apenas da linguagem. Também o estilo de *Os Camponeses* é a tal ponto saturado de elementos folclóricos que o romance de Reymont dá, em certas passagens, uma impressão de autenticidade, podendo ser plenamente utilizado por quantos estudam folclore.

A Lei do Cnute

O ano de 1905 assinalou para os poloneses uma virada da política do governo russo. A consequência imediata dos acontecimentos que se verificaram naquele ano, tanto na Rússia como na Polônia, foi, entre outras coisas, um importante afrouxamento da censura, bem assim maior liberdade de expressão acerca dos temas nacionais. Reymont aproveitou a nova atmosfera que reinava em seu país para escrever uma narrativa, *Jornadas da Constituição* (1905), na qual vibra distintamente, pela primeira vez, a corda nacional; o autor descreveu o martírio de Varsóvia durante as jornadas memoráveis dos ataques à polícia do czar e à sua opressão. Sua segunda obra em importância, de característica semelhante, é a impressionante reportagem *Sobre a Região de Chelm*, escrita depois da promulgação de uma lei, pelo governo do czar, sobre a tolerância religiosa — narrativa que se vai ler, neste volume, sob o título *A Lei do Cnute*.

Após a união da Polônia com a Lituânia, verificada em 1386, existiam nas fronteiras do novo Estado muitos católicos (ortodoxos) que, de início, dependiam diretamente do patriarca de Constantinopla, como, aliás, toda a igreja do grão-ducado de Moscou. Após a ruptura de Moscou com Constantinopla e a concessão da independência à igreja russa, os católicos ortodoxos polono-lituanos viram-se diante de um dilema: ou depender, como antes, de Constantinopla ou reconhecer a autoridade do patriarca de Moscou. Uma terceira solução, finalmente, foi escolhida: reconheceram a autoridade do Papa, que, por sua vez, permitiu a manutenção da liturgia grega e do ca-

lendário juliano (União de Brzesc, 1595). Foi assim que nasceu o rito uniata. Quando ocorreu a derrota da Polônia, os uniatas ficaram, evidentemente, muito malvistos pelas autoridades russas, que resolveram destruí-los na primeira oportunidade. Essa oportunidade apareceu com a repressão à insurreição de 1830. A título de represália, encontraram meio de decretar a liquidação da igreja uniata no território russo-lituano. A lei foi aplicada com o maior rigor. Só restou uma pequena fração encravada no território de Chelm, na parte chamada "Reino polonês". Abafada a insurreição de janeiro de 1863, procuraram liquidar o resto. Intensificou-se a ação em 1874 e 1875; durante êsses dois anos foram empregados todos os meios, desde a persuasão macia até os atos violentos e mesmo cruéis. É precisamente a história dêsses anos que Reymont focaliza em sua reportagem.

Narrativa impressionante das perseguições religiosas

Depois do grande ardor épico e da profusão das obras precedentes, Reymont nos surpreende com rara economia na escolha das expressões e das cenas, bem assim por sua moderação. Só o tema bastaria, amplamente, para compor uma nova grande epopéia popular; o autor, no entanto, evitou intencionalmente qualquer efeito literário, nem mesmo aproveitando todo o material de que dispunha. Limitou-se a apresentar alguns episódios — narrados pelos próprios heróis — daquelas perseguições religiosas, sem exemplo na história da Europa dos tempos modernos. Tudo contou sem lirismo, sem efeitos declamatórios, sem apêlo a Deus para reclamar justiça e vingança. Sabe extrair dos fatos brutos um depoimento irrefutável sobre a verdade. Êste quadro direto, êste tom de testemunho que já não se espanta mais com coisa alguma neste mundo, eis justamente o que mais impressiona. Existem, sem dúvida, muitas descrições de missa na literatura mundial; nenhuma, entretanto, é mais impressionante que a de Reymont neste pequeno livro.

Antes do amanhecer, no meio da mata, na presença de milhares de fiéis humildemente ajoelhados, fugidos da polícia do czar, quando se faziam ouvir os cantos tristonhos dos pavoncinos e os gritos das aves selvagens, realizou-se o sacrifício incruento: "A floresta agita-se — por um momento ela entra em movimento — e depois se acalma, atenta, como se quisesse ouvir o murmúrio das preces fervorosas, queixumes e gemidos."

"O Ano de 1794"

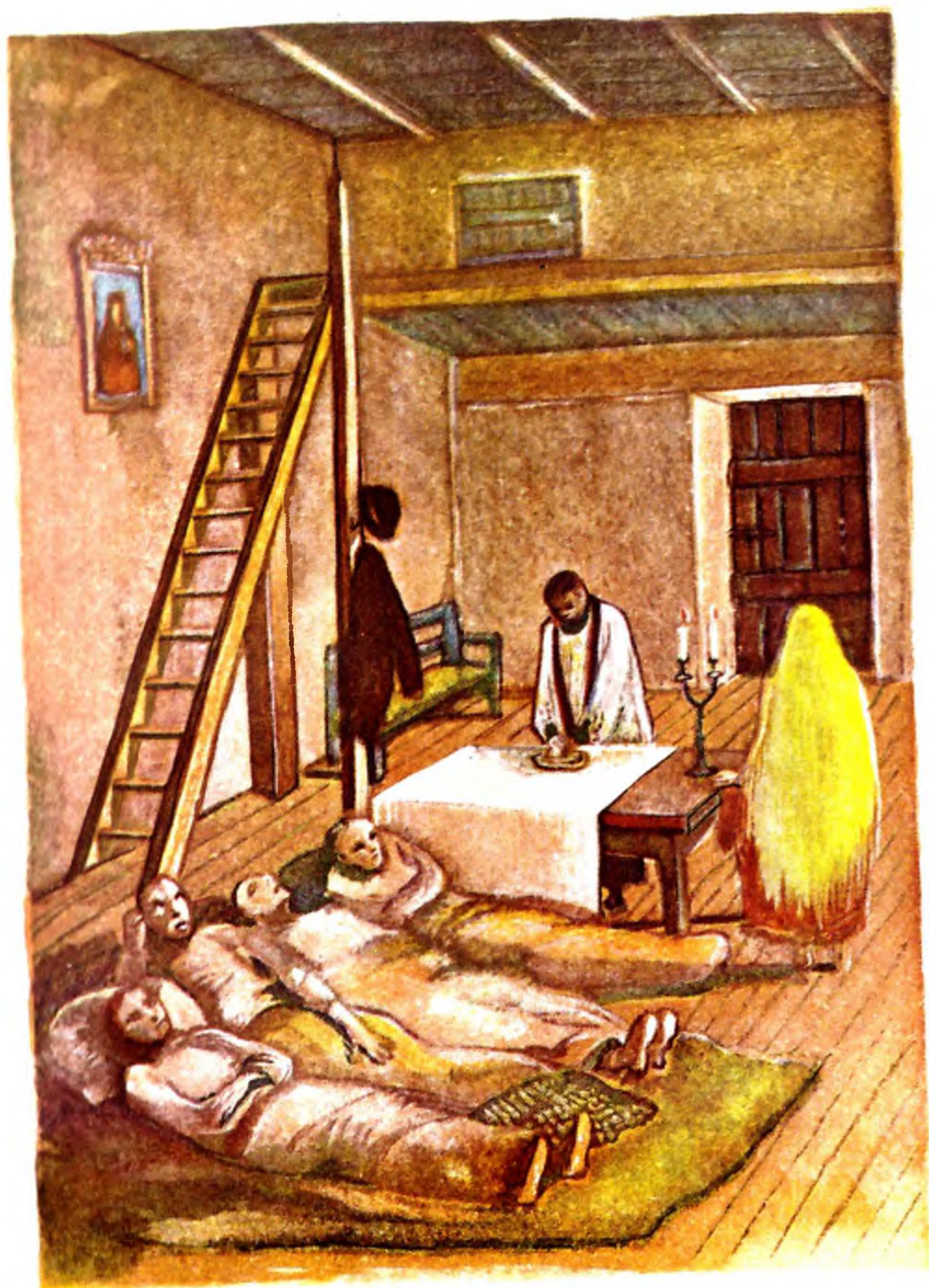
Até então, em tôdas as suas obras, Reymont se havia dedicado na atualidade, como se quisesse provar que só se pode escrever com exatidão sobre o que se vê. Por isso é que, para os seus leitores e admiradores, a trilogia histórica de *O Ano de 1794* foi uma extraordinária surpresa. Trata-se, como o indica o título, dos últimos instantes da nobreza livre e da agonia do Estado outrora grande e poderoso. Difícil explicar a razão por que o autor escolheu o instante mais sombrio da história da Polônia — justamente o instante do qual nada se pode aproveitar para "encorajar os corações", tanto mais quanto o romance parece inacabado. Falta o desdobramento dos acontecimentos verificados após a insurreição de Kosciuszko, bem como o último desmembramento do país. Tem-se a impressão de que a abundância do novo tema esgotou o autor antes de chegar ao fim seu trabalho.

Apesar disso e de alguns pequenos defeitos de composição, *O Ano de 1794* é uma obra excelente, com tôdas as qualidades que refletem o grande talento do escritor. Representa ainda um imenso afresco, que oferece uma visão sintética de toda a sociedade polonesa da época, dos magnatas aos burgueses e aos camponeses. Percebemos aí, novamente, a atitude enciclopédica do autor, seu empenho em esgotar tôdas as matérias importantes e oferecer um quadro minucioso de toda aquela época.

Digna de nossa maior admiração é a habilidade com que Reymont descreve cenas coletivas. Tudo aí está em perpétuo movimento, a impressionar-nos pela excepcional riqueza de cores. Os personagens isolados são relegados para o último plano; o leitor só percebe a multidão — nos salões, na Câmara da Dieta, nas ruas, nos combates. Duas cenas de batalha despertam particularmente a atenção: uma nas ruas de Varsóvia, com a participação da gente da cidade, outra nos campos de Racławice, com a dos camponeses. O que o autor não havia narrado em obras precedentes, aqui encontrou expressão: os homens da cidade e do campo fizeram prova de cidadãos e alcançaram plena reabilitação, como dignos filhos de seu país. Este ajuste final — que consiste em destacar, não a aristocracia, mas justamente as duas classes populares que haviam sido até então afastadas da vida política — parece alertar o mundo da nobreza, que, à véspera de recuperar uma independência que não soubera conservar, deve ceder lugar às novas forças nacionais até então desprezadas.

Em sua obra a coletividade supera o indivíduo

Raramente Reymont transmite sua opinião acerca das questões sociais, a respeito das quais não tinha provavelmente uma compreensão exata. Ele era um artista, sobretudo, e, além disso, um observador imparcial da vida. No homem, o que o interessava, acima de tudo, era tanto o indivíduo quanto esta parcela da coletividade que o fazia conhecê-lo melhor. Esse homem, saído da gleba polonesa, traz consigo, todavia, os mesmos germes de defeitos e virtudes que caracterizam todo ser humano, independentemente de sua origem e de sua naturalidade. Por ter sabido, de um lado, fixar sua imagem e, doutra parte, defendido seu ideal, Reymont, como mágico do verbo, transpôs os limites de sua nação e de sua época. Hoje ele se conserva tão atual quanto no momento em que lhe foi atribuído o Prêmio Nobel pela obra de sua vida.



WLADYSLAW
STANISLAW
REYMONT

A LEI
DO CNUTE
E
CONTOS



A LEI DO CNUTE

O Sr. R. . . . , numa crescente exaltação, exclamou:

— Mas eu também participei na última missão, cujos menores detalhes posso narrar, tão profundamente gravados me ficaram na memória. Apenas farei referência, em primeiro lugar, a uma cena bastante característica, a fim de que você tenha um quadro mais completo da vida dos Uniatas antes do Acôrdio de tolerância.

.....

Naquele ano a Páscoa foi no comêço de abril, simultâneamente com a Páscoa ortodoxa. Lembrei-me de que na sexta-feira santa caía a neblina desde a manhã. Os fossos ainda estavam cobertas de neve, os campos alagados, os caminhos impraticáveis. Eu andava de um lado para outro, irritado, porque, pelo jeito, o tempo não melhoraria tão cedo, quando, por azar, o ferreiro me pediu que atrelasse o carro e fôsse buscar o cura para sua mulher.

— Que aconteceu? Ainda ontem à noite eu a vi cuidando das vacas!

— Ela adoeceu ontem à noite. Agora, está de cama, está à morte... — disse, passando a manga nos olhos.

— Vá para casa, talvez ela o ajude.

— Não tenho coragem; se fôr bexiga?

Fiquei deveras amedrontado. Desde o inverno a varíola castigava a nossa aldeia.

— E se trouxesse o médico? — propus, sério.

Ele fez como se caísse das nuvens e escancarou a bôca. Depois, jogando-se a meus pés e beijando-me as mãos, murmurou, apavorado:

— Só o padre. Os doutôres não farão nada. Para que servem êles? Só fazem olhar para você, apalpar, escrever uma receita, receber o dinheiro e deixar a doença. Deus mais depressa dará o remédio. Minha mulher só faz pedir um sacerdote.

Fui ao estábulo para recolher quatro cavalos, porque até à paróquia havia uma lama infernal. Ao passar diante das casas, tive a impressão de descobrir a mulher do ferreiro, na soleira da porta, preparando-se para dar de comer aos porcos. Pus-me a criticá-la, porque, em semelhante estado, ela se expunha ao frio. Sorrindo, com um ar intencional, fêz-me sinal para entrar, fechou a porta e me disse baixinho:

— É preciso que o cura venha, com o bom Deus; que venha de qualquer jeito.

Ela falava num tom incisivo, com os olhos brilhando tanto que pensei estivesse delirando.

— Eu estou bem, graças a Deus! — declarou. — Mas o cura só pode vir à minha casa. Aqui, apenas eu sou católica.

Começava a compreender.

— Quem é, então, que está doente? — indaguei.

— Há quatro pessoas, estão perdidas. Contudo, não se pode deixar que morram sem o socorro da religião. Estão inscritas como ortodoxas, o cura não tem o direito de vê-las. Será que essas pobres almas irão embora sem sacramento? Há oito dias que sofrem, há oito dias que não podem morrer e só fazem chorar, pedindo o sacerdote. É horrível ver e ouvir isso. Então, eu disse comigo mesma: fingirei de doente, Deus me perdoará esta mentira. O cura virá à minha casa; os doentes serão trazidos para cá e se confessarão. Os policiais não desconfiarão de nada.

— E quer trazer bexiga para a sua casa? — perguntei.
— Se Deus não quiser, ninguém perderá um cabelo da cabeça — respondeu-me, séria.
— Mas a senhora tem crianças, que facilmente poderão ficar doentes.
— Ora, Deus será misericordioso. É preciso ajudar os infelizes. Acredita que seja pouco ter almas para salvar? — exclamou com tal firmeza que me senti convencido, mandando preparar os cavalos.

Ao anoitecer, trouxeram os doentes para a choupana do ferreiro e os estenderam, um ao lado do outro, no soalho. A mulher colocou-lhes nas mãos velas acesas, ajoelhou-se entre eles e pôs-se a orar fervorosamente por aquêles agonizantes, que se conservavam imóveis, aguardando pacientemente a confissão, a absolvição e a morte.

Isso eu vi com os meus próprios olhos e jamais o esquecerei.

O sacerdote chegou tarde e, logo a seguir, passo a passo, os agentes russos, como sempre, a fim de vigiá-lo, para ver se êle não trazia para os "opositores" os socorros da religião. Durante todo o tempo êles ficaram ao relento, diante das janelas trancadas, sem poder encontrar a pista. O padre encomendou os doentes e se foi; os quatro morreram na mesma noite.

Poucos dias depois, dois filhos do ferreiro também morreram.

A mãe dêles pagou caro pela caridade, mas suportou o golpe com radiosa coragem. De volta do entêrro, disse à minha mulher:

— Perdi meus filhos, perdi... Mas, com sua morte, êles resgataram quatro almas da perdição eterna.

Bem. Pouco depois que o cura se foi, com seus "anjos da guarda", quando tudo estava calmo na casa, dirigi-me ao escritório. Mal havia acendido a lâmpada, ouvi baterem à janella: uma sombra surgiu na vidraça.

Apanhei o revólver e saí. Um homem estava à porta. Embarcou-me e murmurou:

— Amanhã à noite, missão.

— Onde?

— Logo depois do meio-dia, um carro com um cavalo cinzento parará diante da estalagem. Dois camponeses lá estarão: siga-os e eles o conduzirão.

— De onde vem o senhor? — indaguei, sem querer.

— De qualquer parte — respondeu, bruscamente.

Insisti para que entrasse e descansasse um pouco.

— Agora não. Preciso ir acordar os que dormem — disse, num tom grave.

— Posso levar minha mulher?

— É muito longe para ela. Além disso, as mulheres preferem morrer a guardar silêncio.

Preparou-se então para partir.

— Pelo menos fique até o amanhecer. Nessa noite escura e com degêlo...

— Não há um fôssco por aqui que eu não conheça. Depois, quem leva boas notícias não se perde no caminho. Já estou atrasado; tive de esperar que o padre e os policiais fôssem embora.

— O cura irá a essa missão?

— Não o nosso, evidentemente, que é um dêsse estalajadeiros de paróquia que há por aí!

Estas palavras, em sua bôca, me surpreenderam, mas quando me refiz, já ele havia partido. Só ouvi o chapinhar na lama e o rosar dos cães, que pareciam acompanhá-lo como a um amigo.

No dia seguinte, ao meio-dia, depois de haver-me vestido de modo a não atrair a atenção de ninguém, fiz atrelar à minha *bryczka* um gordo cavalo de trato e me dirigi à aldeia. Diante da hospedaria achava-se um carro. Observei o cavalo cinzento e os dois camponeses. Como eu ia ultrapassá-los, eles saíram à minha frente, sem dar o menor sinal de que me haviam visto.

As estradas estavam horríveis, esburacadas, como leitos de rios enlameados. Nós seguimos juntos, evitando as aldeias e fazendo tais voltas que logo se me tornou impossível orientar-me.

Apesar de minhas previsões, o dia estava lindo, verdadeiro dia de primavera, com cantos de cotovia e brilho das planícies

inundadas. Aqui e ali, nos recantos mais quentes, o trigo aparecia.

Íamos atingir um enorme povoado, que as cúpulas verdes de uma igreja russa dominavam, quando meus guias pararam. Um dêles gritou para mim:

— No fim, à direita, a última casa.

Enquanto êles tomavam um atalho, entrei corajosamente na vila.

O caminho, entre construções e cheio de poças, vibrava com o alegre rumor que precede os dias de festa e o latido furioso dos cães que me perseguiram. Diante da igreja, que outrora pertencera aos católicos, o guarda olhou-me com tamanha atenção que instintivamente instiguei o cavalo. Com grande surpresa, observei que numerosos carros seguiam pelo campo, com arados e grades, quando a região baixa ainda estava inundada. Alguns camponeses, que se achavam sentados num montão de varas, diante de uma porta, ergueram-se, quando me aproximei, dirigiram-me um "louvado seja Nosso Senhor!" e me acompanharam. O burgo estendia-se por mais de duas verstas. Ao chegar ao fim, procurei divisar a última habitação, quando um daqueles homens me disse, em voz baixa:

— O sentinela o acompanha. Tome à direita, dê a volta pela casa, vá por trás dos edifícios, perto da granja.

Em seguida, passou à frente, sem haver parado um momento.

Segui o conselho. O atalho que tomei atravessava um salgueiral cerrado e passava perto de uma grande casa, tão bem escondida pelas árvores que mal se distinguiam as paredes brancas e o telhado.

Disfarçadamente, olhei para trás: na volta do caminho, o guarda me observava por entre os galhos. Um a um os camponeses entravam pelo mato.

Aproximei-me da casa, impaciente por encontrar uma entrada, mas a casa parecia abandonada. Esteiras tapavam as janelas, as portas que davam para o pátio estavam trancadas e a da garagem, aberta na cêrca, trancada a cadeado. Por mais que fustigasse o cavalo, com o maior ruído, e estalasse o chicote, nenhuma voz, nenhum latido se fêz ouvir. Finalmente, quando

dei a volta por trás da granja, duas portas se abriram de repente, para me dar passagem, e logo se fecharam.

— Pode-se deixar o cavalo na cocheira — disse um velho camponês de cabeça branca, afastando-se, a seguir, sem mais prestar-me atenção.

Alguns cavalos já se encontravam ali. Entrei rapidamente na sala, quase às escuras. As janelas calafetadas mal filtravam alguns raios de luz, contudo, à claridade avermelhada da lareira percebi que se achavam sentadas, ao longo da parede, umas sessenta pessoas. Ninguém me cumprimentou. Dir-se-ia que não haviam notado a minha entrada, mas um murmúrio abafado correu entre eles e eu senti que me dirigiam olhares atentos e desconfiados. Tentei travar conversa. Responderam-me evasivamente, com um ar pouco atraente. Além disso, quando procurei falar sobre a missão com certa insistência, um deles cortou-me a palavra, impaciente:

— Isto é o que veremos quando chegar a hora.

Finalmente, percebendo meu embaraço, uma mulher explicou-lhe quem eu era.

Mãos calosas estenderam-se para mim. Alguém lançou gravetos no fogo, a chama iluminou a sala e pude distinguir o que me cercava.

Não conhecia ninguém pessoalmente, mas já havia visto aquêle tipo de pessoas, aquelas faces austeras e doces, aquêles olhos intrépidos, aquelas cabeças de mártires dos “oponentes”.

— Um estranho nunca se meteria por aqui! — disse, cumprimentando-os um a um.

— Mas tôdas as precauções são poucas. O mau elemento é como o mau cheiro: entra em qualquer parte.

— Às vêzes, a gente precisa ter cautela com a própria sombra.

— E como é difícil a gente precaver-se, quando agem, em tôrno, tantos “aliciadores de almas”!

— Recentemente, eles apanharam Miguel Klimiuk de Wisznica, aquêles cães!

— Como? Como? — ouviram-se vozes assustadas.

— Ora, eles o pegaram! Por causa de um casamento católico, senhor — disse o que falava, voltando-se para mim. —

Ele se casara no outono, em Cracóvia. De volta, ela, que era de outra comuna, passou a viver na casa dele, como criada, e viveram os dois como os cristãos devem viver. Pois uma noite os policiais os surpreenderam juntos, vasculharam a choupana de alto a baixo, tiraram até a palha do teto e encontraram a certidão do casamento. O que eles tiveram de sofrer, os infelizes, só Deus o sabe! A mulher foi mandada para a casa do pai, garroteada como uma rês de matadouro. O homem está no distrito. Querem agora que ele se case, de nôvo, diante do pope.

— Ele não se sujeitará a isso — insinuei.

— Ele? É inflexível. A mãe foi tão bem "convertida" que morreu; o pai está em qualquer parte da Sibéria. É o resistente dos resistentes, garanto. Os outros o sabem. O casamento vai custar-lhe caro, ele ainda não viu tudo!

As línguas se destravavam; pouco a pouco, quase sem o querer, tranqüilamente, sem queixumes nem gritos, aquêles corações humildes se expandiam em contato comigo. Falavam-me dos seus sofrimentos de cada dia, dos vexames incessantes, quotidianos, sistemáticos, a que estavam expostos, das multas que tinham de pagar por tudo: por ter batizado um filho e por não tê-lo batizado, por haver enterrado seus mortos às escondidas durante a noite, por ter casado ou confessado, por haver entrado numa igreja. Contavam-me sua vida insuportável de incômodos e perseguições, a via dolorosa que percorriam pelos tribunais, comissões e prisões, seus apelos inúteis à justiça, suas intermináveis noites de lágrimas e dias intermináveis de terror e de sofrimento.

Já sabia o que era a vida deles, mas ouvindo aquelas tristes, monótonas e calmas narrativas, cheias de obscuro heroísmo, de luta eterna, de inexpugnável fé, de abnegação sem limites, parecia-me ouvir um grupo de cristãos do tempo de Diocleciano contar-me sua sangrenta história.

Os outros, todavia, morriam pela Fé e aquêles morriam pela Pátria.

Todos ali estavam, todos viviam assim, sofriam e lutavam do começo ao fim. E essa luta durava longos, longos anos, sem trégua nem piedade.

Aideias inteiras desapareciam da face da terra; famílias, gerações eram liquidadas, empenhando até o último suspiro, sem perder uma polegada de terreno e sem pedir perdão. Esquecidos, desprezados, miseráveis, no lúgubre horror do abandono, resistiam apesar de tudo, intrépidos sempre e sempre invencíveis.

Eu estava ali, quase inanimado. A casa inteira parecia sacudida por um soluço; a cada palavra, cria ver correrem lágrimas ou exalarem-se vapores de sangue. Uma voz fêz-se ouvir acima de todas:

— Tomara que isto não piore! Já é tão duro, tão duro...

— Já resistimos por muito tempo, resistimos tanto que isso agradará a Deus.

— As coisas podem mudar. Dizem que, depois desta guerra do Japão, tudo melhorará...

A conversa continuou, iluminada por algumas tímidas res-tias de esperança. Falavam sobretudo da guerra. Para satisfazê-los, tive de discorrer sobre quase todas as batalhas. Eles ouviam num profundo recolhimento, e já estranhos sorrisos transpareciam em suas fisionomias inquietas, quando, no melhor de minha narrativa, alguém exclamou:

— Eis aí o castigo de Deus, para que eles também aprendam!

Uma mulher, que até então nada houvera dito, explodiu em soluços e contou-nos, entre lágrimas, que seu filho morrera longe.

Houve um silêncio. Os presentes baixaram a cabeça, com rugas de dor na fronte. Alguns olhos se umedeceram, porque quase todos tinham um parente no exército. Um velho que tinha um rosário no pescoço de repente rompeu o silêncio e, ajoelhando-se diante das imagens sagradas, disse, num tom solene:

— Oremos por eles, que não morrem pelos seus.

Ajoelharam-se e rezaram algumas fervorosas preces.

Mal se havia erguido, um homem entrou e falou:

— A caminho. Está na hora.

Coloquei apressadamente a peiça. O velho do rosário me perguntou, fitando-me:

— Quer ir à missão? Sabe o que pode acontecer?

Corri o olhar pela sala, que estava cheia. Todos tinham os olhos fitos em mim.

— Irei, estou disposto a tudo — declarei, rapidamente.

Êles não responderam: apertaram-me a mão, apanharam os chicotes colocados a um canto e saíram.

Anoitecia. Um vento glacial soprava no campo. Todos contornaram a granja, dirigindo-se diretamente para a mata, que escurecia o horizonte como um nevoeiro sombrio. Eu era o segundo. O carro da frente, que me precedia, levava três camponeses. Uma longa fila devia acompanhar-nos, porque eu não via o fim do cortejo.

A escuridão era profunda; o céu, inteiramente coberto. A fina camada de neve, que cobria a lama, rangia sob as rodas. Avançávamos lentamente, sem o menor rumor. Aqui e ali, alguns focos luminosos indicavam uma casa mergulhada nas trevas. O vento nos trazia o latido dos cães ou o eco de ruídos longínquos; os cavalos por vezes resfolegavam. Chegamos, afinal, ao atêrro e, sem usar o chicote, pusemo-nos a galope a fim de entrar, o mais rápido possível, na mata que se avizinhava.

Grandes fossos cobertos de mato margeavam a estrada.

De súbito, uma ordem:

— Alto!

Um homem saltou do primeiro carro e estirou-se no chão, ouvido atento.

Tôda a fila se deteve, como petrificada. Eu observava tudo de respiração prêsa. Longe, diante de nós, mal se fazia ouvir um rumor qualquer.

— Um carro de quatro cavalos. Só Deus sabe o que é. Aos fossos! O senhor continua aí, mas não vá muito depressa.

Os galhos quebraram-se, a água marulhou, num instante o caminho ficou deserto.

Pus-me então a caminho. O rumor aproximava-se.

Em pouco vi a luz das lanternas, ouvi o rumor dos cascos e da parelha. Dois minutos depois um carro puxado por quatro cavalos passou a meu lado. Conduzia algumas pessoas que não pude distinguir e que falavam russo.

— São guardas em serviço, senhor; não digamos nada; para que amedrontar os outros? — murmurou alguém, quando o carro desapareceu à distância.

Tomamos um caminho que seguia à margem. Acendi um cigarro.

— Apague! Poderiam ver de longe.

Apenas consegui ver, pelo meu relógio, que passava das dez horas.

Bordejamos a mata durante uma hora. A escuridão, o silêncio, o rumor das árvores, o ranger monótono das rodas já me entorpeciam quando percebi que andávamos por campos arborizados e inundados em vários pontos. Logo despertei, visto que a água nos enlameava e pavoncinos espantados gritavam por sobre nossas cabeças. Atravessamos uma vasta pastagem com imensos lodaçais. Aí nos detivemos, em certa encruzilhada, perto de uma cruz onde já se encontravam uma longa fila de carros e numeroso grupo de peões, cada vez mais numeroso.

Uma floresta imensa estendia-se diante de nós como uma longa muralha negra.

O tempo clareava, algumas estrêlas brilhavam no céu, sons distantes de trompa chegaram até nós no sopro do vento.

— A caminho! — determinaram. — Ninguém se afaste.

Em poucos minutos todos os carros atingiram o limite e aí se detiveram, ainda, porque do fundo da mata uma voz se fez ouvir:

— Quem vem lá?

— Amigos, amigos — responderam vozes impacientes.

— Ninguém passa, o dique está arrasado, a ponte foi arrastada. Voltem!

— Vamos esperar, talvez possamos passar — disse gravemente um dos homens do primeiro carro.

— Ah! Fale então! Os russos também sabem gritar: amigos!

Só depois compreendi que a senha era “vamos esperar”.

Um som prolongado de trompa ainda se ouvia; entramos na mata. As tábuas de uma ponte oscilante estremeceram sob a minha *bryczka*. Meu cavalo empinou, mas eu consegui vencer a dificuldade e mergulhei literalmente nas trevas. A floresta nos cobria como um espesso manto negro. Não se enxergava sequer a garupa do cavalo; só os troncos das bétulas tinham, na escuridão, brancura de sonho. Em certo ponto tive de saltar

e puxar o cavalo pelo bridão, porque êle batia contra o revestimento do dique, cujas tábuas de madeira cediam, sob os cascos, como teclas de um teclado. Eu caminhava, às vêzes com a lama até os joelhos, apoiando-me nas árvores, curvado para evitar os ramos que me fustigavam. Chegamos, finalmente, a um lugar menos úmido. Senti sob os pés um terreno sólido e, acima da cabeça, vi as estrêlas por entre as copas recortadas das árvores.

— Parem os carros! Deixemos passar os peões.

Detive-me; logo se elevou o rumor de cochichos abafados e passos cadenciados, em tórno de mim. Sombras confusas deslizavam pela mata numa interminável procissão, pouco a pouco enchendo a floresta com o ruído surdo de seus passos — ruído semelhante ao ribombo irritado de água que sobe. Os cavalos, assustados, sacudiam os varais e escavavam o chão. Os homens iam andando, andando sempre, como um rio correndo, desaparecendo no coração da mata.

Não sei quanto tempo isso durou; por fim, contudo, me parecia que a mata também estremecia e se escoava com aquela massa irresistível.

A certa distância, crepitou de repente uma fogueira, que, constantemente alimentada com galhos, logo fez subirem as chamas. Centenas de homens giraram em tórno de suas pequenas fogueiras vermelhas. Aproximei-me, o frio era intenso. Um dêles cedeu-me seu lugar, dizendo amavelmente:

— Procure aquecer-se, senhor. Vai demorar a amanhecer.

Aqueci-me com verdadeiro prazer. O braseiro crepitava alegremente, ora lançando uma chuva de faíscas, ora levando até à copa das árvores sua juba ardente e desgrenhada que iluminava com uma luz fantástica os troncos ferrugentos dos pinheiros e todo aquêle formigamento de homens e cavalos.

A meu lado falava-se a meia voz:

— Êles não chegarão lá antes do amanhecer.

— Tomara que não lhes aconteça nada!

— É na colina. Só se chega lá por um lado. Os guardas não conhecem o caminho.

— Que êles o procurem! O pântano é profundo. Nós estamos bem guardados.

— Devemos estar prontos. As mulheres devem ter chegado.

Calaram-se todos, porque um camponês apareceu, gritando:

— Apagar tudo depressa! Dos campos vê-se a clareza.

Num abrir e fechar de olhos, cobriram a fogueira com terra e sapatearam sobre ela. Em seguida, tomamos uma direção que me era desconhecida.

— Está longe ainda? — perguntei às pessoas que passavam ao lado de minha *bryczka*.

— Não muito: no tempo de rezar duas preces chegaremos lá.

Já não via mais as estrêlas. As árvores freíam acima de nossas cabeças e o rumor de passos abafados ressoava no fundo da mata. Íamos em fila e através de tais charcos que gastamos uma hora para chegar a uma pequena colina com algumas árvores e cercada de lodaçais inacessíveis.

— Graças a Deus, chegamos! — exclamou alguém, num tom alegre.

Na colina, uma agitação de cortiço. Cerca de trinta fogueiras estavam acesas, tochas ardiam plantadas no chão e fazia-se ouvir o rumor do machado.

— Estão levantando o altar e tudo o mais que é preciso — disseram-me.

— Os sacerdotes já estão aí?

— Não chegarão antes do amanhecer.

Dei um pouco de aveia ao meu cavalo e misturei-me à multidão.

Eram três horas. A noite deveria ser ainda comprida. Transido de frio, errei por entre os grupos dispersos em torno das fogueiras e acabei por encontrar alguns camponeses conhecidos. Sentei-me entre êles, para conversar. Soube, então, que estávamos nas matas de Kolembrod, que só conhecia de nome.

— Quanta gente! — observei, quando a conversa ia amornecendo e êles começavam a adormecer.

— Devem ser mais de cinco mil pessoas. É só os crentes, os que sentem mais necessidade dos socorros da religião.

— E o senhor acha que não seremos seguidos?

— Há gente de espreita nas aldeias vizinhas, nos caminhos e ao longo da mata. O resto cabe a Deus. Ninguém chegará aqui nem daqui sairá sem permissão. A estrada está bloqueada, as pontes foram retiradas.

— E os sacerdotes?

— Virão pelo pântano, mas por uma passagem que só o velho Lewtchuk conhece. Ele foi buscá-los.

A conversa chegava ao fim. Meus vizinhos, deitados perto da fogueira, em desordem, adormeceram, um a um. Encolhi-me na minha peliça, recostei-me contra os ombros do mais próximo e adormeci, por minha vez.

Gritos de pássaros que voavam em longa fila acima da mata despertaram-me, ao amanhecer. A massa sombria das árvores destacava-se no fundo cinzento do céu, as primeiras claridades do dia chegavam à terra. O silêncio era tão profundo que eu percebia a queda das gotas de orvalho e a respiração igual dos que dormiam.

Fui ver meu cavalo. O acampamento estava como morto. Todos roncavam, os punhos cerrados, e fios de fumaça subiam dos braseiros extintos.

Perto dos carros, dois olhos rudes ergueram-se para mim. A sentinela disse-me, estendendo a mão para o horizonte:

— Eles já vêm, senhor.

No oceano sem limites das brumas eu só distinguia o pálido rubor da aurora que nascia, ouvindo apenas os gritos distantes dos patos selvagens.

— Eles gritam porque os levantaram. É por ali que vêm os padres. É preciso acordar todo o mundo — acrescentou, erguendo-se.

Com pouco, a colina, ainda envolvida na sombra, agitou-se como um formigueiro. Milhares de homens iam e vinham diante da chama das fogueiras reacesas; milhares de bocas cochi-chavam; milhares de olhos se dirigiam ansiosos para o nascente.

Afinal, depois de uma longa e dolorosa espera, ouviram-se gritos:

— Ei-los! Ei-los! Vamo-nos preparar. Para o altar.

Deixei-me arrastar na onda até o centro, onde se erguia uma enorme barraca, coberta de ramos.

De todos os lados ouviam-se ordens rápidas:

— Afastem-se! As mulheres e as crianças à frente!

Todos obedeciam sem reclamar. Quando as mulheres e as crianças se alinharam perto da barraca, por trás, num imenso semicírculo, os camponeses se plantaram, ombro a ombro, como um bloco de bronze. Essa massa vibrava, agitada e fremente, como exatamente a mata que a cercava, quando, de súbito, mergulhou num silêncio de morte, só os corações batendo. É que haviam corrido a tela da barraca e descoberto um altar colossal, bem iluminado, no alto do qual um Cristo ressuscitado, sangrando, quase nu, crivado de espinhos, estendia as mãos feridas e cheias de misericórdia.

Desencadeou-se uma forte corrente de suspiros. Gritos e suspiros escaparam:

— Cristo! Cristo! Senhor misericordioso!

Depois, todos se calaram. O sacerdote, de casula branca, com o ostensório e o cálice na mão, subia os degraus. Via-se que ele subia lentamente, acima da multidão; afinal, apareceu no alto, ao clarão das tochas, colocou o ostensório aos pés de Cristo, genuflectiu e voltou-se para o povo.

Como um campo de espigas maduras quando o vento o percorre, tôdas as cabeças se inclinaram; num só movimento e com o mesmo ardor, milhares de homens se ajoelharam.

O altar parecia uma visão de fogo, suspenso no ar, muito alto.

Começou a cerimônia.

A voz harmoniosa do padre elevava-se, de vez em quando, entrecortada pelo tinir das sinêtas e pelas breves respostas dos acólitos. Queimava o incenso. No seio da multidão contrita, em lágrimas, mal se ouvia o tilintar dos rosários e o murmúrio das preces.

Uma luz azulada banhava a colina; o céu clareava. Os pavoncinhos gritavam nos pântanos; a mata, por um instante emba-

lada aos primeiros rumôres do despertar, silenciara também e parecia inclinar-se para ouvir a respiração daqueles peitos oprimidos pelos soluços.

A névoa cinza que subia das águas cobria as roupas com um véu de neve; aquêle mar humano, imóvel, parecia um campo lavrado, em considerável extensão, as cabeças em filas como se houvessem sido colocadas por uma charrua.

Detrás de mim, surgiram alguns comentários alarmantes, de repente:

— Parece que o exército marcha contra nós, de Biala. Os cossacos e a infantaria.

— Deus do céu!

— Foi no atêrro que souberam disso. Alguém nos denunciou.

— Silêncio! A missa vai começar — interrompeu uma voz, serenamente.

— Que êles venham e nos prendam! — disse alguém.

Ninguém se ergueu para fugir, nem uma sombra de temor transpareceu naqueles rostos. Restabeleceu-se o silêncio; aqui e ali apenas alguns lábios tremeram, algumas mãos se apertaram convulsas; mas todos continuaram a rezar com o mesmo fervor e a mesma confiança.

Por mais certo que estivesse da importância das notícias, não me sentia tranqüilo e de vez em quando voltava a cabeça para trás, sem querer. Tanto que me disseram ao ouvido:

— Não é verdade. Tranqüilize-se e não cause pânico entre os outros.

Caíra o nevoeiro. Os atoleiros, como incensórios, lançavam fumaça ao ar vivo e sereno; a mata erguia sua prece matinal ao sol que ia surgir, os pássaros cantavam mais forte; e, à fria claridade do dia que nascia, podíamos distinguir nitidamente, a perder de vista, os braços erguidos com transporte, os sorrisos de anjos, as faces transfiguradas, os lábios mudos, extasiados, pelos quais as almas pareciam fugir para um paraíso de inefável felicidade.

Afinal, tochas acesas circularam de mão em mão e soaram, a uma vez, tôdas as campainhas. Era a bênção do Santo Sacramento. O sacerdote ergueu o ostensório. Tôdas as cabeças se inclinaram para o chão, com aquêles suspiros entrecortados

que são a santa voz dos corações tocados pela majestade de Deus.

— Que êles venham tentar prender-nos agora! — disse alguém a meu lado.

O sacerdote, que mal se distinguia através das nuvens de incenso, voltou-se, apresentando o ostensório, e, com uma voz que vibrava como uma campainha de alarma, entoou sua súplica.

Jamais esquecerei êsse momento.

A multidão ergueu-se e, tocada pela melodia sagrada, pôs-se a cantar com uma voz tão poderosa que as árvores estremeceram e caiu uma saraivada de pequenas gôtas de água.

Todos cantavam, os olhos fixos na cintilação do ostensório. Aquêles milhares de vozes eram como a voz de um mundo, como o clamor que sai do abismo, como o apêlo do ser mortal no patamar da imortalidade, como o grito da terra esquecida ao Deus de misericórdia e de amor. Cada uma daquelas almas cantava, diante do Senhor, o amargor da vida e pedia-lhe piedade.

O hino erguia-se lentamente da terra e ia ecoar nas alturas do céu. Dir-se-ia que a mata cantava também; que os campos e as águas e tôdas as criaturas o faziam, sob o sol de abril, cuja enorme pupila vermelha se arregalava no horizonte.

Findas as cerimônias, todos repousaram durante um momento; depois alguns sacerdotes chegaram, sob os mais estranhos disfarces, e teve início o verdadeiro trabalho da missão.

Durante o dia inteiro, com o altar cercado pela multidão como uma capela ardente, os sacerdotes, quase sem interrupção, ouviram confissões, deram a comunhão, fizeram prédicas, casaram e batizaram.

Ali estavam, à espera dêsse momento, mais de cinco mil homens. Alguns haviam percorrido vinte léguas na mata, como lobos. Havia os que se batizavam, se casavam e batizavam os filhos, a um só tempo. Havia homens de idade, casados, que pela primeira vez assistiam a uma missa. Havia — e eram em maior número — os que, para cada missa, cada confissão, cada batismo, por um casamento católico, uma prece dita em polonês, por um livro polonês guardado em casa, tinham sido surrados,



pago multas e sofrido meses de prisão. E todos resistiam, doces e humildes, simples e fiéis, mas inflexíveis e indomáveis.

Eis aí, senhor, o que é nosso povo na "Podláquia vermelha".

A rocha que resistiu a quarenta anos de tempestades suportará perfeitamente a separação do país de Chelm e as novas perseguições. Resistirá a tudo e a todos.

O Sr. R... calou-se.

.....

Os cavalos esperavam-me perto da escada. Mal tomei o carro, começou a cair uma chuva fina e fria. O Sr. R... olhou o céu fechado e exclamou:

— Hoje é São João. Sabe o que o povo diz quando chove neste dia? *Quando o bom São João chora, choverá até Santa Úrsula.*

Apesar do prognóstico, pus-me a caminho em direção ao interior da "Podláquia vermelha".

CAPÍTULO SEGUNDO

Parou de chover e pouco depois do meio-dia apareceu um sol levemente pálido e anêmico, semeando pérolas brilhantes na grama encharcada. A estrada era larga, uma verdadeira estrada polonesa, aqui de areia rangente, ali de lama viscosa, com poças onde poderia afogar-se uma criança.

Uma região plana como a palma da mão, de largo horizonte, ao fim do qual os olhos se erguem, livres como pássaros no ar, até os confins azulados e brumosos do céu. O trigo cobre a terra com um imenso lençol verde que o vento alisa com a sua mão acariciante. De longe em longe, casas de muros pintados de branco e algumas árvores de copas envernizadas. Cantam as cotovias.

Fios de fumaça revelam a existência de raros casebres escondidos entre os pomares.

No prado, que forma um tapête vivo no fundo sombrio do vimieiro, correm os rios, com o seu debrum prateado, os pântanos arregalam seus olhos cinzentos, os pavoncinos cantam assustados e passeiam graves cegonhas.

Ao longo do caminho, velhos pinheiros parecem imagens sagradas; salgueiros partidos, agachados como mendigos; aqui e ali um carvalho secular inteiramente lascado pelo raio.

Nos flancos nus e arenosos das colinas, as cruzes dos cemitérios lembravam batalhões derrotados, estendendo para as casas os braços desesperados.

Raramente encontramos carros; mais raro ainda um peão cruza conosco, lança-nos um olhar de interrogação e passa adiante sem uma palavra. Atravessamos grandes aldeias, muito bem plantadas e quase desertas, porque até as crianças fogem quando nos vêem; por trás de cada canto de muro olhares desconfiados nos espreitam; os cães nos acolhem com latidos furiosos.

Os homens trabalham no campo como sombras mudas. Em parte alguma ditos alegres, gritos infantis, risos ou cantigas. Uma inconsolável tristeza envolve estas planícies infinitas.

A cada passo, imagens sagradas: Nossas Senhoras de manto azul e diadema de ouro, Joões Nepomucenos, Cristos com coroas de espinhos; sobretudo, cruzes pintadas de fresco, guardadas de coroas secas e fitas puídas.

— Muitas cruzes novas — observei para o meu condutor, que diante de cada uma delas tirava o boné e fazia o pelo-sinal com devoção.

— Sim, muitas. Desde que aqui chegou a “Polacaria”, têm trabalhado noite e dia para fazer cruzes novas.

— E estão muito enfeitadas.

— Sim: era para o dia em que todas as igrejas celebravam missa em intenção da região de Chelm.

— Você estava lá?

— Claro! Todo o mundo estava lá, até os ortodoxos.

— Você é católico, pelo que vejo.

— Eu? Ortodoxo — afirmou.

— Vai à igreja?

— Meu pai, minha mãe e meu irmão mais velho já são poloneses. Eu ainda sou menor.

Interrompeu-se, de súbito, e a partir desse momento limitou-se a responder-me sucintamente e assim mesmo de mau humor. Eu devia causar-lhe suspeita, porque o surpreendi sempre a olhar-me de esquelha.

— Você é de Chelm, não é mesmo? — perguntou, com maneira displicente e sem se voltar.

Surpreendeu-me o tom irritado de sua voz.

— Não, sou de Varsóvia.

Esboçou um sorriso equívoco e eu desisti de conquistar-lhe a confiança. Observei que êle se agitava na boléia, fustigava os cavalos e me olhava de lado. Afinal, quando chegamos a uma de minhas etapas, perguntou-me, no mesmo tom de cólera e desprezo:

— Onde vai apear?

— Na casa do prefeito.

— Na casa daquele cuja eleição não querem confirmar?

— Lá, precisamente.

Iluminou-se-lhe a fisionomia, com melhor aparência. E logo me explicou:

— Atualmente, há tanta gente circulando por aqui! Êles falam polonês, descobrem-se diante das igrejas, falam bem da religião e, depois, prendem as pessoas para fazê-las assinar a separação. Tivemos um assim, entre nós, no último outono. Estava hospedado na casa do diácono. Durante o dia inteiro êle andava pela aldeia, entrava na casa de todos, contava histórias e lhes segredava que ia dividir as terras dos castelos entre os camponeses. A nossa gente não acreditava muito nisso: como é que iríamos ter as coisas de graça! Mas o homem jurava pelos seus deuses. Depois dêle vieram os homens do govêrno, que convocaram os habitantes pelo adjunto do prefeito e repetiram a mesma história. O mais velho da aldeia, não sei quem, escreveu um requerimento e todo o mundo deveria subscrevê-lo, sob pena de não receber terra.

— E foram muitos nomes? — indaguei.

— Muitos, mesmo católicos. O pessoal tem fome de terra. Nunca se tem terra bastante. Quando se soube que não se tratava de dar terra de graça, mas de nos separar da Polônia, muita gente roeu as unhas. Queriam ir retomar o requerimento, como querendo arrancá-lo da bôca do lobo. Riram-se dêles. Quando o diácono bebeu um pouco mais, veio gritar na aldeia que a Polacaria tinha acabado, que iam caçar os proprietários e os sacerdotes e que o camponês que não se con-

vertesse à ortodoxia, iria mendigar seu pão. Mas os cães perdem tempo ladrando à lua. Não é verdade, senhor?

Entardecia quando entramos na aldeia, passando perto da igreja tomada pelos ortodoxos e erguida num pequeno morro, em meio a uma plantação de áceres e tília.

Desci diante de um casarão branco, que se erguia um pouco às escondidas. Na frente, uma pereira enorme, muito carregada; aos lados, um vasto pomar.

Eu conhecera meu hospedeiro, noutros tempos, em Varsóvia, quando da Constituição. Ele me recebeu da maneira mais afável e, após um instante de repouso, convidou-me para dar uma volta em sua propriedade. Tudo ali respirava tranqüilidade e boa administração. O centeal espesso e vigoroso atingia a altura dos tetos; as luzernas chegavam à nossa cintura; e o pátio quadrado, cercado de construções, estava povoado de galinhas, patos, gansos e porcos. Quatro belas vacas iam entrando nesse momento, tangidas por um garoto com gibão de fazenda branca.

— Meu neto — disse-me o prefeito. — Francisco, venha cá!

Francisco já ia fugir para o outro lado.

— Ele só se entende conosco, o senhor compreende. Os estranhos lhe causam medo. Ali estão minha filha e a governanta — acrescentou, apontando uma mulher de alta estatura, que se dirigia para o estábulo com uma gamela em cada uma das mãos. — Perdi minha mulher há muito tempo.

Levou-me até perto de um novilho que ocupava um lugar à parte.

— Este aqui conquistou um prêmio no concurso de Lubar-tow — declarou, com orgulho.

Vi ainda uma velha porca, cercada de vários bacorinhos, e vi mais um grande jardim, bem cuidado, com árvores carregadas de frutos.

Notei uns feixes de varas debaixo de um teto em declive.

— É para a casa de meu filho mais novo. Madeira seca como cavaco.

— Ele está no exército?



— Não, senhor. Êle cursou a escola de Nalenczow, agora êle pratica.

Só entramos para a ceia.

A casa era limpa e muito bem cuidada; nas camas, cobertas bordadas; armários nos cantos; nas paredes, retratos por trás de vidro — retratos de Kosciuszko, Leão XIII e Kordecki. Um candeeiro, suspenso do teto, iluminava a sala. Na mesa, diante de uma janela, vi uma coleção completa da revista *Zorza'* e algumas brochuras sôbre agricultura.

— É que sou membro do círculo, desde que o fundamos — apressou-se em informar-me, satisfeito. — Tenho também outros livros, mas escondidos. Os agentes russos gostaram tanto desta casa que vêm aqui até à noite.

— É por isso, sem dúvida, que não querem confirmar sua eleição.

— É verdade, preveniram-me de que se a comuna me elegesse mais uma vez, me forçariam a fazer uma viagem. Já fiz essa viagem...

— Longe?

— Até à cidade de Oremburgo; foi uma sorte não ter morrido por lá!

— O senhor não devia sentir-se sempre à vontade!

— Ah! sentir-me-ia melhor na fôrca! Mas esta é a nossa sorte no mundo: no dia seguinte esquecemos o que aconteceu na véspera e suporta-se tudo; em resumo, depois do manifesto, retornei. E quando baixaram êsse ucasse da tolerância, foi como se o céu se abrisse diante de nós. Pense bem, eu lhe peço, e observe o que é nossa vida, a vida dos Uniatas. Um homem, senhor, entre nós, vale menos que um animal! Durante trinta anos, nem igreja, nem sacerdote, nem confissão nem casamento, nem entêrro. Nascemos, vivemos, morremos como numa prisão, e eis-nos livres, de repente! O pessoal não queria acreditar nisso, era um sonho.

— E quem lhe comunicou primeiro?

— O senhor W... íamos plantar laranjas, longe, no outro lado da aldeia, quando o meu filho menor deteve os ca-

¹ "A Aurora".

valos e me disse: "— Papai, vem alguém em nossa direção, lá embaixo." Olhei. Era verdade. Vinha um cavaleiro, a tôda, pelo campo, cabeça descoberta; de longe gritava qualquer coisa e agitava um papel na mão. Pensei que êle ia ficar sufocado; mas foi preciso que lesse para mim o ucasse dum só fôlego. Senti a vista turva, fiquei parado, sem fazer o menor movimento. Êle me sacudiu como se eu fôsse um tronco; aí eu voltei a mim e compreendi. Imediatamente parti para a aldeia, como um louco. Os moradores voltavam do campo; gritei, contei o que acontecera, li o ucasse em voz alta, e êles, mudos, sem articular uma sílaba, plantados ali, escancarando os olhos, resmungando não sei o que, ninguém entendia nada. Nós tínhamos um grande sino, do tempo de nossa igreja uniata, escondido em qualquer parte. Com a ajuda de meu genro, tirei o sino do esconderijo e o coloquei em cima de dois cavaletes; em seguida, fi-lo soar com tôdas as minhas fôrças. Havia trinta anos que êle não tocava; devia fazer-se ouvir como uma voz sagrada de ressurreição. Não lhe direi o que se passou então. A aldeia inteira perdera a cabeça: gritos, soluços, lamentações, como no Dia do Juízo Final. Era a alegria, senhor, era a alegria! Fizemos com que algumas pessoas fôssem, a cavalo, até às aldeias vizinhas para transmitir a notícia. Estávamos em maio. À noite, erguemos um altar diante do cemitério, trouxemos tochas, ramos, flôres, e passamos a noite a cantar. Havia quem quisesse ir logo retomar a igreja aos ortodoxos. De manhã, o diácono nos trouxe os antigos estandartes, que os russos retinham, e partimos em procissão, rumo à paróquia. Todo o mundo seguiu, até os ortodoxos; não sei se ficaram na aldeia mais de cinco ou seis pessoas para cuidar do gado. O pope, ao ver o que se passava, quis barrar-nos o caminho, perto da igreja; pediu, rogou, ameaçou, e ninguém o atendeu. Tínhamos uma caminhada de sete léguas, pelo menos, e nós a fizemos cantando, estandartes ao vento, carregando nossas imagens, como antigamente, como nos bons tempos; a cada aldeia que atravessávamos, o povo vinha juntar-se a nós, engrossando a procissão. Parecia um rio na enchente. Por tôda a parte, os nossos cânticos, nossas imagens, nossas cruzes, nossa língua. Por um instante cheguei a pensar que não veria

o fim daquilo e morreria de felicidade. Os guardas tiravam os bonés, os soldados se afastavam; nem acreditava no que via. Não havia govêrno, porque ninguém nos impedia de ser o que éramos: poloneses e católicos. Durante dois dias e duas noites, a igreja ficou de portas abertas, os altares acesos, os sinos tocando sem parar, missa após missa; durante dois dias e duas noites o nosso povo saciou sua alma sequiosa de religião, abriu os braços em cruz e se preparou para uma vida nova. Tôda a paróquia se submeteu à fé polonesa, até o diácono; quanto ao pope, trancou a porta e sumiu, a contragosto. Nós pensávamos que nosso calvário acabara. Em tôda a Podlâquia Vermelha, como são chamados os antigos distritos uniatas, havia um zumbir de colmeia. Sem mais lamentações, todos se puseram a agir, cada qual segundo seus meios. Alguns proprietários ricos vieram ajudar-nos; fundamos uma Sociedade de Escolas, um Círculo Agrícola, uma Caixa, construimos uma igreja, em quase tôdas as aldeias foi contratado um professor, porque todos, velhos e jovens, queriam ler o polonês. Todos compreendiam que a instrução é uma arma que serve a mais de um fim. Eis aí, meu caro senhor, como começou tudo entre nós...

Ele baixou a voz, de súbito, e enrugou a fronte.

— Os maus, porém, não nos deixaram em sossêgo por muito tempo. Não lhes agradava a nossa felicidade. Depois, como o senhor sabe, é mais fácil submeter pessoas que nada sabem. A êsse respeito, teria muito que dizer! — concluiu, bruscamente.

Camponeses do lugar entraram na sala, estenderam-me a mão e sentaram-se, sem uma palavra, nos bancos e banquinhos. Eram uns seis, em trapos, ombros largos, metidos em grossos capotes cinzentos, a cara magra, severa, tostada pelo sol, como cortada em pedra de amolar, o nariz comprido e afilado, cabelos claros e olhos bem azuis. Êles me fitavam com um ar de simpatia, mas indagador.

— Cuida de ti e Deus te ajudará — declarou alegremente o prefeito, erguendo um cobertor diante da janela.

— Seria bom também soltar os cães — aconselhou, prudente, um dos visitantes.

Em resposta às perguntas que me fizeram acêrca da separação da região de Chelm, li todo o projeto de lei. Eles ouviram com atenção, discutindo ponto por ponto, cada um por seu turno. O polonês que falavam era da melhor qualidade, apenas misturado com alguns russismos, tal como acontece, aliás, em todo o país.

— O que está claro neste projeto é que nos querem enterrar vivos — exclamou, com ar sombrio, um velho camponês barbudo. — Uma vez separados da Polônia, estaremos perdidos!

— Contudo, vocês têm resistido há tantos anos! — observei, sem querer.

— É verdade, mas sabe Deus o que temos sofrido. Tudo! É que sempre esperávamos melhores tempos. Quando estivermos longe dos outros e regidos por novas leis, teremos que nos debater como galinhas numa gaiola. Nosso povo tem resistência, mas até os cavalos reagem quando carregam pêso demais. Atualmente, alguns desanimam em face da perspectiva da desgraça. Que não farão quando ela aparecer?

— Não assuste os outros, Nicolau! — interrompeu outro velho, magro e meio torto. — Não cause alarme aos outros — repetiu mais baixo, com doçura e firmeza. — Deus já nos submeteu a duras provas e a gente agüentou. Nossos filhos valem tanto quanto nós, eles suportarão talvez mais que nós e, como nós, aguardarão dias melhores. Aqui é como no mês de março: chuva, neve, sol, por vêzes tempestade, mas quem sabe esperar verá a primavera. E é preciso que a primavera venha. Jesus disse: quem se humilha se eleva. É preciso crer e esperar.

— Sabe o senhor o que se passou aqui? — perguntou-me vivamente o barbudo.

— Quando da supressão da União?

— Sim. Desde os primeiros dias de 1875, eles nos enviaram duas companhias de soldados, que se instalaram em nossas casas e comeram até o nosso último grão de trigo. Por qualquer coisa tínhamos de pagar multa. . .

— Até que eles pagavam bem — declarou o prefeito, rindo. — Ainda guardo os recibos!

— Nós guardaremos os recibos para os nossos filhos. E temos outros, na própria pele, que guardaremos até à morte. O que aconteceu foi espantoso, posso garantir-lhe.

— Mais ainda? — indaguei, tímidamente, observando que tôdas as fisionomias se contraíam.

— Foi um inferno, senhor — continuou o velho. — Êles fizeram tudo para nos converter à sua crença; quando viram, porém, que nada nos demovia, nem súplicas, nem ameaças, nem pancadas, inventaram um processo que vou explicar. Ao amanhecer êles nos caçavam no campo e aí nos prendiam até à noite, a retirar a neve com as próprias mãos, num frio de rachar, sob a borrasca de neve. Inúmeras pessoas perderam os braços e pernas, mas nenhum renegou sua fé. Então passaram a fazer outra coisa: impediram a gente de dar alimento aos nossos animais. Durante uma semana, nesta aldeia, só se ouviam os mugidos e os berros. Os animais, desesperados de fome, roíam as mangedouras, jogavam-se de encontro às paredes e acabavam morrendo. Não podíamos levar-lhes um balde de água, um punhado de palha; do contrário, os cnutes entrariam na dança. Era de cortar o coração ver os homens, em desespero, ajoelhar-se aos pés dos soldados e pedir piedade para os seus animais... Tudo inútil. Os soldados só sabiam dizer uma coisa: "Assine". Mas tratava-se da salvação. Nossa gente preferiu perder tudo e ninguém assinou, ninguém, senhor, nem um só.

Fêz-se um grande silêncio, apenas cortado pelas respirações ofegantes. Uma mulher, que se achava enroscada perto da estufa, explodiu em soluços. Senti-me tomado por um frio de gelo.

— Ah! Nada nos foi poupado! — murmurou alguém, a um canto.

— Quando os soldados foram embora — continuou o barbudo —, ficaram-nos as paredes nuas. Nem uma só cabeça de gado, nem uma batata, nem um grão, nem uma fatia de pão sêco; só as lágrimas dos desgraçados, a fome, as doenças, a morte. E se a misericórdia divina...

Um rapaz cortou-lhe a frase:

— O que passou, passou; vejamos antes o que nos espera.

— Não seja tão apressado, José; a sua vez chegará. Você terá o seu quinhão, como nós tivemos o nosso.

O rapaz estremeceu; e, ardendo como um tição ao vento:

— Terei a minha parte, mas cobrarei os juro, prometo! Não serei eu que vá me ajoelhar para me humilhar. Não me defenderei com orações. Não, se eles têm cnutes, terei um bom porrete ou qualquer coisa melhor ainda! — exclamou, fora de si, o punho cerrado.

— Muito bem, defenda-se! Você, sòzinho, fará muita coisa. Bata com a cabeça na parede, meu amigo, bata! — ironizou o velho.

— Todos serão firmes como eu. Não nos deixaremos imolar como carneiros.

— José disse bem — interrompeu o barbudo. — Noutros tempos eu suportei tudo, mas não sei se agora faria o mesmo. É melhor morrer, de uma vez, que viver como vivemos então.

— A nossa gente é tranqüila, decente, não quer briga com ninguém, faz o que mandam; contudo, evitem que perca a paciência, porque é desgraça certa! Os carneiros também têm chifres; Deus sabe o que pode acontecer!

— Que é que eles pensam que nós somos? Animais? Pedacos de madeira que podem talhar à vontade? Nós vivemos, queremos viver. Nós não nos deitaremos sem mais nem menos para morrer. Não continuarão a espezinhar-nos.

— Mesmo que nos tirem a pele, não nos entregaremos.

— Pelo amor de Deus, meus amigos! Precisamos entender-nos — suplicou o velho.

Em redor, sem sair de seus lugares, os outros atingiam o último grau de exasperação e ameaças violentas e apelos inflamados cruzavam a sala de um lado para outro. A mulher encolhida perto da estufa soluçava agora tão alto que um dos presentes exclamou:

— Você já teve bastante tempo para chorar. Basta de lamentações, agora!

Voltou a calma. Um instante depois foram retomadas as conversas, mais íntimas desta vez, mais tímidas, como se as palavras estivessem sendo arrancadas com dificuldade daquelles corações doloridos, que se debatiam contra o desespero e o medo.

— Meu Deus! Meu Deus! Que irá acontecer?

— Dizem que vão até mudar o calendário.

— E transformar as festas à sua maneira. O Natal cairá em janeiro.

— Como? Cristo nasceu a 25 de dezembro e vão fazê-lo nascer em janeiro? Não, o nosso Cristo veio até nós a 25 de dezembro. Nada disso! Viva eu cem anos e não me meterão outra coisa na cabeça!

— E nós não teremos mais o direito de comprar terra.

— Não diga! Não se terá êsse direito? É o fim do mundo!

— Dizem também que depois da separação ainda nos proibirão de falar polonês. Cada palavra, um rublo de multa. Será proibido tanto aos padres, na igreja, como aos demais. Nem canto, nem nada.

— Jesus! Maria! — gemeu a mulher, erguendo os braços.

— Bem, resistiremos, eu espero. Os padres serão os primeiros.

— Êles nos abandonarão como o fizeram os Uniatas. Vocês se lembram disso!

— Nós não iremos mais às suas igrejas. Voltaremos para a floresta. Deus está em tôda parte.

— E êsses sacerdotes serão punidos. O povo não lhes perdoará.

— Ora, que êles nos abandonem. Que êles vão embora, que os inimigos nos ataquem como cães raivosos! Acabará tudo de uma vez. Se essa vida tiver de continuar, ninguém agüentará! — gritou um camponês, com grossas lágrimas de criança rolando pela face murcha.

— Por que tudo isso? Que fizemos nós? Por quê? — murmuravam os outros, com ar espantado.

— Porque somos poloneses e católicos! — declarou o prefeito.

O mais velho, então, ajoelhou-se, estendeu os braços para as imagens e deu início a uma prece à Virgem.

Todos o acompanharam com um fervor desvairado. Quando êles se despediram, o prefeito me disse:

— Todo o mundo aqui teme mais esta separação da Polônia do que a morte. O senhor observará isso em cada aldeia, em cada casa, em cada encontro que tenha.

.....

Custei a adormecer nessa noite.

CAPÍTULO TERCEIRO

Ao amanhecer, pus-me de nôvo a caminho.

Como em peregrinação, atravessei as estações do calvário polonês, que são Lomazy, Piszczac, Biala, Horbow, Pratulín, Janow e tantos outros lugares marcados pelo martírio e pelos milagres da fé camponesa.

Percorri tôdas as sinuosidades dessa via dolorosa, onde o sangue ainda estava fresco e onde recentemente a tempestade das perseguições causava furor, visitando os lugarejos perdidos no meio da mata, as fazendas, as choupanas, os castelos e as paróquias, sobretudo as palhoças dos antigos "oponentes", gente aguerrida pela luta, temperada pelas atribulações, e que já se prepara para novos combates, com perigo da própria vida.

Durante semanas atravessei planícies cobertas de melancolia, onde cada aldeia era, há anos, uma cidadela indomável, cada casa um pôsto sempre em estado de alerta, cada homem um invencível combatente da santa causa.

Cada dia ouvia episódios comoventes do passado, cada dia descobria novas feridas mal cicatrizadas, lábios sem côr murmuravam a trágica história de um parente. E cada dia, evocados

por aquelas memórias vivas e que ainda sangravam, passavam-me diante dos olhos santas fisionomias de mártires, cenas espantosas de conversões, crueldades sem exemplo, sacrifícios sôbre-humanos. Parecia-me ouvir ressoar em meu coração um eco surdo de gritos de agonia, chicotadas e tiros.

A cada passo, incessantemente, via desfilar em frente de mim as sombras pálidas e inumeráveis dos sacrificados que, um a um, haviam enchido as fossas, após terem dado sua vida pela fé e pela nação.

Compreendi então por que aquêles campos exalavam como que um hálito de amargura; por que se ouviam soluços, à noite, nas encruzilhadas dos caminhos; por que o rumor da mata é aí mais lúgubre que em qualquer lugar, o canto dos pássaros mais triste, o gemido do vento mais lancinante; e por que, sob um céu sempre baixo, os indivíduos se encolhem, silenciosos, recolhidos, escondendo sob as pálpebras furtivas cintilações, plenos de fôrça heróica e teimosa resistência.

Senti também todo o glorioso horror dêsse martirológio de vivos e mortos, martirológio único no mundo, escrito com o sangue e as lágrimas de um povo.

Mas o que me feria até às entranhas eram as perguntas angustiadas com que sempre concluía suas dolorosas litanias:

— Que será de nós? Que farão êles de nós, depois da separação?

Só a Polônia pode responder. E é preciso que ela responda, porque é uma questão de vida ou morte para os mais fiéis, os mais desgraçados de seus filhos...

.....

A que limites de abnegação podem atingir tão fortes almas? Uma curta história, entre mil, bem o dirá; história verídica, de uma terrível autenticidade.

Em 1874, ano em que se suprimiu a União na Podlândia, no limite dos distritos de Biala e de Constantinow, no lugarejo de Kloda, ligado à paróquia de Horbow, vivia miseravelmente, numa nesga de terra, um pobre diabo chamado José Koniuszewski. Como o terreno não lhe rendia quase nada, êle trabalhava ainda para os vizinhos a fim de conseguir o necessário para

o seu sustento e o de sua mulher, de um filho pequeno e de uma vaca magra.

Eram sêres humildes, tranqüilos, muito apegados à sua crença.

Ora, os conversores, ou melhor, os perseguidores chegaram até Horbow, reuniram a população em frente à igreja russa e a intimaram a converter-se à ortodoxia. A conversão operava-se segundo a ordem e as formas prescritas. Uns cediam à eloquência do cnute; outros, às promessas; outros, após uma longa temporada na prisão de Biala; contudo, os Koniuszewski e numerosas pessoas da mesma aldeia não cederam. Trataram-nos então com uma crueldade selvagem, sobretudo o pobre homem, que defendia encarniçadamente a sua fé e que, quase morrendo, de tanto apanhar, ainda gritava:

— Eu sou polonês e católico. Matem-me! Mas eu não me converterei.

Não o mataram e êle teve muito tempo para tratar de seus ferimentos e recobrar a saúde. Para cúmulo do infortúnio, a mulher encontrava-se no oitavo mês da gravidez, e o policial, sempre de espreita, procurava informar-se cuidadosamente quanto à época em que ela daria à luz.

Mal acabou de nascer um gordo petiz, o policial apareceu na cabana, como uma ave de rapina, e intimou os pais a batizarem o filho com o pope.

Koniuszewski estremeceu; a mãe, no entanto, ainda na cama, exclamou:

— Não o conseguirão, prefiro estrangulá-lo com minhas próprias mãos.

O sujeito partiu e no dia seguinte Koniuszewski foi chamado à comuna.

— Sou polonês e católico — declarou êle, sucintamente. — Meu filho será o que eu sou.

Prenderam-no por alguns dias na cadeia, bateram-lhe na cara, e êle continuou firme.

Pouco tempo depois, chamaram-no a Biala. Aí ficou dois meses na prisão, no meio de ladrões, e todos os recursos de que lançaram mão para fazê-lo ceder foram ainda inúteis. O homem voltou horrivelmente inchado, coberto de manchas livi-

das, os dentes em pedaços, mas só disse aos vizinhos que adormecera na carroça e caíra na lama dura da estrada...

Tentaram, a seguir, outro método: tinha de pagar cinquenta copeques por dia.

Ele pagou pacientemente, pensando em quitar-se.

Aí, a multa foi elevada para um rublo.

Ele pagou ainda, embora a carga se houvesse tornado espantosamente pesada.

Afinal, para acabar de matá-lo, pediram-lhe ouro.

Ele deu a última gota de sangue, deixou de comer, levou a fome à sua casa a fim de não levar a criança ao pope.

Não tardou o dia em que não tinha com que comprar sal.

E a multa subia implacavelmente. O policial ficava sobre sua cabeça, como um machado, e o prefeito o ameaçava, a cada momento, com a prisão, porque as autoridades perdiam a paciência e reclamavam os atrasados de qualquer modo.

Onde arranjar o dinheiro? A granja, vazia. Tinha vendido até o último grão e a última batata, devia em toda parte.

O que ele ganhava, com suas mãos, mal dava para seu sustento.

Então, tomaram-lhe a mobília, levando de propósito as roupas de inverno, as colchas, as cobertas; venderam tudo.

Na choupana ficaram apenas as paredes nuas e uma cama vazia. Os pobres diabos tiveram de ir dormir no estábulo, porque novembro chegava, frio e chuvoso, e as noites eram geladas; mas eles resistiram, apesar de tudo, decididos a sofrer tudo para salvar o filho.

Que fazer depois? Como viver? A multa aumentava sem cessar, e todos os dias, então, o policial aparecia, não lhes dando mais um instante de folga.

— Leve o garoto ao pope. Assim lhe restituirão seu dinheiro e ainda lhe darão mais algum.

O homem cerrava os dentes e apertava os punhos, com medo de agredir o agente.

Um belo dia levaram-lhe a porca, que valia uns vinte e cinco rublos.

Koniuszewski esperava que ela os fizesse viver até à primavera. Era uma perda irreparável. Então, começaram a deses-

perar, embora não quisessem dar a entender isso. Quando o prefeito lhe apareceu para carregar o animal, a Senhora Koniuszewski gritou-lhe, insolentemente:

— Morda o rabo da porca para ver se ela o ouve!

O prefeito fêz-se de surdo, aproximou-se do homem e pôs-se a tentar convencê-lo, voz mansa:

— O amigo não deve perder a cabeça. Veja até aonde vai! Não lhe cabe dizer a última palavra. Não sabe que um bom bezerro mama em duas mãos?

— Seja como fôr, êles não terão meu filho! — insistiu o camponês.

— Ora, não se faça de bôbo! Você ainda não levou bastante na cabeça? quer mais? É a lei, é preciso obedecer. Que é que seu filho arrisca? Se você irrita a autoridade, acabam tomando-lhe a terra e você ficará sem nada.

— Que tomem tudo. Se eu tiver de morrer ali, na tapada, morrerei, mas não perderei o garôto!

A mulher concordava com êle, enquanto acalmava a criança, que chorava.

Tôda a aldeia viu e ouviu.

O prefeito nada conseguiu, nem os que o acompanhavam. Quanto ao pope, nem sequer transpôs a porta e se retirou prudentemente, com receio do porrete de Koniuszewski.

O caso foi-se arrastando até meados de dezembro. O inverno viera forte, o gêlo cobria as águas e a neve os campos, os caminhos cobertos de neve rangiam sob os calcanhares, tudo o que vivia procurava calor. Foi quando, numa dessas manhãs de frio intenso, os Koniuszewski sofreram um rude golpe, o mais duro talvez: a vaca que tinham, a única que lhes dava alimento, foi tomada.

Dir-se-ia uma casa de onde saíra um caixão de defunto. A mulher gritava de cortar o coração, pedindo vingança a Deus e agarrada ao animal. Tôda a aldeia se reuniu ali.

Ninguém, todavia, se arriscava a socorrer o casal; tôda aquela gente trazia ainda feridas mal cicatrizadas.

Koniuszewski imóvel, na porta. Branco como um cadáver, os olhos perturbados, mudo de cólera, observava tudo estupidificado, sem uma palavra. Quando a vaca, puxada pelas

outras, voltou a cabeça, mugindo em direção aos donos, êle tomou um cacête e investiu contra os agressores.

Mas que podia êle fazer, sòzinho, contra tôda aquela canalha?

O que ganhou com isso foi ser um pouco mais desprezado, como não se desprezam as criaturas de Deus; e sua vaca foi vendida.

A alma do pobre homem escureceu, como uma noite de inverno; assim que os últimos mugidos se perderam ao longe, a cabana tornou-se como um túmulo deserto, por onde vagueasse o espectro do desespero. Inconsolável, a mulher chorava. O homem, acororado diante da lareira, consumia-se de dor como o fogo miserável que êle fixava com um ar idiota.

Anoitecia, um crepúsculo esverdeado envolvia a terra, acendiam-se as luzes da aldeia; os dois ainda ali se conservavam sem um movimento, aniquilados pela desgraça. Vizinhos vieram vê-los, mas percebendo aquêles rostos que não tinham mais a expressão humana, fugiram com medo. Finalmente, tarde da noite, os gritos dos filhos com fome conseguiram despertá-los daquele torpor.

— Então? — perguntou a mulher, pondo uma panela sôbre as brasas.

— Nós não cederemos! — declarou êle, fitando-a demoradamente, com os olhos mergulhados em lágrimas.

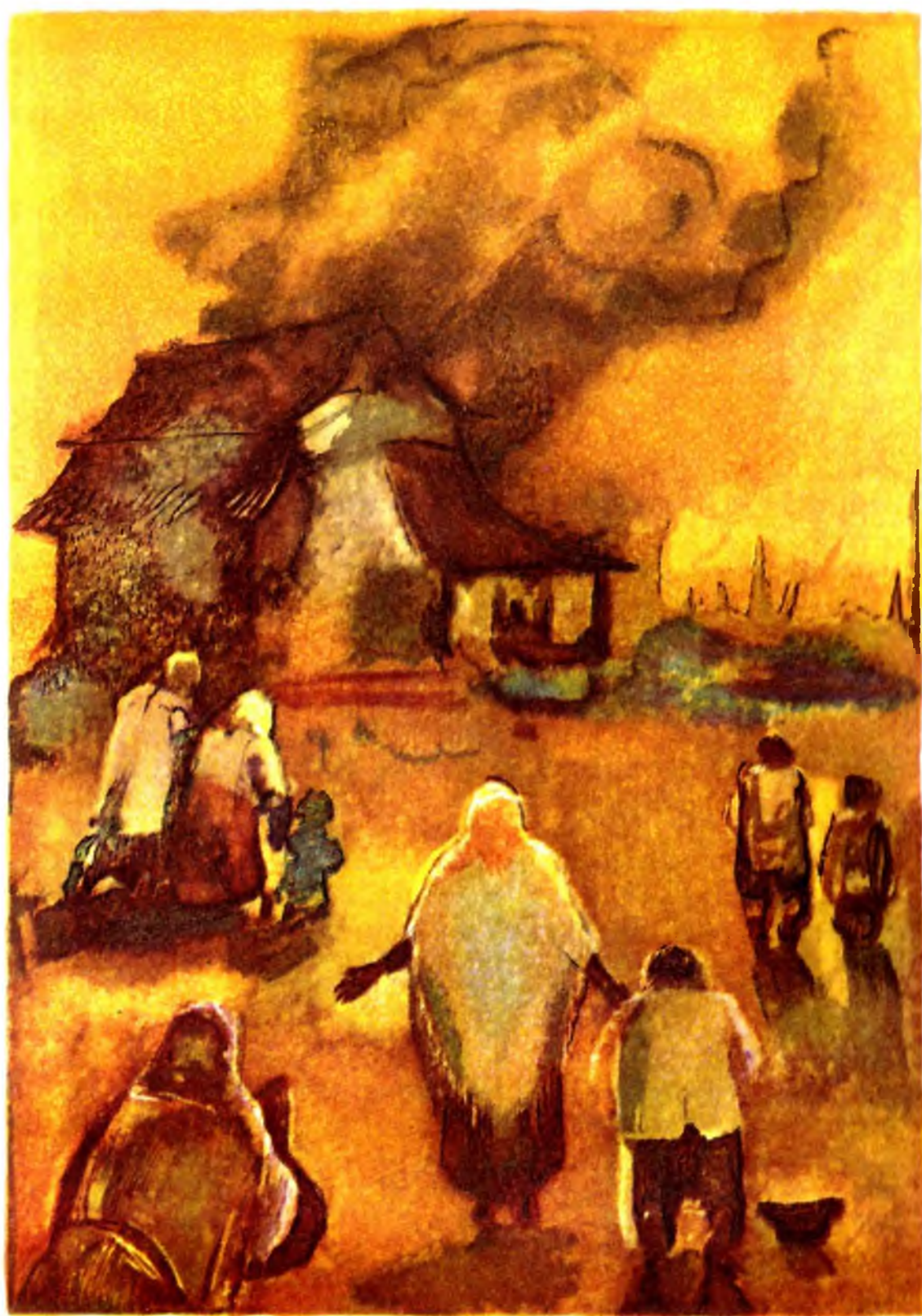
— É, êles não terão a criança — confirmou a mulher. — Deus talvez tenha piedade de nós.

Tinham os dois tal fé na pureza de sua causa que nenhum poder os teria vencido.

Como viver, porém?

O homem não podia ir trabalhar em parte alguma, não tendo mais roupas para vestir enquanto o frio aumentava. Só tinham para comer o que lhes davam os vizinhos mais compadecidos — e não era grande coisa, porque, desde a “conversão” e a invasão dos soldados, a aldeia passou a uma aflitiva miséria. Em muitas casas havia falta de batatas; de há muito não se via pão nem toucinho.

Sob o teto de Koniuszewski havia fome. Em vão lutavam por encontrar uma saída, se torturavam, e as coisas não melho-



ravam. O camponês, todavia, acabou por tomar uma decisão: um belo dia pediu a um vizinho que lhe emprestasse uma pele de carneiro, envolveu as pernas com trapos e saiu, sem dizer nada à mulher.

Foi à casa do cura.

A viagem foi longa e difícil. Sem nada para comer, evitando os povoados e as estradas onde pudesse encontrar policiais, teve de atravessar a mata como um caçador furtivo e só chegou ao presbitério no dia seguinte.

O sacerdote lá estava, mas quando soube que se tratava de um "oponente" teve medo, recusou-se a vê-lo e deu ordem ao sacristão para que não o deixasse entrar na igreja. Felizmente o sacristão tinha bom coração e permitiu que ele ficasse no alpendre; o pobre diabo aí passou a noite, com os braços estendidos em cruz, chorando lágrimas de sangue. De manhã, após a missa, julgando ser o momento favorável, atirou-se aos pés do padre, contou-lhe sua história e rogou-lhe que batizasse o filho.

Após ouvi-lo, o padre lamentou-lhe a sorte e deu-lhe algumas moedas e uma pequena medalha, mas de nenhum modo quis ouvir falar em batizado, proibindo-o terminantemente de aparecer na paróquia.

Koniuszewski voltou para casa como viera. Não se dava por vencido, no entanto. Alguns dias depois foi bater à porta de um castelo, onde muitas vezes trabalhara. O proprietário enxotou-o, temendo, também, que suspeitassem estar ele amparando "oponentes". Em todos os territórios uniatas ecoava o assóvio dos cnutes e coronhadas de fuzil. Milhares de homens tomavam o caminho do exílio e por toda parte se elevavam as queixas dos "convertidos". Pela primeira vez na vida, Koniuszewski lamentou sua sorte.

Quando regressava, o cozinheiro do castelo correu ao seu encalço e bondosamente o aconselhou a dirigir-se à condessa Lubienska de Jablon, que protegia os perseguidos com todo o seu poder e havia salvo alguns.

O camponês, porém, limitou-se a sorrir pàlidamente, enxugando as lágrimas com a manga; desde então, trancou-se em casa, sem mais implorar qualquer socorro, porque compreendera

que estava só no mundo, como uma árvore batida pelo vento, e que devia perecer...

Os vizinhos contaram mais tarde que, depois de seu regresso, êle só fazia rezar e que, tôdas as noites, se erguiam cânticos de sua cabana.

À véspera do Natal foram dizer-lhe, às escondidas, que iriam tirar dali a criança à fôrça para dar-lhe o batismo ortodoxo; o homem limitou-se a dizer, com o ar de quem está disposto a tudo:

— Êles têm os braços compridos, mas ainda não têm meu filho.

Desde então o camponês tornou-se até mais expansivo e quase alegre. Viram-no andando pela aldeia, visitando os enfermos, cuidando de seus males e alimentando-lhes a fé. A alguns chegou a confessar que resolvera ir com a mulher e os filhos pelo mundo afora, até onde seus olhos o levassem.

Ninguém se espantava. Aquêlê homem era perseguido como um animal selvagem. Alguém, que se encontrava em boas condições, ofereceu-se para emprestar-lhe imediatamente algum dinheiro para que êle fôsse embora.

— Para a minha viagem, o que tenho me basta — murmurou o camponês.

No mesmo dia os Koniuszewski passaram a apresentar despedidas na aldeia, pedindo humildemente perdão a todos pelo mal que houvessem feito.

Diziam que iriam partir à noite, mas não se sabia para onde iriam.

Despediram-se, portanto, e ninguém mais os viu.

Caiu a noite, uma neve espessa como lã dançava ao sabor das lufadas de vento. Observou-se que os cães latiam de forma estranha e que desde o lusco-fusco os galos se haviam pôsto a cantar.

À meia-noite, súbito clarão brilhou no céu e gritos de horror despertaram a aldeia.

A granja dos Koniuszewski ardia. E era logo envolvida pelas chamas antes que os vizinhos pudessem acudir e remediar o mal.

Os Koniuszewski não estavam em casa, teriam partido ao anoitecer.

Com grande espanto viu-se que a cabana estava escancarada; dentro, na mesa coberta com uma toalha de linho alvo, o jantar servido, intacto.

Os vizinhos cercaram a mesa, balançando a cabeça, sem entender nada, quando, afinal, um deles disse, com um jeito compreensivo:

— Aconteceu-lhes qualquer coisa para que eles deixassem tudo assim.

— Talvez ainda estejam na aldeia...

— Qual nada! O incêndio já os teria trazido até cá. Deve haver qualquer coisa...

Surgiram várias suposições. Olhares inquietos correram todos os cantos: nada dos Koniuszewski. Enquanto isso, o incêndio se alastrava cada vez mais, todo o teto em chamas, pelas fendas das paredes irrompiam línguas de fogo. Por sorte para as casas vizinhas, o vento cessara. Novelos de fumaça e de chamas subiam no ar com estalidos, iluminando com um clarão sangrento os grupos aterrorizados que ali se achavam aniquilados e a cabana carregada de neve, vergada para o chão.

O adjunto tentava organizar os socorros, gritava apelando para os circunstantes, não sabendo direito como agir. Alguém tentou retirar o carro, cujo timão apontava fora da casa, mas não lhe foi possível aproximar-se, porque as chamas se elevavam por todos os cantos e uma lava ardente ameaçava desprender-se do teto e cair sobre as cabeças dos presentes.

Apareceram então os policiais, que, sem se preocupar com a casa, se puseram a procurar os Koniuszewski. E os procuravam de forma tão encarniçada, farejando os celeiros próximos e até os depósitos de batatas, que o pessoal começou a ridicularizá-los, às escondidas. O mais corajoso do grupo exclamou, irônicamente:

— Eles estão escondidos na granja, olhem!

Não era possível enxergar mais nada, porque a granja era uma fornalha trovejante, com o madeirame estalando.

Sob o teto que se abatia, as paredes arqueavam e rachavam, deixando passar jatos de fogo e chamas que se erguiam aos quatro ventos como pássaros amedrontados.

O enxame silencioso da neve circulava no ar calmo; ao longe, um sino tanguia; cães uivavam, lúgubres.

O pessoal tinha-se aproximado, conversando em voz baixa, quando, de súbito, como descendo do céu tempestuoso ou talvez se erguendo dentre as chamas em fúria, se fêz ouvir um canto longínquo, velado, semelhante a um estertor trêmulo de agonia.

Pararam os corações, todos os olhos se levantaram. E aquela sarça ardente cantava cada vez mais forte, cada vez mais nitidamente.

O terror imobilizou os presentes e só alguns instantes depois é que um grito despertou a multidão:

— Os Koniuszewski!

— Jesus, Maria! Os Koniuszewski! Vamos salvá-los! Pelo amor de Deus, vamos salvá-los!

Uma rajada de loucura sacudiu-os, dispersando-os para todos os lados. Explodindo em gritos frenéticos, soluços e lamentos, passaram a correr em derredor da granja, com os braços para o ar, a arrancarem os cabelos, ou então corriam para o campo, alucinados por sua dor impotente. Já não havia nenhuma esperança de socorro. De um momento para outro a granja rui sob as chamas.

Dentro, o cântico ressoava sempre alto e claro; era a alegre saudação ao paraíso, o hino dos ressuscitados, o canto extático da fé.

Os presentes ajoelharam-se e puseram-se a recitar a oração dos agonizantes. Alguns rolaram por terra, presos de convulsões, dando gritos lancinantes.

Esta tempestade de súplicas e lamentações, unida ao cântico dos moribundos e ao estrondo do incêndio, formava um clamor imenso que ia perder-se no infinito da noite.

De repente, a granja desabou e do fundo do braseiro subiu um grito supremo, espantoso...

Só alguns dias depois é que retiraram dos escombros os corpos carbonizados dos Koniuszewski.

CAPÍTULO QUARTO

Êste quadro seria incompleto se eu não narrasse, mesmo em síntese, a história da pequena aldeia uniata de Hrudy, situada a pequena distância de Biala, na Podláquia, no caminho de Janow.

Foi lá que surgiram, em 1867, os primeiros golpes da perseguição. A missão de Biala, que tinha ainda apenas caráter privado, aplicava-se, com um zêlo pretensamente apostólico, a eliminar da igreja uniata todo elemento latino e polonês. Na vizinhança imediata dessa missão, infelizmente, Hrudy teve de servir de campo de experimentação para os "semeadores da santa e única verdade". O terreno, porém, mostrou-se surpreendentemente rebelde à cultura ortodoxa, que, não obstante o sangue profusamente derramado, não alcançou os resultados esperados. Verificou-se mesmo um fracasso e foi dali que se irradiou aquêle contágio de "resistência", a ponto de dominar toda a região de Chelm.

Começaram como deviam começar doravante nos territórios da União, isto é, começaram por suprimir os cânticos e os sermões poloneses, os órgãos, as santas imagens e os sinos.

Mas o povo logo restabeleceu sua igreja em seu estado primitivo e continuou a cantar em polonês, porque eram os únicos

cantos litúrgicos que conhecia. Continuou a orar diante das imagens, a ouvir os órgãos e os sermões, que lhe tocavam o coração, porque assim haviam feito os pais de seus pais e porque não compreendia outras cerimônias. Cantos, sermões, imagens, incensórios, procissões ao som dos sinos e dos órgãos, tudo isso se tornara parte inseparável de suas crenças, de suas emoções religiosas, de sua alma.

Os ortodoxos não se deram por vencidos: no mês de julho daquele ano tentaram impor à paróquia um novo cura, gente do governo. Esse cura foi levado pelo cônego Marcel Popiel, depois bispo de Lublin, acompanhado por sua Beneficência o pope Kalinowski e por uma grande escolta de cossacos para dar brilho à solenidade.

O povo, todavia, postado diante de sua igreja, defendeu-a tão bem que ninguém pôde entrar ali. Explicações, advertências, súplicas — tudo em pura perda, ninguém quis ouvir nada.

Popiel foi embora, furioso, anunciando os mais terríveis castigos.

Os camponeses compreenderam o que os ameaçava e aguardaram o futuro sem franzir as sobrancelhas.

De fato, em fins de setembro uma *sotnia* de cossacos e uma companhia de infantaria vieram acantonar na aldeia.

Durante dois meses, todos quantos tinham cavalos tiveram de fazer carretos no distrito e os demais habitantes ficaram andando nas estradas, da manhã à noite, a remover inutilmente as pedras e a lama, a cavar os fossos sem qualquer objetivo e a espalhar saibro amarelo no atêrro.

Enquanto isso, os campos ficaram abandonados. Os camponeses não tinham um momento de seu para arar, semear ou mesmo colhêr as batatas, que apodreciam, porque o outono estava úmido. A aldeia inteira periclitava. O gado era abatido pelos soldados. As granjas se liquidavam, porque os cossacos alimentavam suas montarias com trigo. Além disso, arrancavam a cêrca para queimar, e quando não havia mais nada disso destruíram as pequenas casas, pondo no fogo as portas e as árvores dos quintais.

Para rematar, Hrudy pagou ainda uma multa, alguns proprietários foram detidos e o antigo cura, o Padre Terlikiewicz, expulso.

Finalmente, a aldeia respirou: os terríveis hóspedes foram embora. Dois ou três anos transcorreram calmos; foi preciso, porém, que os habitantes penassem duramente para reparar estragos mais espantosos que os de um incêndio.

Enquanto isso, velavam, noite e dia, pela sua igreja, como a pupila de seus olhos.

Em 1871, justamente no dia da Anunciação, um nôvo cura, chamado Starosielce, apareceu, de imprevisto, em companhia do pope Kalinowski, e quis ocupar a igreja à força. Ai os camponeses o cercaram, com uma floresta de punhos ameaçadores, gritando-lhe:

— Se o cura Terlikiewicz não vai voltar, não temos necessidade de ninguém.

Em face de atitude tão resoluta, Starosielce apressou-se em fugir. Voltou no dia seguinte, entretanto, com um pelotão imponente de gendarmes.

Ele escolhera o melhor momento. Era de tarde, todo o pessoal estava no campo, longe, distante de suas casas, só tendo ficado na aldeia as crianças e os velhos, que cochilavam nos quintais.

Por sorte, o homem que ficara de vigia perto da igreja percebeu a tropa que desembocava da mata e, pressentindo o perigo, pôs-se a tanger o sino.

No campo ouviu-se um grito só; todos apanharam o que tinham à mão e correram em socorro.

Os gendarmes, vendo-se descobertos, largaram as rédeas dos cavalos, a galope, chegaram à porta do cemitério e a derrubaram; contudo, não chegaram ao meio do caminho, porque os camponeses os combateram e os dispersaram como um bando de gaviões.

Starosielce não se deu por vencido: alguns dias depois retornou ainda, cercado desta vez por duas *sótnias*.

Entraram em Hrudy em triunfo, banda de música à frente. Os camponeses estremeceram, quando os viram, fizeram o sinal da cruz com a mão trêmula, mas não se acovardaram; as

mesmas lutas começaram diante da igreja, embora mais rápidas. As lanças, as balas, as cargas de cavalaria logo abriram caminho para os agressores, que acabaram, finalmente, por tomar a paróquia; depois disso, como de hábito, os soldados se aquartelaram nas casas dos camponeses e aí se deixaram ficar por oito semanas inteiras.

Quando se foram, afinal, não havia em Hrudy uma espádua sem marca de pancadas, nem mais um vidro nas janelas, cada cabana se transformara em hospital ou orfanato, porque cinco grandes proprietários haviam tomado o mesmo rumo do cura Terlikiewicz.

Os anos seguintes trouxeram alguma trégua. Sararam as feridas, refizeram-se os prejuízos verificados naqueles pobres pecúlios, até as lágrimas secaram; só a lembrança dos que se exilaram não desapareceu: suas casas desertas, fechadas com tábuas, seus campos abandonados, nos quais ninguém ousava tocar, gravaram-se para sempre nos olhos dos outros, constituindo obstinadamente o mudo testemunho da iniquidade.

Chegou 1874, o ano para sempre memorável da supressão da União.

Hrudy, como é natural, não foi esquecida. Durante oito dias houve "conversão", durante oito dias as exortações apostólicas se fizeram ouvir em meio ao sibilo dos cnutes e aos gemidos dos pacientes.

A sementeira ortodoxa foi pródiga, a messe laboriosa, a debulha incansável: a colheita foi terrível.

Hrudy não se deixava converter, obstinando-se em seus "erros" seculares; mas foi arrastada à igreja oficial e deixada sob a tutela das leis de exceção e dos gendarmes.

A vida retomou o curso habitual. As cabanas vazias continuavam a esperar seus proprietários, os órfãos seus pais, os oprimidos a justiça. Enquanto isso, plantavam, semeavam, trabalhavam como sempre; a aldeia, todavia, lembrava um cemitério: nada de cantos, nada de danças, ninguém sabia mais rir. Os moradores deslizavam como sombras, pálidos, cadavéricos, mortalmente tristes, roídos pela miséria e pela tristeza, mas sempre dispostos a novos sofrimentos e novos sacrifícios pela causa.

Haviam rompido qualquer ligação com a igreja e o cura, separados para sempre, porque ali então dominava uma língua estranha, uma fé estranha, uma gente estranha. Ninguém visitava mais os túmulos.

Os camponeses rezavam em casa, às escondidas; nas grandes solenidades, reuniam-se nas matas. Batizavam as crianças a título provisório. Enterravam os mortos sem que ninguém visse, à noite, tomando o cuidado de bater bem a terra, com receio de que os policiais viessem a abrir a fossa e os obrigassem a fazer o entêrro segundo o seu rito odioso. Não havia mais casamentos, por não ter sido ainda adotado o uso dos "casamentos cracovianos". Não querendo contato com o pope que lhes havia sido impôsto e não podendo freqüentar as igrejas católicas, aguardavam pacientemente dias melhores, expostos aos vexames incessantes das autoridades.

Viviam nesse transe, sob contínuas ameaças, desligados do mundo como párias, perseguidos como um bando de animais perigosos, presos numa apertada rêde de prescrições, proibições e penas.

Ninguém os socorria. Diante dos "oponentes", tôdas as portas se trancavam, fugiam dêles como de pestilentos, expulsavam-nos das igrejas; tinham o mêdo sempre à sua frente e, às costas, o olhar vigilante de ódio. Por mais que suas feridas se reabrissem e cicatrizassem, entretanto, por mais que a pobreza os perseguisse, o fisco lhes levasse a última fatia, a perseguição os oprimisse, o mundo inteiro os evitasse, êles lutavam, apesar de tudo, em seu sombrio isolamento, lutavam até o último suspiro, por amor à sua verdade.

Estavam as coisas nesse pé em 1876. Foi então que desabou sôbre a aldeia uma desgraça que desde muito já se previa. Fim de março: um dia, chegou a ordem imperiosa para que levassem imediatamente à igreja ortodoxa as crianças que ainda não haviam sido batizadas.

Foi como uma chicotada no céu tranqüilo. Hrudy agitou-se num rumor de desvario. Gritos lancinantes fizeram-se ouvir nas cabanas. Fora, os habitantes corriam, espantados, erguendo os braços. Então, ia recomeçar tudo, quando os últimos

infortúnios ainda eram tão recentes, quando as cicatrizes ainda não haviam desaparecido, quando a terra empobrecida reclamava cuidados incessantes!

— Que fazer? Que fazer? — êles se perguntavam, em lágrimas.

Ninguém sabia responder, mas a ninguém ocorreu que teriam de obedecer. Haviam resistido durante tantos anos, pago tantas multas, sofrido tantos vexames, que não iriam então submeter-se mansamente e entregar os filhos à perdição eterna!

Os cabelos eriçavam-se-lhes na testa, os punhos se crispavam, ao mesmo tempo que uma inflexível deliberação se firmava no íntimo de cada um, fazia com que erguessem a fronte e brilhava nos olhos intrépidos que encaravam de nôvo o futuro sem medo.

Sem sinal de hesitação, sem clamor, todos se entenderam rapidamente. Estava assentado: não entregariam os filhos, mesmo que para isso tivessem de pagar com a própria vida.

Mal chegaram em casa, os policiais apareceram, de carro, com o prefeito à frente, para cumprir as ordens.

A igreja ortodoxa estava preparada, a porta escancarada, e o prefeito, com seu séquito, atravessou a rua, lendo, numa relação, o número das crianças que cada casa deveria entregar.

Os camponeses puseram-se à soleira de suas casas, cobrindo a cabeça espantados e ouvindo em silêncio; as mulheres, encostadas na porta, com os filhos nos braços, olhavam tudo estranhamente pálidas, olhos em febre, dentes cerrados. Quando o prefeito se afastou, acompanhado de seu séquito, elas desapareceram como por encanto e as cabanas se trancaram de repente, em silêncio, uma a uma.

De súbito, o prefeito voltou-se e, vendo apenas os camponeses atrás de si, gritou:

— E as mulheres? E as crianças?

Os homens fitaram-no, com os olhos duros e frios como a pedra.

Sem perguntar-lhes mais nada, o prefeito pôs-se a bater à primeira porta, vociferando:

— Saiam! Saiam! Do contrário, vou buscá-las pelos cabelos!

Como resposta, os cães uivaram; nem uma só cabeça apareceu.

As casas, com as portas e janelas fechadas, davam a impressão de abandonadas e mortas.

O prefeito gritou para os homens que as abrissem; ninguém se moveu. Um deles limitou-se a dizer-lhe, em tom feroz:

— Vá você mesmo abrir!

Ele se voltou furioso contra uma janela e recuou, berrando como um cão batido com um porrete cheio de espinhos: recebera na cara uma vasilha de água quente. Urrando de cólera, deu ordem para que os policiais tomassem as casas de assalto, como se fôsem fortalezas.

Não era fácil, porque em tôdas as entradas haviam sido colocados arcas, armários, todos os móveis que puderam amontoar, e quem quer que se aproximasse se arriscava a ser escaleado ou atacado a pancadas.

No meio da rua, os camponeses contemplavam a cena com o maior sangue-frio.

As casas pareciam estremecer com o alarido; as mulheres defendiam-se, respondiam, ouvindo-se gritos de dor a cada instante, em meio às pragas, choro de crianças atemorizadas, ruído de tábuas quebradas e de vidros que se faziam em pedaços, latidos de cães e rumor surdo dos pranchões com que arrombavam as portas.

Vencidos os primeiros obstáculos, os policiais entravam, tendo início então as lutas corpo-a-corpo nas salas escuras e baixas, porque as mulheres não se rendiam.

Finalmente, algumas cabanas foram tomadas, mas já as mulheres se haviam refugiado, com os filhos, nas chaminés e nos fornos de pão; era preciso tirá-las uma a uma.

Elas se defendiam com unhas e dentes, arranhavam, mordiam; loucas de desespero e raiva, vestidos em tiras, feridas, ensangüentadas, pareciam lôbas perseguidas por uma matilha.

Os homens jogavam água sobre elas, queimavam a palha para asfixiá-las como se faz com as raposas, tentavam tirá-las de lá com ganchos; nada conseguiam.

Assim, as mulheres venceram.

Os agressores tiveram de bater em retirada, porque entardecia e a atitude dos camponeses já se tornara ameaçadora. O prefeito ameaçou a aldeia com um castigo terrível e foi embora com os seus esbirros.

A igreja foi fechada, tudo voltou à ordem natural e a calma reinou por algum tempo.

Por muito pouco tempo, porque logo aos primeiros dias de abril, de manhã cedo, o sino tocou e se fizeram ouvir gritos sinistros.

— O exército! Salvemos as crianças!

Já se ouvia, perto do torniquete, o rufar dos tambores, o tinir das armas e o passo pesado dos soldados em marcha.

O terror percorreu a aldeia como à notícia de um incêndio. Não havia mais esperança. O povo saiu de casa e ficou a olhar, petrificado, com olhos que não enxergavam mais a longa coluna que avançava em sua direção.

Fêz-se um silêncio de morte, ninguém respirava sequer; todos sabiam que seria inútil qualquer tentativa de resistência; mas bateu o coração das mães. Elas apanharam os filhos arrumando-se às carreiras, e assim como estavam, descalças, de camisa, ganharam os quintais às escondidas, por trás das granjas, depois atravessaram o campo e desapareceram ao longe, nas brumas crêspas da manhã.

O exército ocupou a aldeia e foi dada ordem para que as mulheres e as crianças se reunissem em frente à igreja.

Ninguém apareceu: elas já se achavam em lugar seguro.

— Onde diabo elas se meteram? — diziam os soldados, cascavilhando tudo, de alto a baixo.

Os camponeses calavam, ninguém lhes arrancava uma palavra.

— Está bem! Nós as esperamos — declarou o chefe.

E o exército fez o acantonamento.

Seguindo algumas pistas, chegaram a descobrir o refúgio das mulheres. As matas foram cercadas por patrulhas, cortadas as comunicações com a aldeia, estabelecida severa vigilância para que ninguém trouxesse víveres.

Estavam certos de que o frio e a fome não tardariam a fazê-las voltar.

— Elas amolecerão, essas frangotas; elas voltarão para o poleiro — diziam os soldados, pilheriando.

Mas um dia, dois dias, três dias passaram e elas não retornaram. Uma terrível angústia dominava a aldeia, o trabalho estava interrompido, os moradores não sabiam mais o que faziam, olhos incessantemente voltados para o mesmo ponto do horizonte; nessa angústia impotente, só podiam chorar, rezar, esperar um milagre.

A semana tôda escoou e nem uma mulher reapareceu.

Distante, a floresta erguia sua massa obscura, misteriosa, em cujos flancos se percebiam as cintilações das baionetas.

A primavera, naquele ano, estava horrível. Todos os dias caíam chuvas intermináveis, tempestades furiosas desabavam sobre a aldeia, inundavam os campos e iam até às bordas da floresta, onde se faziam ouvir urros tão terríveis e clamores tão lancinantes que os habitantes criam ouvir, no rumor da tempestade, soluços de mulheres, gritos de crianças e estertôres de agonia.

Por vêzes, nas noites calmas, quando o luar radioso cobria os campos enevoados e a mata iluminada parecia sonhar, alguns camponeses juravam distinguir, entre as árvores, fantasmas brancos que lhes estendiam os braços e lhes faziam, de longe, sinais desesperados.

Passaram-se duas semanas, e elas não voltaram.

Os dias continuaram monótonos e pesados, arrastando-se com indizível tristeza, escoando gôta a gôta como lágrimas. Era então a época dos trabalhos da primavera, os campos aguardavam a charrua, reclamavam suas sementes; mas quem tem cabeça para trabalhar quando a inquietação nos domina e nos enfraquece os braços? Nem o sono trazia aos camponeses o alívio para as suas noites febris de espera, porque toda vez que o vento batia à janela, êles julgavam ouvir alguém deslizando ao longo dos muros, bater, entrar...

Três semanas transcorreram e elas não voltaram.

O tempo melhorara e no fim de abril o sol apareceu. O trigo florescia, os rebentos apontavam, a campina cobria-se de

botões-de-ouro, os pássaros começaram a cantar nos vergéis, ouvia-se pela manhã o grito das cegonhas, todos os dias as cotovias faziam vibrar sua cantoria no céu claro. A primavera tinha início entoando, a plena voz, o seu hino triunfal; os homens, porém, os olhos inundados de lágrimas, não a viam, suas almas crestadas pela dor não a sentiam; a desolação não a deixava transpor a porta das cabanas.

Quatro semanas haviam decorrido e êles ainda esperavam.

Na aldeia enlutada só se ouviam cantos fúnebres. Tôda noite acendiam círios, recitavam a oração dos agonizantes; tôda noite súplicas lacrimosas erguiam-se para as estrêlas.

Cinco semanas, e elas não voltavam!

A dor dos camponeses chegava à loucura. Êles se precipitavam contra as baionetas, querendo a todo custo abrir caminho em direção à mata, preferindo morrer a sofrer tamanha tortura. Mas o círculo de ferro não cedia. Êles retornavam, coração oprimido pela raiva, mais infelizes ainda.

Finalmente, seis semanas escoaram. Cansado de esperar, o exército deixou a aldeia.

Os habitantes, como um só homem, lançaram-se para o campo, em direção à mata; e ainda não haviam chegado perto quando, surgindo das profundezas escuras, uma aparição terrível de espectros lhes veio ao encontro. Eram elas! Vergadas para o chão, apoiando-se nos galhos, quase nuas, descarnadas como esqueletos, mas radiosas como o sol e a primavera, vitoriosas como a própria vida!

Haviam vencido a fome, o medo, o abandono, o frio, as doenças; vencido a morte e salvo os filhos; e elas voltavam — aquelas grandes, aquelas santas almas — para os seus lares, para as suas casas, para os seus trabalhos, para a luta de cada dia.

.....
Para concluir a triste história dos batismos forçados, narrarei, ainda, uma cena de que a mesma aldeia foi testemunha, em 1876.

Após a partida do exército e o retorno das mulheres, a vida retomou seu curso, em meio aos trabalhos e preocupa-



ções de cada dia. Os temores não se haviam dissipado; sabia-se que, embora as mães houvessem afastado o perigo por algum tempo, as coisas não permaneceriam assim. Ninguém tinha essa ilusão. O pope estava na espreita, aguardando o momento azado. Os camponeses se mantinham em vigilância, na expectativa de terríveis represálias. As mulheres dormiam com os filhos nos celeiros, estábulos e granjas, prontas para fugir ao primeiro sinal; os homens vigiavam os caminhos, noite e dia.

A vigilância falhou, porque algumas semanas depois, numa noite escura e chuvosa, uma daquelas mães, Apolônia Szucka, ouviu baterem à porta.

A cabana era localizada à distância, no fundo de um vergel. A mulher estava sòzinha, com um filho de poucos anos, visto que o marido fôra recentemente deportado. Aproximando-se da janela, indagou:

— Quem é?

Caras sinistras surgiram por trás dos vidros e ela ouviu o tinir dos sabres, o que lhe causou calafrios. Imediatamente compreendeu o que queriam dela.

Com o filho nos braços, louca de medo, tentou fugir, mas tôdas as saídas estavam tomadas; coronhas de armas batiam nas paredes; ouviu gritos de ameaça:

— Abra! Abra!

A mulher ficou um momento no meio do quarto, atterrizada, plantada no chão pelo medo. Quando a porta foi arrombada e as janelas saltaram, ela pulou para o celeiro, abriu o côlmo e, passando a cabeça pelo buraco, pôs-se a gritar a plenos pulmões:

— Socorro! Socorro!

A porta de entrada não resistiu por muito tempo. Os homens entraram, arrastaram a mulher para baixo, moeram-na de pancadas, deram-lhe pontapés como se fôsse um esfregão; embora ela se defendesse como uma lôba furiosa, êles tiraram-lhe a criança e a levaram triunfalmente ao pope.

A mãe pôs-se a persegui-los aos urros. Ajoelhava-se aos pés dêles, abraçava-se às botas, e, jogada longe, ferida, afas-

tada a pontapés, voltava a levantar-se e continuava a andar com a energia selvagem do desespero.

Tôda a aldeia despertou num piscar de olhos, as mulheres que tinham filhos fugiram para a mata; as outras seguiram os policiais, formando um grupo feroz e ameaçador, não ousando, contudo, tocar na criança, que se debatia, em pranto.

A mãe avançava para êle, a cada instante, vociferando:

— Quero meu filho! Quero meu filho!

Os policiais apertaram o passo, carregando a prêsa, como um bando de lobos, e movendo, para a direita e para a esquerda, as suas baionetas, visto que os gritos da mãe agitavam tôda a aldeia e já se formava uma multidão. Afinal, chegaram à igreja, cuja pesada porta se trancou rumorosamente depois que êles entraram.

Apolônia tentou forçá-la: os ferrolhos haviam sido corridos.

— Quero meu filho! — gritava. — Não quero a religião de vocês. Êle já é batizado. Vocês vão pôr a perder a alma dêle.

Contornando a igreja, ela tateava com as duas mãos as paredes escorregadias e esforçava-se por atingir os vitrais iluminados; quando ouviu o choro da criança, voltou ao estado de fúria, atirando pedras enormes contra as paredes, sangrando os dedos para arrancar os tijolos, mordendo as ferragens das portas; voltou-se, afinal, para a multidão, soluçando, num supremo esforço de razão:

— Salvem meu filho! Não o deixem perder-se. Tem quatro anos. Êle já tem sua religião, a nossa religião polonesa, católica. Chama-se João. Quase morri quando o tive. Foi batizado logo depois. Foi registrado, os compadres ainda vivem, todo o mundo sabe disso. Tenham piedade de mim! Êles levaram meu marido, minha mãe morreu de tanto apanhar. Não tenho em casa um pedaço de pão, só tenho meu filho. Agora, êles tiram meu filho! Vou ficar só no mundo! Ainda sinto também o que êles fizeram comigo, também resisti. Será o fim do mundo? Será que não existe mais Deus, nem justiça! Que êles me matem como a um cão, mas não ponham meu filho a perder. Salvem meu filho, salvem!

Os circunstantes choravam diante de tamanha desgraça; pelos rostos crestados pelo sofrimento, as lágrimas rolavam, como a chuva que fustiga as árvores da praça.

— Ele chama por mim! Ele chama por mim! — exclamou, de súbito, a pobre mulher.

E dando um grito selvagem caiu sem sentidos.

Levaram-na para casa.

Amanhecia. Uma claridade mansa, chuvosa, atravessou as pálpebras pálidas da pobre mulher. Voltando a si, ela correu os olhos pela sala. Nem uma lágrima correu-lhe pelas faces, nem um suspiro saiu-lhe do peito, ela nada perguntou; os presentes, vendo aquela fisionomia de cadáver e aqueles dois olhos vagos, foram saindo em silêncio.

Apolônia colocou uns trastes diante da porta e das janelas quebradas, acendeu uma vela diante de uma imagem de Czenstochowa, ajoelhou-se e pôs-se a ler seu livro de orações.

Umas horas depois, já dia alto, alguém se aproximou da cabana.

Absorta em suas preces, a mulher nada ouviu; súbito, o gemido de uma criança fê-la erguer-se; olhou pela janela, recostou-se à parede, trêmula, depois baixou a cabeça e voltou a rezar.

— Abra a porta! Aqui está seu filho — disse o homem, impaciente.

— Já não tenho mais filho — respondeu Apolônia, num tom terrível.

— Vamos deixar disso. Ele agora se chama Feduchka. É preciso festejar o batismo.

— Vá embora! Já não tenho mais filho! Se me traz aí outro garoto, verá o que farei com ele.

Tinha o ar tão alucinado que o homem colocou a criança junto à parede e fugiu.

Ela continuou a orar, suplicando a misericórdia divina. Fazia frio, a chuva batia nas vidraças, o vento sacudia as árvores; fora, na lama, o menino chorava, procurando a porta, tentando alcançar a janela.

— Mamãe! Mamãe! Abra, sou eu, o João.

Sofrendo a maior tortura, a mãe morria de dor, mas não abriu a porta.

Um vizinho ouviu tudo e gritou, de longe:

— Pelo amor de Deus, mulher, o garoto já nem respira!

Apolônia apareceu na janela, o ar contrafeito, e murmurou, com um sorriso estranho:

— Silêncio! Ele acaba de adormecer...

— Como? Que se passa em sua cabeça? Você...

Contudo, recuou diante daquele rosto desvairado.

Pondo o dedo nos lábios, a mulher sentou-se perto do berço e começou a embalar-lo, com ternura.

Chegaram algumas pessoas, lamentando o estado da mulher e tentando convencê-la por todos os meios possíveis. Ela nem as ouvia, limitando-se a dizer-lhes, de vez em quando, num tom de súplica:

— Silêncio, não falem! Ele está dormindo, meu filho querido, está dormindo...

Os presentes levantaram-se e foram embora, balançando a cabeça. Um deles tomou conta da criança, que morreu alguns dias depois.

Quando lhe deram a notícia, Apolônia sorriu, tirou do berço uma boneca de pano e respondeu, correndo os olhos alucinados em derredor:

— Viram? Não entreguei a eles o meu Joãozinho! E eles não o terão, não o terão nunca!

Sentada ao pé da parede, ninava a boneca no colo, sacudia-a para o alto e cantava, sem saber o que fazia:

*O-lá-lá, são dois gatinhos!
São dois, pequenos e gordos!*

CAPÍTULO QUINTO

Eu ia para Chelm, de Brest da Lituânia, passando por Koden, Slawatycze, Wlodawe e Sawin. Um estirão, que devia fazer por etapas. Resolvi parar, de início, em Slawatycze. O cocheiro era de boa categoria, um velho engraçado, conversador como ninguém, que conhecia a terra, os homens e as coisas tão bem quanto os seus cavalos e que por todo o caminho me distraiu com as suas histórias.

— Os patrões me chamam Ivã — disse-me êle, ao tomar as rédeas.

Subi, o chicote estalou e o carro partiu.

— Mas, para falar a verdade, eu sou Nikon. A moda, entre os patrões, é ter um João ou um Mateus para guiar. No Bug, João deve ser sempre Ivã.

Deu uma risada, estalou a língua bem alto e tomou a larga estrada enlameada.

Partimos de madrugada, antes do sol nascer. Os campos de Bug ainda estavam cobertos pela bruma e no nascente, por cima da mata, aparecia o primeiro clarão da manhã. No leito da estrada sombria as poças de água espelhavam como vidraças cobertas de lama. Aqui e ali, no meio da campina, emergiam

os penachos úmidos de algumas árvores. Um sôpro gelado vinha do rio e a neve caía. As cabanas ainda dormiam, enfurnadas confusamente em seus vergéis, e só o murmúrio de algum riacho invisível perturbava o silêncio infinito.

— Tempo bom para os ladrões! Até os cães dormem — exclamou Ivã.

Dominava-me um torpor invencível. Desejaria dormir um pouco, mas os terríveis solavancos do carro não me deixavam cerrar os olhos. Afinal, o carro deslizou sôbre a areia e eu me senti, pouco a pouco, dominado por uma deliciosa mordorra.

— As cegonhas ainda estão no ninho, o tempo está firme! — gritou-me de súbito o meu prestativo condutor, estalando o chicote numa árvore.

Abafei uma praga. Já então o sono se fôra. E o homem continuava:

— As medas de trigo estão dentro da água como patos. Lindo feno, êste verão, no estrume! Mais uma miséria para o povo, como se ainda houvesse pouca! Ora, velho, atenção, do contrário vais ver...

E chicoteou os animais de tal forma que êles saíram em disparada e eu quase tombei da *bryczka*.

— O senhor conhece estas bandas? — indagou.

Voltou-se um pouco para mim. Observei-lhe o perfil adunco de ave de rapina, o nariz fino e curvo, bigode curto, suíças grisalhas e uns olhos estreitos, sempre em movimento.

— Conheço, mas muito pouco.

— Então, o senhor deve ter conhecido a pequena nobreza da Podlâquia. Bela nobreza, por Deus, um saco e um tôldo! — comentou, em tom de desprezo.

Depois, sem esperar resposta:

— Ora, os pobres diabos! Eu os conheço bastante. Trabalhei perto de Wengrow. Lá, senhor, nas aldeias, quase não há camponeses, só nobres. Os dedos dos pés aparecem através dos buracos das botas e são chamados de "senhores". São cinco para uma vaca. Se um cão se deita no campo, não sabe onde pôr o rabo, que pode ficar no terreno do vizinho. Só uma coisa: são mais comerciantes que os judeus! Mesquinhos, orgu-

lhosos, trapalhões, o mais que se pode imaginar! Bons poloneses, isto sim, e verdadeiros católicos. Mas como são ridículos, êsses animais, fazem-nos morrer de rir. Conhece a história daquele que levava ovos para Varsóvia?

— Não.

— História autêntica, meu patrão a conhecia.

— Está bem, conte, que isso ajuda a passar o tempo.

— Aconteceu o seguinte: uma vez, um *szlachcic*, um nobre de Wengrow, chamado Kiszka, conduzia um carro cheio de ovos para vender em Varsóvia. Era verão, dia quente, mas desde a manhã ameaçava cair a tempestade. O vento soprava forte, a poeira dançava na estrada, o trovão ribombava e o céu se tornava cada vez mais escuro. O homem sentia o sangue ferver: pôs-se a empurrar o carro com tôdas as fôrças, porque a areia era espessa, fêz o sinal da cruz, fustigou o cavalo para encontrar quanto antes um abrigo. Tinha pela frente um bom pedaço de caminho e uma floresta imensa. Empurrou, fustigou, suou, e mal chegou à mata a tempestade desabou; uma tempestade que abalou a floresta, numa agitação infernal!

“O homem temia pelos ovos, não sabia mais onde se meter! Quando se tem medo, reza-se de coração aberto. Avante, portanto! Êle murmurou tôdas as orações que sabia. Recitou os dez mandamentos de Deus, rezou uma ladainha ainda por cima, mas a tempestade era cada vez pior. O tempo estava tão escuro que mal se enxergava a ponta do nariz. A mata vergada pelo vento, trovões sucessivos. Pinheiros enormes partiam-se como fósforos e os raios riscavam o céu. Os cabelos do *szlachcic* eriçaram-se; caindo de joelhos diante da imagem do bom Jesus, recomeçou a rezar alto e a gritar:

“— Mandarei celebrar uma missa, comprarei duas velas de cêra branca; peço que tenhais piedade de mim, Senhor, apiedai-vos de mim!

“— Ora, o bom comerciante! — responde-lhe uma voz poderosa, que o fêz estremecer e cair estirado no chão.

“— Está bem! Darei quatro velas e minha mulher irá à indulgência de Wengrow.

— E por que não irás a Czenstochowa, cretino? Por que não levarás um pequeno bezerro ao cura? — continuou a voz, em tom de cólera.

— É longe, Senhor, a colheita está próxima, é preciso também comprar gansos, chegou o momento em que eles diminuem. Daria o bezerro, sim, mas prometi, Senhor, palavra de honra, prometi vendê-lo a um vizinho. Se quiserdes, darei cinco dúzias de ovos à primeira igreja que encontrar.

“A floresta inteira rugiu: ‘É pouco!’ E o trovão estalou tão perto que Kiszka pensou que iria entrar de terra a dentro.

— Então, darei dez dúzias, porque preciso tirar o prejuízo. Os ovos estão agora muito caros, três florins seis ovos dos grandes! Mas pelo menos tende piedade de mim, meu bom Deus, e não deixeis que todos eles se quebrem.

— Os ruins serão atirados contra a tua cabeça!

— Eu mesmo os escolherei, posso garantir, escolherei os mais frescos!

“E o homem batia no peito vigorosamente.

“Eis que de repente a tempestade desapareceu, o tempo clareou, o vento sumiu, o sol brilhou, e todos os pássaros da mata se puseram a cantar. Kiszka esfregou os olhos, fez uma saudação ao bom Jesus, fustigou o cavalo e continuou o caminho, pensando no que acontecera.

— Paguei caro! Talvez o tempo houvesse melhorado por si mesmo” — disse de si para si, olhando o céu e suspirando. “Agora, perco dez dúzias de ovos, eis aí quanto dinheiro!”

“Balançando a cabeça, pôs-se a chorar.

“Para cúmulo do azar, mal saiu da floresta, o que viu a dois passos do caminho? Uma igrejinha.

— Ora, desta vez não há meio de escapar. Tenho de cumprir o prometido.

“Parou em frente da hospedaria, à entrada da aldeia, deu um pouco de aveia ao cavalo e pôs-se à sombra para refletir. Que fazer? Guardar os ovos? Sentia calafrios. Prometera aquilo ao próprio Deus. Cumprir? Ele estava acossado por todos os lados! Afinal, cansado de tanto pensar, adormeceu, sonhou com uma omelete de toicinho, acordou de bom humor e pediu à estalajadeira que lhe trouxesse uma grande terrina.

Foram ao carro; êle mesmo escolheu os menores ovos, furou-os com uma agulha, esvaziou-os na terrina, fazendo um monte de cascas, e mandou preparar uma bela omelete.

“A igreja terá a sua parte e eu não perderei nada.

“Respirou fundo e começou a comer, resfolegando de vez em quando e abrindo o cinturão; afinal, de barriga cheia, dirigiu-se corajosamente à igreja.

“O cura estava justamente sentado à porta, preparando-se para fumar um enorme cachimbo. Depois de ouvir a história de Kiszka, gritou para a empregada, para que lhe trouxesse a peneira para os ovos.

“— Obrigado, meu caro amigo — disse — celebrarei missa em sua intenção.

“O homem escolheu delicadamente os ovos vazios e a môça que sustentava a peneira se mostrava espantada com o pêso daquelas dez dúzias.

“— Acontece que as galinhas não têm galos! — explicou o comerciante, mentindo como um dentista.

“Depois disso, beijou as mãos do padre e pôs-se a caminho. Eis, no entanto, que o cura se lança em seu encalço, às carreiras, alcançando-o na esquina, atirando-lhe os ovos à cabeça e batendo-lhe violentamente com o cabo do cachimbo.

“— Patife, cachorro! Vou te mostrar se vale a pena zombar de Deus e roubar a igreja!

“Branco como gêsso, Kiszka largou as rédeas e enfiou a cabeça entre os joelhos. O cavalo disparou, o carro virou num fôssco e os ovos fizeram uma omelete imensa... O avarento perde duas vezes. Não é verdade, meu caro senhor? Se eu fôsse contar-lhe tudo o que sei a respeito dêles, passaria falando o dia inteiro. O senhor sabe como um outro queria chegar ao paraíso?

Não respondi. A manhã tornara-se esplêndida, e ao longe, acima dos vapores de Bug e das brumas da planície, elevava-se um cântico, surdo pela distância, mas de uma solenidade sem par, como o hino sagrado das alvoradas e das auroras.

— O senhor ouviu?

— Sim, é alguma procissão que vai para a festa de Santo Onofre.

O cântico ecoou de repente não longe de nós, num atalho paralelo à estrada, mas era ainda impossível distinguir as pessoas.

Na atmosfera saturada de reflexos de opala, o nevoeiro subia lentamente, deixando a descoberto os lençóis cintilantes de água, a terra coberta de lôdo e o centeal inclinado. As árvores e as aldeias pareciam aproximar-se de nós. Um sôpro de vento passou, o primeiro do dia, mas tão doce, tão acariciante, que as espigas úmidas de orvalho e as fôlhas adormecidas mal estremeceram. Uma cotovia voou do alto, depois duas, três, dez outras cotovias voaram, entoando a alvorada dos pássaros. Na linha do sol, as cegonhas faziam fila na direção do rio. Um grito agudo, prolongado, furou as nuvens róseas do céu. Em tôda parte os galos cantavam. O dia ia levantar-se e todo o lado do oriente se cobria de uma tintura de púrpura prestes a desfazer-se diante da majestade do sol.

— Ali estou vendo muitas cruzes novas — disse, mostrando uma recém-erigida e ainda por pintar.

— Ora! Êles plantaram tantas cruzes que se fôssemos prestar atenção teríamos de tirar sempre o boné — respondeu o condutor, em tom grosseiro.

— Não é de espantar. Antes, não podiam sequer levantar as que caíam.

— Êles terão o que ganhar com essas cruzes! Madeira perdida, só isso!

— Mas os ortodoxos também erguem cruzes...

— Erguem quando lhes determinam e quando lhes pagam — rosnou o condutor, detendo os cavalos, porque a procissão de súbito desembocava do atalho, para a estrada.

À frente, brilhava uma cruz dourada, de oito braços, por trás da qual se comprimiam umas trinta velhas e rapazes. Todos se ajoelharam um momento em tórno da cruz e um dêles entoou, com uma voz sonora, o cântico *Kiedy ranne*¹.

¹ "Quando a aurora brilha."

A procissão retomou sua marcha, cantando em altas vozes, e o còro dominava a campina, em direção ao sol que se erguia.

Êles cantavam em polonês; eu distinguia cada palavra, não podendo crer no que ouvia. Nós os acompanhamos, com o Ivã cantando também.

— Donde vem tôda essa gente? — perguntei a um camponês, que caminhava ao lado do carro.

— Nós, senhor, viemos de Olszanka — informou, falando arrastado, mas com um acento perfeito.

— Para onde vão?

— Vamos ao monastério de Jableczyn, para a festa de Santo Onofre.

— Então, é uma procissão ortodoxa?

— Ortodoxa, sim senhor.

— Ortodoxa, cantando em polonês? — continuei, sem conseguir compreender.

— E como quer que êles cantem? O senhor deve saber que êles não saberiam rezar o Padre Nosso em moscovital — declarou o homem, erguendo para mim os olhos espantados.

Fitei-o, por minha vez, tão surpreso quanto êle.

— Suba aqui, venha ganhar um bom pedaço de caminho.

Êle subiu na *bryczka*, dando graças a Deus à moda polonesa.

Pusemo-nos a conversar sôbre diferentes assuntos. Era um verdadeiro espertalhão, que respondia sempre com despitamento, sempre me fazendo hábeis perguntas. Pouco a pouco, êle se deixou vencer e me falou de coração aberto.

— Quando separarem Chelm da Polônia, proibirão vocês de falar polonês — declarei.

— Então, terão de colocar um policial em cada casa — replicou, com certo desdém. — Como teremos de falar? Antigamente, no tempo da União, em nossas aldeias, falava-se ainda o nosso patoá, agora não. Só os velhos o conhecem, os moços começam a ter vergonha dêle.

— Entretanto vocês assinaram a separação?

— Assinei, senhor, porque me fizeram assinar. Fomos chamados à casa do pope e nos explicaram que, depois da se-

paração, as terras dos castelos seriam distribuídas entre os ortodoxos.

— Fique esperando isso! — exclamou Ivã, irônico.

— Mas os mais altos funcionários o disseram! Quem sabe? — replicou o camponês.

— Vocês vão ver o que lhes darão! — insistiu o cocheiro. — Lembre-se apenas do que os oponentes receberam. . .

— Então, se não nos derem terras, não nos inscreveremos como católicos.

O espanto trancou-me a boca, Ivã pôs-se a rir.

— Não acho graça nisso — disse o outro, com uma grave convicção. — Entre os bons católicos e os ortodoxos, existe o mesmo bom Deus. Na igreja estaremos bem da mesma maneira, a missa é mais bonita, pode-se cantar, a música é uma beleza, temos procissão e há dias em que o cura fala tão direto ao coração que nos pomos a chorar e isso nos faz bem, imediatamente. Meus filhos já me advertiram que, logo que atinjam a maioridade, se tornarão católicos. Agora mesmo, os rapazes e as moças, em nossas casas, já se apressam em correr para a missa. O senhor não conseguiria obrigá-los a ir à igreja russa nem a pancada. Como se todo o mundo devesse ter a mesma fé. . . Ora, porque uma casa é católica e a outra ortodoxa, eis que tôda a aldeia entra em luta, aparecem cóleras, pecados, escândalos. Até os judeus nos ridicularizam quando vêem que cada cabana tem suas festas.

— Por que não adota o catolicismo? — indagou Ivã.

— Se eles nos derem terra?

— Sabe o que seu bispo disse aos camponeses em Hrubieszow?

— Sim, falaram-me nisso, mas não sei mais o que foi.

— Eles vieram lembrar-lhe o que lhes haviam prometido por escrito. Então, ele lhes declarou: "A terra não é de borraça, eu não vou estirá-la para vocês."

— É verdade? Ele disse isso? — perguntou o homem, espantado, baixando a voz.

— Mais de cem pessoas ouviram. E ele tinha razão. Não se pode, realmente, tomar os bens dos outros; eles não o deixarão fazer, e vocês não terão nada.

Por um tempão êle o doutrinou tanto que o pobre homem não soube responder; fortes rugas se formaram em sua fronte; fazendo-me um aceno com a cabeça, desceu do carro e pôs-se a seguir os peregrinos, mergulhado em suas negras reflexões.

Passamos tão lentamente ao longo da procissão que tive o tempo necessário para contar as pessoas; trinta e oito, ao todo.

— Pouca gente — observei, dirigindo-me a Ivã.

— Agora, não são pagos para essas peregrinações e para rezar os padres-nossos! Êles não se interessam em fazer isso por sua conta! — respondeu o cocheiro, pondo os cavalos a galope.

Ante meu ar incrédulo, acrescentou, cínicamente:

— Eu mesmo, antigamente, ganhei minha vida em peregrinações. Percorri muitas terras: Poczajev, Laura de Kiev, Lesna, Radechnica, tudo o que êles queriam. Não me fazia de rogado: comia-se nos monastérios e bebia-se vinho, tanto quanto um bom cristão pode beber. Hoje, êles são mais astutos, guardam o dinheiro; então, nós, por nossa vez, guardamos os nossos padres-nossos.

— Você, então, é ortodoxo?

— Que se pode fazer? Temos de cuidar de nossa pele. Vi tantas coisas quando aboliram a União que as guardarei até o juízo final. Senhor, vi aldeias inteiras nadando em sangue; vi como as pessoas morriam diante da igreja de Pratulín; vi centenas de indivíduos arrastados para a prisão ou caçados nos quatro cantos do mundo. Minha aldeia também resistiu. O cnute marchava, eu tomei parte na coisa, fui detido como os outros. Então, eu era jovem, sentia cócegas, e, para dizer a verdade, o cnute me deu tanto nojo de tôdas as confissões, que se me houvessem determinado para ser judeu, eu teria sido judeu tanto quanto ortodoxo. Só tenho uma cabeça para avaliar as coisas. Resisti para agradar a minha mãe, que me pedia por todos os santos. Êles me levaram a Biala, onde fiquei durante três meses. De início, nada mau; comia-se, não se sentia frio e não se fazia nada. Mas eu resistia, dizia não e não! Então êles me puseram de parte e só me deram uma libra de pão por dia. Eu resisti. Que é a fome para o cam-

ponês? É uma verdadeira mãe! Mas depois êles tomaram uma resolução e passaram a alimentar-me com cereais e toicinho rançoso. Dessa vez, não agüentei, senhor. Teria resistido a tudo, ao diabo no inferno, mas ao toicinho, não! Uma semana depois eu fazia tudo o que êles queriam. Sinto náuseas só em pensar nisso. Com toicinho rançoso êles conquistaram uma alma...

Explodiu numa gargalhada maldosa, que me fez estremecer. Fitei-o com um misto de mal-estar e compaixão.

— Pouco depois, vi o que era tudo aquilo e agora sei que uns e outros podem ser jogados no mesmo cêsto! — continuou, no mesmo tom colérico. — Todos se aproveitam do camponês, porque todos vivem do camponês. Não é verdade, talvez?

Nada respondi. Êle também silenciou, fustigou os cavalos, e, depois, voltando-se para mim:

— Bem que poderia acontecer o mesmo que aconteceu com aquelas boas mulheres que disputavam um cão e que o puxavam cada qual para o seu lado. O cão acabou por não gostar da disputa e mordeu as duas mulheres.

CAPÍTULO SEXTO

J á não me recordo mais onde vi, pela primeira vez, uma cruz erguida no campo, mas ainda a vejo, solitária, no meio de um trigal ondulante, estendendo os braços, como para atrair, num abraço consolador, todo êste desgraçado país. De início, pensei tratar-se da sepultura de um suicida, mas depois, no curso de minhas peregrinações, vi outras iguais, através dos campos ou nas matas, em terras incultas, à beira dos rios, no prado, sempre longe das casas e das estradas.

O que me impressionou é que tôdas eram novas e pareciam da mesma época. Quiseram as circunstâncias que eu viesse a conhecer-lhes as origens nas cercanias de Chelm.

O camponês que me conduzia surpreendeu-se com a minha pergunta, olhou em derredor de si, desconfiado, e, embora a estrada estivesse deserta, disse-me, em voz baixa:

— São as sepulturas dos que resistiram até o fim. Que Deus proteja a alma dêles!

E calou-se, suspirando, como tomado por uma onda de lembranças dolorosas, que não ousei interromper.

O calor, nesse dia, era intolerável. O céu em brasa pesava sôbre nossas cabeças como uma tampa quente, os cavalos se arrastavam penosamente, e o profundo silêncio dos

campos nos dava um invencível torpor. O mundo inteiro parecia desfalecer sob os ardores do sol. As espigas de trigo pendiam pesadamente ao longo das estradas e a sombra das árvores se enroscava ao pé do trigo como fôlhas crestadas pelo fogo. Uma atmosfera de forno: o ar queimava, a terra queimava, tudo queimava. Nem uma alma em parte alguma; a tarde ardente de julho fizera com que todo o mundo fôsse abrigar-se em casa. Nem uma voz, nem um canto de passarinho. Até as cotovias se haviam calado. Apenas, de vez em quando, uma gralha, de bico aberto, voava rente ao solo, uma codorniz gritava nas plantações de centeio ou um bando de pequenas perdizes mudava de lugar.

— Ainda estamos longe? — perguntei, porque o silêncio já se me tornava insuportável.

— Não — respondeu o homem, surpreendido. — Chegaremos à noite.

Felizmente, a estrada atravessava então uma densa mata. Vi água brilhando num fôss, para o qual os cavalos estenderam àvidamente o pescoço.

— Se deixássemos passar êste calor intenso? — propus, sentindo-me exausto.

— Bem, os cavalos tomarão fôlego e a gente descansará um pouco os ossos.

A mata cobria-nos com a sua sombra fresca, um hálito úmido, impregnado de resina, vinha das profundezas. Estendi-me sôbre a relva com delícia. O camponês jogou feno para os cavalos, sentou-se a meu lado, acendeu o cachimbo e murmurou, como se falasse consigo mesmo:

— Os que estão enterrados por aí ainda hoje resistem... É verdade, senhor — insistiu, erguendo a voz, de súbito. — Durante êstes anos terríveis, era preciso mudar de batismo, de igreja, de casamento e, quando se morria, de sepultura cristã. Não se podia nascer ou morrer como se quisesse. Quando não se queria ir para a sepultura em companhia do pope e dos gendarmes, éramos obrigados a levar os defuntos, à noite, em silêncio, para qualquer parte, como se fôssem pestilentos. As multas, então, choviam forte como granizo. De qualquer maneira não se podia desaparecer sem ser incomodado, era pre-

ciso um atestado de óbito; o escrivão perguntava: "Onde foi enterrado o defunto?" "Na terra." "Qual o pope que o enterrou? Em que paróquia?" "Na terra." Depois de tudo, não se está mesmo na paróquia de Deus? Muitas vezes o interrogatório se fazia debaixo de pancada, mas os camponeses só sabiam dizer uma coisa: na terra. E diziam a verdade. Então, os policiais percorriam os cemitérios como raivosos e se encontravam o morto mandavam desenterrá-lo para o enterrar de novo à sua maneira. Eu passei por essa desgraça. Perdi meu filho, de quase cinco anos, levado pela varíola. Enterrei o menino como o faz a nossa gente, às escondidas, numa noite escura; calquei a terra, cobri com a relva, mas qual! Os policiais descobriram tudo, retiraram o caixão e o pope fez novo enterro, noutro lugar e com uns trejeitos que não acabavam mais. Minha mulher ainda tentou defender o menino, mas não conseguiu nada. Tive até de pagar uma multa e peguei uma prisão.

Veja bem, não há muito tempo, há uns dez anos apenas, a mesma desgraça me aconteceu. Meu genro morreu. Era um polonês de boa qualidade e um católico intrépido. Fazia tudo para ajudar os oponentes, conduzia padres, distribuía livros, foi até a Roma com o velho Blyskosz. Uma vez apanhou uma friagem nas missões e em três dias estava liquidado. Antes de morrer só pedia isso: que não o entregassem ao pope! Era difícil, os policiais o conheciam, embora ele lhes fugisse das mãos como uma enguia. Logo que na aldeia se espalhou a notícia de sua doença, o *starszy* apareceu em nossa casa, dizendo que era para tratar de um negócio. Vi logo que fôra observar se o doente agüentaria muito tempo. Fiz que não entendia, mas meu genro, que nada mais sabia do que se passava neste mundo, gritou:

— Teu barbudo não vai me enterrar ainda! Eu me sairei destal!

O *starszy* saiu e voltou no dia seguinte. Como o enfêrmo estivesse em coma, ficou algumas horas à espera, como o diabo atrás de uma alma. No terceiro dia, afinal, meu genro morreu, à noite. Nós não dissemos nada a ninguém, nem aos vizinhos mais próximos. Tranquei as janelas e, apesar das

lágrimas e lamentações, tratei de pensar no entêrro, pois só tínhamos pela frente algumas horas. Pela manhã o policial apareceria e não o largaria mais. Em dois minutos resolvi enterrá-lo na mesma noite, não tinha tempo a perder. Por sorte, a noite estava escura e caía uma chuvinha impertinente. As mulheres cuidaram do morto, eu fiz um caixão, não sei como, e pouco depois de meia-noite nós o levamos através do campo, por um caminho da mata de cuja existência ninguém desconfiaria. Choramos tanto, lamentamos tanto, que nem lhe conto. Voltamos de madrugada; e eu não havia repousado a cabeça no travesseiro quando meu filho mais velho chegou e me disse:

— Depois da granja, pelo campo, até a mata, vê-se por onde passamos. Se derem nessa pista, encontrarão a sepultura.

Ferveu-me o sangue. Que fazer? Aquela pista não iria desaparecer assim, de um momento para outro! Estávamos na primavera, o terreno era como manteiga; em certos lugares, as rodas afundavam até os eixos. Estávamos confabulando, pensando, quando um garôto gritou:

— Lá vem o guarda!

— Jesus! Maria! Vão descobrir tudo. Vão desenterrar o morto como fizeram com João.

Mas o bom Deus me iluminou e me enviou o Espírito Santo. Fiz com que meu filho se deitasse na cama do finado, as mulheres puseram-lhe panos molhados na cabeça, cobriram-no com um cobertor, e a viúva sentou-se à cabeceira, começando a chorar e a suspirar como o havia feito sinceramente em relação ao marido.

O *starszy* entrou e foi logo pedindo notícias.

— Temos fé em Deus, êle talvez se salve. . . — declarei.

O homem encarou-nos, fêz o sinal da cruz e foi embora. Depois do meio-dia, apareceu o pope, que iria preparar o en-fêrmo para a morte. A viúva enfrentou-o e cumprimentou-o com tôda a cerimônia. O sacerdote não se surpreendeu com os

gritos da mulher, tanto estava habituado a tais recepções. Mas assim que lhe falei em bexiga o pope mudou de cara e saiu às carreiras, com muito medo: êle tinha oito crianças! Durante a semana tôda o policial nos vigiou, sem desconfiar de nada. Finalmente, veio a saber de tudo, mas já então a chuva desfiara as pegadas, nem o diabo descobriria coisa alguma. Pensei que o homem iria enlouquecer. Êle farejava dia e noite, percorrendo o campo! O golpe me rendeu algumas semanas de cadeia. Mas, que quer, senhor? Êles mesmos nos forçavam a mentir. Vivíamos debaixo da terra, como toupeiras, tínhamos que nos defender como as toupeiras. Meu Deus! Quantas vêzes a gente tinha de andar dezenas de léguas para ir rezar numa igreja! E diante do altar o guarda nos pegava pelo pescoço e nos levava para rezar na prisão. Muitas vêzes eram os sacerdotes que nos repeliam como se fôssemos cães raivosos, com mais medo dos oponentes que dos pecados mortais!

Concluindo sua narrativa, o homem persignou-se como para afastar tôdas aquelas tristes lembranças.

Quando o calor abrandou, retomamos o caminho e êle narrou-me, então, minuciosamente, a pungente história de sua paróquia. O homem falava baixo, num tom natural, monótono, como se se tratasse de casos comuns, com que todos deveriam contar. Eu ouvia, prendendo a respiração, invadido por um doloroso espanto. Tudo aquilo, em dados momentos, parecia-me uma tragédia inverossímil, e tudo aquilo no entanto, era autêntico, real, como aquêle dia radioso, como aquela estrada poeirenta, como aquêle velho camponês rabugento.

Não contarei tudo; teria, nesse caso, de contar a história de cada pessoa, de cada casa, de cada pedaço daquela terra embebida de sangue e de lágrimas. Limitar-me-ei a um só fato, que dá a medida do resto.

Em 1883, no comêço de maio, morreu em Janow, na Podlâquia, certa Inês Semeniuk, católica fervorosa, como todos os oponentes. Antes de morrer pediu à família e aos parentes, por tudo que havia de mais sagrado, que a enterrassem de acôrdo com a sua crença, mesmo que fôsse numa plantação de batatas. A coisa não era fácil, porque as autoridades, naque-

la época, já exerciam nos cemitérios uma rigorosa vigilância, sobretudo à noite, a fim de impedir os enterros clandestinos. Ora, para bom gato, bom rato. Foi tomada a deliberação de transportá-la em plena luz do dia, no momento em que os policiais menos desconfiariam.

Com efeito, no dia seguinte, umas quinze mulheres se reuniram na casa da morta, ergueram o caixão com seus panos enrolados e saíram pelas ruas transversais em direção ao cemitério. Caminhavam com a maior prudência possível, deslizando silenciosamente ao longo dos muros como fantasmas negros; mas algum "conquistador de almas" as viu e a polícia foi avisada. Imediatamente os policiais lhes barraram o caminho. Como elas eram mais fortes, conseguiram vencê-los, dispersando-os, e retomaram a carga quase sem fôlego.

Atrás delas fizeram-se ouvir apitos, chamados, galope de cavalos; ainda não haviam chegado ao pé da sepultura quando uma tropa caiu sobre elas, a golpes de sabre. As mulheres cercaram o caixão, cobrindo-o com o corpo e defendendo-o com unhas e dentes. O ruído que faziam ecoou na aldeia. Muita gente acudiu e a luta continuou, mais feroz. O caixão, indo ora para um lado, ora para outro, acabou por espatifar-se no chão e a defunta caiu na neve. Então os gritos foram mais altos, e as mulheres, exasperadas, se lançaram contra os policiais com tal furor que logo não se viu mais que um montão de corpos atacadados que rolavam, uivando, do princípio ao fim da rua. Outras mulheres, que se encontravam presentes, aproveitaram a confusão, ergueram o corpo, envolveram-no em seus xales e fugiram. Contudo, um outro grupo de policiais, com o *starszy* à frente, logo as alcançou: os homens retomaram o corpo, colocaram-no no caixão e fizeram as mulheres debandar. Assim, elas tiveram que ceder diante da força e recuaram, dirigindo maldições aos sacrílegos.

No campo de batalha ficaram apenas os policiais, que não sabiam o que fazer com o caixão, porque a igreja era longe e nenhum deles queria carregar a defunta.

Nisso apareceu um carro. Os homens ordenaram ao camponês que os ajudasse; mas este, ao perceber do que se tratava, fustigou o animal e fugiu.

Ninguém, na aldeia, a despeito de rogos e ameaças, consentiu em emprestar-lhes cavalos; e o caixão ficou no meio da rua, amarrado com cordas.

À noite, afinal, um proprietário que chegava de Blonie resolveu ceder seu carro e levar a morta para a igreja.

No dia seguinte, foi o enterro, só com o pope, o diácono e tôda a polícia da aldeia; mas em cada casa corriam lágrimas silenciosas em homenagem à desaparecida.

CAPÍTULO SÉTIMO

A noite caiu, pesada, tempestuosa. O vento percorria as estradas uivando e levantando turbilhões de poeira. No céu côm de chumbo o trovão ribombava e ao clarão violento dos relâmpagos eu via as árvores em contorções e os campos de trigo como em ondas espumantes. A tempestade poderia desabar de um momento para outro.

— Talvez a tempestade passe à distância e talvez não nos molhemos! — declarou o condutor, como para consolar.

Apressou os cavalos, que arrastavam as pernas, visto como a estrada era dura, escavada, pedregosa, entre fossos profundos e ocultos na sombra. Desde o fim do dia corríamos assim, ao acaso. Percebendo um perfil humano que cruzava conosco, perguntei-lhe, gritando:

— Qual é o caminho de Chelm?

— Pelo atêrro, à direita, e depois à esquerda.

— E êsse atêrro é longe?

Já o homem havia desaparecido como uma sombra. Tínhamos que nos arranjar, farejando o ar por ali. Nem eu nem o cocheiro conhecíamos o caminho.

— Se fôsse dia claro, eu o encontraria, que diabo! — rousnou o homem.

— Mas você disse que conhecia a estrada!

— Claro! Já a percorri por mais de uma vez para levar o velho patrão a Chelm, mas do outro lado.

Íamos às cegas, dirigindo-nos apenas pelos fios telegráficos, que gemiam acima de nossas cabeças. A escuridão aumentava, aproximava-se a tempestade; mais ninguém nas estradas; impossível mesmo encontrar uma indicação sobre as aldeias que haviam desaparecido na obscuridade impenetrável.

— No meu tempo ainda não havia atêrro — declarou o cocheiro, depois de um momento de silêncio.

— E quando andou por aqui pela última vez?

— Há uns quarenta anos... No tempo da insurreição...

Não lhe perguntei mais nada a respeito, porque o atêrro rangia sob as rodas. O carro parou de repente.

— Adivinhe agora, se é capaz! — exclamou o pobre homem, em tom de lástima.

— Pelo atêrro, à direita, depois à esquerda — repeti.

Os cavalos largaram, velozes. Algumas luzes rasgaram a noite, chegou-nos de longe um apito de locomotiva.

— Depois daquela época, nunca mais vim por aqui. Eles nos levaram, ao meu patrão e a mim, para o outro lado do Baikal. Assim, o senhor compreende, a gente esquece... — continuou o cocheiro, justificando-se.

Passávamos por extensas colinas cobertas de mata quando ouvimos, de repente, latidos desesperados e sentimos um mau cheiro insuportável.

— Cheiro de carniça. Chelm não deve estar longe.

— Mais depressa, vamos! — gritei, já não podendo mais suportar.

— É o vento — explicou êle, sem se surpreender. — Todas as aldeias têm os seus monturos. Não sei como permitem isso, ao longo da estrada...

Enquanto fazia tais considerações, o homem fustigava fortemente os cavalos; assim ultrapassamos rapidamente a zona empestada. Tomamos à direita, por uma larga rua, entre casinhas baixas, com grandes cúpulas que se elevavam, gordas como

abóboras. O caminho tornou-se logo acidentado, luzes, cada vez em maior número, piscavam como um enxame de pirilampos.

Chelm estava diante de nós, conjunto confuso de casas, jardins e igrejas, salpicado de luzes pestanejantes, desenhando-se no horizonte em contornos escuros e ameaçadores.

Depois de várias semanas, o nome dessa cidade soava-me aos ouvidos de mistura a tantas coisas horríveis que eu me aproximava com um estranho sentimento de apreensão. Há cidades más, como há pessoas más, que irradiam em tórno de si uma inexplicável inquietude. Chelm tinha sobre mim o efeito de uma dessas cidades.

Por que as lendas populares povoam sempre os cumes de feiticeiras e demônios? Nisso deve haver o símbolo profundo de uma verdade oculta. Chelm é situada numa colina bastante elevada, que de longe domina a região; como para confirmar as crenças do povo, um espírito malfazejo se instalou naquelas alturas e, há muitos, muitos anos, atira em derredor de si as sementes envenenadas do ódio, da iniquidade, da desgraça, sementes que desabrocham, frutificam e dão uma larga messe de lágrimas, sangue e sofrimentos.

Já era tarde e, como estávamos numa noite de sexta-feira, por toda a aldeia se sentia o cheiro das boas comidas preparadas para o sabá. As ruas, desertas; as lojas, fechadas; aqui e ali, por trás de vidraças iluminadas, apenas se viam silhuetas, de cabeça baixa.

No dia seguinte, pela manhã, saí pela cidade.

Já não havia nem sinal da tempestade da noite anterior, o dia estava limpo; no azul imaculado do céu, o ouro das cúpulas brilhava, e nos campos soprava uma brisa fresca, que cheirava a luzerna. Apesar de sua encantadora posição, a cidade é feia, construída à vontade, espantosamente suja e cheia de lojas de judeus. O centro, como bem o conhecemos, é composto de uma única rua, larga, que sobe a crista até à catedral, e de algumas dezenas de ruelas que se equilibram desajeitadamente pelos flancos escarpados. O que tem de imponente é o número, a grandeza e a magnificência de seus santuários ortodoxos. Não preciso dizer que eles são ricamente dotados e que não se vê um pequeno; todos os crentes de Chelm

não dão para encher um só desses santuários. Ao contrário disso, a igreja católica, que conta com mais de vinte e cinco mil paroquianos, não pode conter, mesmo nos dias comuns, os fiéis que ali desejam ouvir missa. Tal o nosso destino; há um provérbio polonês que diz muito bem: "um faz a barba com um trinchete, outro não sabe o que fazer com a navalha".

A antiga catedral uniata, transformada desde a abolição da União em sobor ortodoxo, domina o topo da colina. Ao lado, construíram um novo campanário.

Na grande escadaria de pedra, que dá acesso, pela cidade, ao pátio da catedral, estava agachada uma fila enorme de mendigos, do mais pitoresco efeito. Mal escalei os primeiros degraus, todos aqueles olhos de gaviões se dirigiram para mim e mais de trinta mãos aduncas me barraram o caminho, enquanto vozes roucas e lamurientas automaticamente entoavam um cântico de súplicas, nas quais as virgens de Czenstochowa, Ostrobrama e Kodan eram invocadas para levar-me a abrir o coração e a bolsa em favor daqueles pobres infelizes.

Eles mendigavam em tão bom polonês que distribuí alguns rublos.

Estava parado no topo da escadaria, encantado com a bela vista que se estendia pela planície em derredor, quando se fez ouvir de novo a cantilena dos mendigos.

Um oficial subia os degraus em companhia de algumas damas. Cercaram-no os mendigos com as mãos estendidas, recomeçou o cântico de súplicas, mas desta vez em outra língua e com outras invocações: Nossa Senhora de Kazan, Potchaiev, São Miguel e vários outros santos, cujos nomes ouvia pela primeira vez na vida. Naturalmente fizeram boa receita, porque as bênçãos e as ações de graças não acabavam mais.

Suficientemente edificado com aquela política de aleijados, entrei na catedral. Só então notei que estava em obras. O altar-mor e os principais ícones estavam cobertos. Andaimos obstruíam a grande nave; a pintura caía por todos os lados; um pedreiro empoleirado sob a abóbada assoviava uma polca a plenos pulmões. As naves laterais, sombrias e silenciosas, estavam igualmente vazias.



— Nunca há mais gente aqui? — perguntei a um operário.

— Quando a trazem, há — respondeu êle, fitando-me de cara, e desapareceu no fundo.

Saí para a praça iluminada pelo sol e pelos reflexos das paredes brancas. Não vi ninguém; não obstante minhas pesquisas no parque vizinho, não encontrei sinal daquelas multidões devotas que, depois das obrigações ortodoxas, vinham, de todos os pontos da região de Chelm, cercar noite e dia o *sobor*.

Entrei no museu, edifício muito limpo, monótono, num estilo muito oficial, como todos os edifícios dos arredores. Compunha-se de quatro saletas e uma ampla sala destinada às reuniões da Confraria. Numa parede, alinhavam-se os retratos dos antigos bispos e metropolitanos uniatas — os Pociej, os Terlecki, os Rutski, fundadores, benfeitores, defensores e mártires da União; na parede em frente, viam-se as cabeças fanáticas dos pastores russos contemporâneos, entre êles o famigerado Eulógio. Por aquêles olhos mudos que se cruzavam, dois mundos se mediam, duas civilizações, separadas por um abismo que não desaparecerá nunca.

A um canto, vi a imagem miraculosa de Nossa Senhora de Chelm, reverenciada desde o século XVII pela Igreja uniata, então degradada e retirada do *sobor*, pelo único motivo, sem dúvida, de que não estava vestida e pintada de acôrdo com os modelos. O *Almanaque Popular de Kholm* de 1909 comenta, nestes têrmos, um detalhe daquela imagem: "No ombro direito da Mãe de Deus, vê-se a ordem da Águia Branca, que o rei da Polônia, João Casimiro, *teve a tolice* de colocar ali, depois de haver ganho a batalha de Berestetchko."¹

Onde a Criméia? Onde Berestetchko? E os tempos da Águia Branca?

O sábio autor não se preocupa com isso. A parte final do seu artigo é um amontoado de mentiras burlescas e insultos grosseiros aos antigos bispos uniatas, sobretudo a Pociej,

¹ Esta batalha, ganha contra os cossacos, no ano de 1650, figura, em baixo-relêvo, no monumento de João Casimiro, em Saint-Germain-des-Prés, em Paris.

que chama de velhaco, ladrão, carrasco, e que, no final das contas — diz êle — “era mais um bandido que um metropolitano”. Todo o almanaque é redigido neste tom, sendo, dentre as publicações ortodoxas, a que a Confraria difunde, em dezenas de milhares de exemplares, no seio do povo. Bastam os nomes de Polônia e catolicismo para que os arrivistas russos sejam levados ao paroxismo da raiva. Espumando, vomitam injúrias e ameaças: inspiram mais piedade que horror.

Nas outras salas do museu foi reunido tudo o que foi possível salvar da devastação das igrejas uniatas. Restos de esculturas e de forros, sinos, santos monges, anjos, Cristos e Virgens, estandartes, ostensórios, missais, vasos sagrados e ornamentos — tudo isso esfarrapado, quebrado, torto, enche inteiramente os tabiques, os assoalhos, os armários e vitrinas, tudo isso se comprime, numa confusão melancólica, contra as janelas fechadas e, como aprisionado contra aquelas paredes frias, parece estar a ouvir, nos ruídos exteriores, o eco de longínquas campanhas. . .

Caía a tarde quando voltei ao meio da rua principal.

As calçadas estavam cheias — uma multidão ruidosa do sabá, que crescia a cada instante como um rio transbordante. De vez em quando aparecia um boné de funcionário, tinha um sabre de oficial ou um raro civil, descendente de Jafé, deslizava prudente ao longo das goteiras.

— Por onde andam os russos nesta antiga cidade russa?
— perguntei ao meu amigo.

— Temos, ao todo, cinco famílias, sem contar os empregados, evidentemente. Mas veja bem: quando Chelm se tornar sede de govêrno, tê-los-emos à vontade, porque será necessário ocupar os novos lugares. Os judeus, aliás, de bom grado se prestarão à transformação, dados os seus interêsses. Estou convicto de que êles vestirão logo a túnica de pele de carneiro e a camisa vermelha, mudarão de língua, retomarão suas insígnias, assinarão os novos jornais, repetirão à saciedade: “Nós somos russos”; e serão mais encarniçados contra nós que os próprios russos. Em resumo, darão à cidade a fisionomia que convém.

— Mas será difícil, para êles, transformar Chelm da noite para o dia.

— Transformar por fora não será nada, e daqui a alguns anos a cidade parecerá o que quiserem que ela pareça. Aliás, numa pequena cidade onde ninguém ousará dizer uma palavra, o govêrno se sairá bem. Pintarão de verde os telhados, de vermelho-framboesa as paredes, que parecerão ter sido esfoladas vivas; forrarão os fiacres de modo a dar-lhes o ar de montes de feno; proibirão que se fale polonês nas ruas; será liquidado tudo o que lembre, de perto ou de longe, o "ocidente apodrecido"; o que resta das igrejas será entregue aos popes; publicarão brochuras que demonstrarão cientificamente que nunca um polonês pôs o pé em Chelm; e os próprios russos acabarão por acreditar que a cidade é russa desde a criação do mundo. Junto a tudo isso alguns *pogroms* contra judeus e algumas pilhagens do erário, em que a cidade será diferente de Homel ou de Berdytchev? Talvez pelo refôrço da policia...

— E o que ganharão êles com essa palhaçada?

— O Estado? Nada. Mas aquêles que farão tudo isso: ordens, promoções, gratificações. À distância, darão a impressão de agir tendo em vista o interêsse geral e de defender a ortodoxia; na realidade, só procurarão pretextos para honrarias e distinções.

— Acredita, então, que se fará a separação?

— Disso tenho certeza. Há muita gente interessada. É preciso conquistar a região de Chelm, para jogá-la ao Moloque sempre esfomeado de bons lugares. Que o camponês polonês sofra isso, regiões inteiras retornem ao estado selvagem, oceanos de lágrimas corram, milhões de homens sejam oprimidos, que importa tudo isso àqueles para quem o único Deus é o *tchin* e o único feriado o dia 20 de cada mês?

Aquêles estarão sempre bem, abrigados e de pança cheia!

CONTOS

NUMA NOITE DE OUTONO

Um camponês bêbado ia andando pela estrada encharcada, que parecia um rio de lama líquida a escorrer pelos campos escuros e desertos.

Caíra a noite; uma noite fria, de chuva, uma péssima noite de novembro.

Do céu de chumbo caía, como lágrimas, uma chuva interminável e penetrante; os campos nus estavam vidrados, tal a umidade que os encharcava; fossos e regos cheios de água; as árvores sem folhagem inclinavam-se inertes sobre a estrada, como tremendo de frio.

Um silêncio de morte reinava nos campos alagados.

O camponês andava rápido; dava grandes guinadas, tropeçava, praguejava; mas continuava andando.

De súbito, deteve-se e começou a cantar, com uma voz rouca de bêbado:

*Olé, a linda môçal
Olé, o mundo é minha família!
E se a morte me pega,
Olé, não posso escapar,
Olé!*

A cantiga, contudo, não encontrava eco; desfazia-se no ar úmido e dissolvia-se na escuridão. Mas foi ouvida por uma vaga silhueta humana que se arrastava atrás do homem, a algumas dezenas de passos, e que parou um momento e se colocou, temerosa, de lado, na sombra ainda mais densa das árvores que margeavam a estrada.

O camponês pôs-se em marcha, a passo rápido, mas deu uma topada numa pedra ou numa raiz e estatelou-se na lama como um tronco.

Durante muito tempo nada mais se ouviu, senão o rumor incessante, monótono, da chuva e o ramalhar nervoso das árvores que se atritavam.

Afinal, a sombra aproximou-se e inclinou-se sobre o bêbado:

— Patrão! Patrão! — murmurou, em voz baixa.

O camponês despertou; tentou erguer-se, mas suas pernas e braços deslizavam, impotentes, na lama, sem encontrar um ponto de apoio. Quase sem sentidos, nem pensou mais em se levantar; estendeu-se o mais comodamente que pôde e resmungou, sonolento:

— Está bom aqui, estás bem deitado, fica por aqui, patrão, fica...

— Vamos, levante-se, você vai ficar encharcado...

— Pelo amor de Deus, se eu te meto o porrete, vais ver... — exclamou, encolerizado.

— Patrão!

— Não me acordes, mulher, é o conselho que te dou.

— Você está embriagado, atolado na lama como um porcol

— Embriagado! Dê aguardente, eu disse ao judeu, e não vinho; vou arrancar suas tranças, vai ver, já lhe disse... Fique quieta, mulher... Quando um camponês está deitado é porque precisa estar deitado, eis tudo, e isto não é da sua conta, porque você é apenas uma mulher... Não me aborreça, mulher. Fique deitado, patrão... Os empregados trabalharão por você... Os animais trabalharão por você... Fique deitado, patrão... Descanse.

A mulher, entretanto, não o deixou estirado na lama; sacudiu-o e levantou-o, de tal modo que êle recuperou os sentidos e, com sua ajuda, pôs-se de pé.

— Marcycha! — murmurou, depois de haver fitado o rosto da mulher. — Marcycha! — repetiu inconscientemente, puxando o *czapka* sobre a testa e andando rápido para a frente, em guinadas violentas.

Dir-se-ia que êle estava fugindo; logo até o rumor de seus passos foi abafado pelo da chuva.

Marcycha foi atrás, de longe. Caminhava devagar, porque os seus tamancos de madeira deslizavam na lama e constantemente se enchiam de água, obrigando-a a esvaziá-los, a cada trecho da estrada; caminhava com esforço, porque seu vestido encharcado lhe embargava os passos. Contra o peito apertava uma criança envolvida num xale, e que gemia docemente. Com os olhos perdidos na noite cada vez mais escura, a mulher se arrastava, meio zozza e inconsciente.

— Jesus! Meu Jesus misericordioso!

Foi uma exclamação que lhe escapou do coração; uma dor terrível, lancinante, fêz com que jorrassem de seus olhos torrentes de amargas lágrimas.

Ela chorava pela humanidade, pelo mundo, pelo seu desgraçado destino, pelo seu abandono de órfã. Era uma órfã sem lar, andava por êste mundo afora como as nuvens sombrias que passavam pesadamente pelo céu, como o vento úmido que subia da terra e cujo sopro desaparecia sem deixar sinal de si, como a terrível noite de novembro. . .

Em parte alguma, nunca, uma palavra de compaixão, um gesto de amparo, ninguém a quem pudesse queixar-se. . .

O destino a perseguia e a ameaçava de morte; sua única defesa eram aquelas lágrimas, aquela dor, aquêles gemidos como quando os homens tomam da cadela o seu filho cego, jogando-o na sarjeta, e êle luta contra a morte latindo desesperado.

— Jesus! Jesus! — gemia ela.

Depois, começou a ter medo da noite. Em vão procurava descobrir com os olhos qualquer luz. Nada: impenetráveis as trevas, as aldeias como mortas, mergulhadas na escuridão e no silêncio; nem um latido, nem o rumor de um carro em mo-

vimento, nem o eco de uma voz humana; só um silêncio de tumulto, cheio da ressonância monótona da chuva...

A criança pôs-se a choramingar.

— Não chore, meu ratinho... Não chore — implorava ela.

Sentou-se ao pé de uma árvore, pôs na bôca da criança um seio magro e vazio, esforçando-se por ouvir um rumor longínquo, indistinto, de queda de água.

— O moinho! O moinho, certamente! — murmurou, atenta.

Foi tomada de uma vaga esperança, porque se ergueu e começou a andar mais depressa. Depois, começou a tremer, de incerteza e expectativa.

— Pedrinho! Pedrinho! — murmurou. — Ele não me expulsará, não. Como poderia fazer isso?

Num arroubo de ternura, estreitou o filho mais fortemente contra o peito:

— Pedrito!

Um profundo enternecimento inundou-lhe a alma sofridora; vieram-lhe reminiscências de tempos melhores; por trás de suas lágrimas de infortúnio destacaram-se claras imagens do passado, e entre elas a de Pedrito.

Meio asfixiada e com fome, a criança pôs-se de novo a choramingar.

— Vamos, não chore! — ordenou a mãe, erguendo a mão para dar-lhe uma palmada.

“Como é que eu poderia...? É dêle!”, pensou, perturbada, logo começando a beijar apaixonadamente o rosto úmido do filho.

O ruído tornara-se agora distinto, percebendo-se o rolar surdo da roda do moinho.

A chuva diminuía; o vento agitava, no alto, os galhos dos choupos, que se erguiam como esqueletos ao longo da estrada, balançando-se pesadamente com um ruído ameaçador. Uma voz baixa e triste vinha da floresta, cuja muralha sombria margeava a estrada. Dir-se-ia o gemido das árvores na escuridão, queixumes abafados pela noite e pela chuva. Nuvens grossas, enoveladas e baralhadas, puseram-se a correr pelo céu baixo.

Um vago terror pesava sôbre a terra, um tremendo e denso terror que incutiu o pânico no espírito de Marcycha. Lançando em tórno um olhar amedrontado, baixou ainda mais o xale sôbre a testa e começou a correr, com tôdas as suas fôrças, em direção ao rumor cada vez mais próximo do moinho.

O vento, contudo, soprava e a perseguia; ora batia-lhe nas costas tão fortemente que ela se curvava para a terra; ora barrava-lhe o caminho e jogava-lhe no rosto a água dos charcos; ora agitava contra ela pequenos galhos e assoviava tão terrivelmente a seus ouvidos que a mulher se detinha de vez em quando para tomar fôlego.

Logo retomava o passo, porque os ramos dos choupos se agitavam acima de sua cabeça, murmuravam-lhe coisas; a mulher sentia a presença daqueles troncos enormes, daqueles ramos arrepiados, mais parecendo garras que se estendiam em sua direção, tocando-lhe os ombros, tirando-lhe o xale da cabeça, arranhando-lhe o rosto; de modo que ela corria apavorada.

Só se acalmou quando chegou ao dique que levava ao moinho.

O moinho localizava-se em nível inferior, de tal forma que o seu telhado estava à altura do dique e dos pântanos que brilhavam, com um brilho fôsko, nas trevas; cercado pela mata de amieiros negros, mata impenetrável, no meio da qual rolava e gemia a água que caía das rodas.

Todo o enorme edifício escuro tremia e rugia.

Marcycha tomou, com precaução, o caminho escarpado que descia do dique e entrou no salão do moinho.

Assim que tranpôs o patamar deixou-se cair sôbre um saco de farinha para repousar um instante.

A enorme sala estava mergulhada numa onda branca que a cegava como uma bebida. Uma lamparina suspensa no teto lançava em tórno uma luz avermelhada, mal se distinguindo alas de galerias e contornos de máquinas.

Tudo ali estava em movimento, movendo-se e tremendo; tudo se agitava e trabalhava; fremia o assoalho escorregadio; fremiam as paredes brancas e o teto donde pendiam teias de aranha enfarinhadas, tudo fremia. E por trás de tudo isso,

nas profundezas cinzentas, giravam, num ritmo automático, as enormes rodas negras, pelas quais caía, cantando, a massa espessa de água esverdeada, que ia estalar, espumando, embaixo, nas pedras agudas; de modo que as fundações tremiam e a terra gemia.

Só se ouvia o trabalho barulhento das mós; por vêzes, contudo, vinha do primeiro andar o rumor agudo de uma campainha; então, passos se precipitavam da saleta do jovem moleiro, o qual se encontrava a um canto do moinho.

Marcycha dirigiu-se para êsse lado, sentou-se por trás do molinete que servia para limpar o trigo e esperou, pacientemente.

Tinha mêdo de entrar pelo meio, embora ouvisse distintamente a voz de Pedro, de mistura com outras vozes.

Com o coração oprimido, apoiou-se ao tabique estreito e pôs-se à escuta; de vez em quando alguém saía da saleta correndo e logo uma rajada de risos, luz e calor se espalhava pela sala maior do moinho.

Na saleta baixa, o calor era o de um forno; na grande chaminé um fogo de turfa ardia em chamas azuis.

Camponeses formavam um grupo, sentados em tórno do fogo.

Um cheiro de fumo, de turfa e de peixe assado na brasa inundava a isbá.

Pedro estava estendido em cima de um monte de peles de carneiro jogadas sôbre o leito e mexia com o camponês bêbado que se balançava, um tanto sonolento, no meio da isbá.

— Vá para casa, Mateus, senão sua mulher baterá em você...

— Bater em mim, no patrão? Ora! Ela me deixará deitar em sua cama, me dará vodca à vontade ou talvez até coisa ainda melhor...

— Ela o levará para o chiqueiro dos porcos, por você haver-se embriagado dessa forma!

— Embriagado, eu? Por Deus, dê-me aguardente, eu disse ao judeu, e o porco me deu vinho; vou partir-lhe a cabeça, nem a mão de Deus o ajudará... Ele vai ver... Se um cam-

ponês lhe pede aguardente, tem que obedecer; se não obedece, pego-o pelos cabelos louros e jogo-o dentro da água.

— Miguel! O cêsto está vazio! — gritou o jovem moleiro, ouvindo a campainha.

Um rapaz ergueu-se, perto do fogo, e correu para fora, deixando a porta aberta.

Marcycha aproximou-se e deteve-se no patamar.

— O Senhor seja louvado! — murmurou, baixinho.

O jovem moleiro levantou-se do leito e exclamou, enfurecido:

— O quê!? Dê o fora, cadela!

A mulher cambaleou, lançou um olhar distraído pelos camponeses, deixou cair o filho na cama do jovem e saiu correndo.

— Um presente para você, Pedro! — disse alguém, maliciosamente.

— Um belo violino! — acrescentou outro, porque a criança começara a gritar.

— Na primavera cortejam a jovem e quando chega o inverno fogem às carreiras.

— Alguém deve socorrer o garôto, êle vai ficar asfixiado.

— Ora, muito bem, vá você dar de mamar!

Um dêles apanhou a criança e foi até perto do fogo. Todos o olharam.

— É um garôto de dois meses, pelo menos...

— Parecido com você, Pedro, tem o nariz assim como uma batata!

— Ora, faça dêle seu aprendiz, está bem?

— Ou então se ponha a alugá-lo, lá fora, isso lhe renderá algum dinheiro!

— Veja, Pedro, em cada saco de farinha roube um quarto a mais que de hábito, e o garôto ficará como um bezerro bem nutrido!

— Êle berra bem, você poderá fazer dêle um organista, Pedro. Será uma honra e isso lhe dará uns cobres nas missas de Todos os Santos e também nos enterros!

— Pedro, você comeu a carne, agora roa os ossos! A mãe é uma beleza! Ela usa uns tamancos quase novos, que valem bem seis moedas tchecas, uma saia que não se compra por menos de um *zloty* e meio e uma cara como não há outra na cozinha! Uma mulher e tanto!

— Com um banho, bem penteada, ela ficaria bem para acender a estufa entre os judeus!

Todos ali zombavam impiedosamente do homem, que, sentado na cama, se mantinha sem saber o que fazer. Tanta era a raiva, tanta a vergonha, que êle nada dizia; tinha os olhos presos no rosto alvo do garoto, cuja roupa os camponeses haviam tirado e colocado, para esquentar, próximo da chaminé; da roupa saía fumaça.

De repente, o homem deu um pulo e atravessou o salão do moinho...

Em seguida, ouviram-se gritos selvagens e pancadas.

— Estão dizendo palavras de amor! — comentou um camponês.

— Quem é ela?

— Marcycha Jantkowa, de Wola. Tiraram-lhe o trabalho e o teto, tiraram-lhe tudo... Que poderia ela fazer?...

— Ora, Pedrito é o carrasco das mocinhas...

— Carrasco, para isso, é... Mas é também um porco, o pior dos tratantes...

— Calma, calma — exclamou um deles.

— Pedro! Pedro! Não me bata! — implorava Marcycha, ajoelhando-se a seus pés. — O filho é seu... Por isso é que eles me mandaram embora, me jogaram fora de casa... Para onde posso ir? Diga, onde? Pedrito! Jesus, misericordioso, Jesus! Salve-me! Minha boa gente, salve-me... Jesus, Maria! — gritou, com uma voz terrível, porque êle lhe dava pontapés no peito, de modo que ela caiu pesadamente no chão, como um saco de farinha que deixassem tombar.

Depois, silêncio; abriu-se a porta de fora, ouviu-se um rumor confuso, só o rumor do moinho.

— Êle vai matá-la...

— Não acontecerá nada; ela se livrou do garoto, e é só!

— Miserável! Ela colocou aqui o garoto e fugiu...



O menino chorava cada vez mais forte. Um dos camponeses apanhou um pedaço de açúcar, na mesa do jovem moleiro, envolveu-o em um pano, pisou-o com o calcanhar, umedeceu-o na água e o colocou entre os lábios do garoto, que se pôs a chupá-lo àvidamente.

Por sua vez, Mateus, que dormia na cama, despertou e disse:

— Vou ficar com esta criança. É um órfão, o pobrezinho!

— Vai adotá-la? Você já não tem os seus? Sua mulher vai bater em você, por isso, você vai ver!

— Bater em mim? Qual nada! Ela se queixará, ficará amuada... É uma boa mulher... Vem, órfãozinho... Vai viver na casa de um camponês, órfãozinho!

Com aquela decisão súbita dos bêbados, êle ajeitou uma pele de carneiro enlameada, enterrou na cabeça o boné molhado de cordeiro e se inclinou para a criança.

— Vem comigo, ratinho, vem! Você não tem mãe, não tem pai, mas terá um camponês para cuidar de você. É menino?

— Claro, é um menino!...

— Êle cuidará dos animais... Você terá um empregado, patrão!

— Para começar, arranje para êle uma babá ou então afaste o bezerro de uma vaca, para que ela o amamente!

Sem ouvir as pilhérias, êle vestiu o garoto com a roupa seca, enrolou-o numa aba de sua peliça e dirigiu-se para a porta, num passo firme e igual. Imediatamente ganhou a saída. Fora do moinho, tomou rumo e subiu a encosta, com esforço, porque o vento que soprava lhe fustigava o rosto e o empurrava para cima, no caminho escorregadio.

Contudo, chegou aos pântanos, tomou a curva à esquerda e dirigiu-se para a aldeia.

O homem patinhava na lama, porque o vento revolia a água dos pântanos, que se movia em ondas e lhe enlameava os pés, em fortes ondas.

— Não chore, meu ratinho! Você terá leite... Vou preparar uma travessa... Você se sentirá bem em minha casa, meu órfãozinho. Você vai ver... Terá tudo, terá roupa, com-

prarei para você uma faquinha de feira... Você cuidará dos animais... Ou dos pássaros... Não chore, meu bichinho! — murmurava.

Com as mãos duras de frio, ajeitava o pano da peliça, com todo o cuidado.

Calou-se, com um soluço estrangulado, o vento áspero e frio paralisando-lhe as palavras na garganta.

Além da colina a estrada atravessava turfeiras e charcos horríveis; velhas bétulas, inteiramente nuas, inclinavam-se para o caminho e gemiam tristemente, fustigadas pela tormenta. A lama chegava-lhe aos joelhos. A chuva cessara, mas o vento frio soprava e deslizava no charco.

Mateus caminhava cada vez mais lentamente, porque tinha dificuldade de tirar os pés da lama; estava tão entorpecido que quase cochilava, de vez em quando despertado pelo frio e pelo vento.

A aldeia estava perto.

Mateus já não dava tantas guinadas, mas, sonolento, não sabia para onde ia, caminhava como um autômato; de vez em quando apalpava maquinalmente a peliça e a criança. Tinha as pernas trôpegas, o frio doía-lhe nos ossos, porque a peliça, aberta no peito, molhada, não o protegia do vento. Desaper-tando o casaco, esfregou fortemente as mãos nas espáduas e pôs-se a cantarolar, com a voz sonolenta de bêbado:

Olé, a jovem!
Olé, o mundo é minha familiar
E se a morte me apanha,
Olé, não há meio de escapar.
Olé!

Um grito fraco da criança, um grito intermitente e abafado, fêz-se ouvir na lama, assim como alguns passos rápidos, não muito distantes...

Ele nada ouviu: continuou andando, quase a dormir...

A AMBIÇÃO DE JASIEK

A campainha tocou, cada vez mais impaciente.

Jasiek, no entanto, não se moveu; na janela, observava a estrada cinzenta, margeada de salgueiros, que cortava largos campos assinalados por grupos de árvores.

— Jasiek, o senhor está chamando! — exclamou a empregada, que passava correndo.

Ele nem se voltou, perdido na contemplação das perspectivas que o círculo da floresta formava.

— Jasiek, você está surdo? A campainha! — gritou de novo alguém, pela porta entreaberta.

— Está bem, ele que chame... — declarou, irritado.

Afastando-se rapidamente da janela, tirou de um canto uma maleta verde e pôs-se, febril, a arrumar suas coisas. Depois, jogou no chão a libré; e continuava nessa arrumação quando a própria dona da casa entrou apressada, irritada, e o advertiu enèrgicamente:

— O patrão chama e o senhor, indolente, nem se mexe! Corra, depressa!

— Não, tudo isso acabou: não me visto mais, não vou levá-lo a passear; vou abandonar o serviço! — declarou.

— Que é que há? Ora veja, quanto lero-lero! Queira ir atender o patrão, e depressa, ou poderá acontecer-lhe alguma coisa! — ordenou a senhora, num tom tão enérgico de ameaça que Jasiiek estremeceu de medo, enfiou a libré, deu uma volta no quarto sem saber o que fazer, apanhou os sapatos recentemente engraxados do patrão e correu em direção à outra ala do castelo.

O patrão estava deitado por trás de um reposteiro verde. Erguendo a cabeça, disse, tranqüilo:

— Então, dormiu bastante hoje? Agasalhe-me bem, vamos ao parque.

O rapaz reergueu-se, de repente, pronto para explodir, mas encontrando aquêle olhar bem intencionado beijou a mão do patrão e pôs-se a trabalhar, como fazia todos os dias, há muitos anos. Depois de levá-lo, vestiu-o e o levou, na cadeira, para a mesa, onde a empregada já colocara o café. Porque o barão tinha as pernas paráliticas e Jasiiek era, para êle, um complemento indispensável, tanto mais quanto êle realizava seu trabalho com infinita habilidade e doçura, quase adivinhando cada um de seus pensamentos.

— Então, como está o tempo lá fora? Faz sol?

— Qual! Tempo péssimo! — murmurou o rapaz, grosseiramente, ruminando idéias de revolta.

Uma espécie de rubor de cólera coloriu as maçãs pálidas do barão; mas êle se limitou a chamar seu cão, que correu como um louco, aos saltos, e se jogou contra seu peito.

— Rex, chega de agrados! Dê-me a coleira e vamos embora!

Jasiiek transportou-o em sua cadeira de inválido, envolvendo-o em seu cobertor forrado, e o arrastou através de várias salas até o vestibulo, mas tão desajeitadamente que a todo instante batia nos móveis e tropeçava ao atravessar o patamar das portas, porque lhe tremia o corpo e tinha os olhos marejados de lágrimas.

— Vá pedir à patroa uns pãezinhos e milho — lembrou-se o barão, ao deixar o castelo.

Jasiek cumpriu a ordem num abrir e fechar de olhos e os dois ganharam o imenso parque, que se estendia pelos arredores como um mar de espuma, de cores brilhantes.

Logo mergulharam no silêncio e no áspero frescor, que trazia o cheiro das folhas apodrecidas. No ar cinzento e estranhamente triste, as árvores estavam enfeitadas com tôdas as cores do outono. Imensas áceras, ouro e púrpura, formavam um grupo de sonho; nas clareiras, pinheiros esguios, de cúpulas enferrujadas, pareciam furar a abóbada baixa do céu; os viburnos, que se ocultavam timidamente nos cerrados, choravam lágrimas de sangue. Aqui e ali, na verdura sombria da mata, destacava-se a flama escarlata de uma ameixeira selvagem e, por cima de uma enorme quantidade de abetos negros, os sudários alvos das bétulas, coroadas com os seus penachos ondulantes e dourados.

As folhas caíam sem fazer ruído, como borboletas mortas. As últimas flôres murchavam no chão e os olhos agonizantes da água dos charcos só apareciam através de um véu de bruma. A tristeza morna do outono estendia-se sôbre o mundo, tristemente grasnavam as gralhas, e igual tristeza vinha da terra despojada e esmagada, dos campos mudos.

— Mau dia... — murmurou o barão.

— Claro, tivemos neve pela manhã, seguramente teremos chuva logo mais!

— Bobagem! Vamos às carpas — ordenou.

Os charcos brilhavam como olhos lacrimosos, no meio dos prados. Aqui e ali os carvalhos miravam nos charcos seus galhos ruços ou bétulas mergulhavam nas águas suas tranças douradas.

O barão fêz-se conduzir até à borda e divertiu-se a jogar pedaços de pão na água; imediatamente, um arrepió percorreu a superfície lisa, os raios brilhantes dos dorsos riscavam as profundezas, bandos de carpas avançaram rápida e tumultuadamente.

Teve início uma luta surda e encarniçada; a cada instante um focinho redondo aparecia e logo desaparecia.

— São os grandes que ganham tudo... — queixou-se o barão, impotente.

— Por Deus, cada um cuida de si! O mais forte é o melhor! O cozinheiro daria um jeito nisso, porque nos charcos só há peixe miúdo...

— Ele que não venha pescar aqui, já o proibi de uma vez por tôdas — declarou o velho, com uma voz severa.

Depois de jogar na água o resto do pão, divertiu-se vendo as carpas disputarem a comida, enquanto tomava o caminho à beira do lago.

Os dois seguiram pela aléia de castanheiros seculares, que ostentavam imensos galhos tortos e se erguiam sôbre os montes formados pelas próprias raízes enoveladas. No correr dos anos haviam crescido e se tinham tornado tão bons amigos, ramos entrelaçados, que o caminho atapetado de fôlhas parecia uma nave de imensa igreja, baixa, que se diria mergulhada na fumaça de incenso e na claridade açafroada de vitrais.

— Vamos em frente!

O velho tremia de frio.

Uma lebre passou correndo perto de seus pés, logo desaparecendo na mata, com Rex a persegui-la, em saltos desordenados.

— Cão idiota! Espanta os faisões. Rex, volta! Rex!

“Beije-lhe o rabo e êle o ouvirá!” — pensou Jasiek, fitando, satisfeito, os faisões que levantavam vôo em bando e voavam para o campo.

— Já não há caça ao som da buzina! Vamos aos campos.

E apontava com a mão o fim da aléia, que deixava perceber, como através de uma janela, larga extensão de sementeira verde.

— Diabo de cão! Ê capaz de trazer uma lebre!

— Ora! Com a sua barriga de organista, só seria capaz de apanhar um porquinho!

Parecia ter adivinhado, porque nesse instante o cachorro apareceu, resfolegando.

— Êles andaram pela plantação de centeio — declarou o barão, quando pararam à porta da cocheira. — Que é isso?

Da aldeia vinha um rumor longínquo de cantos, música e rolar de viaturas.

— O casamento de Bednarek com Ulísia, a filha do pre-

feito; vão agora à igreja.

— Vamos ver passar o cortejo! Rex!

O cão manteve-se quieto, à distância.

O caminho da aldeia passava ao longo do parque. Depois de curta demora, as *briskas* passaram a grande velocidade, numa álaçre tempestade: mulheres em trajes domingueiros, cantos e música.

— Muitos convidados! E já beberam bastante! — comentou o velho, sarcástico.

— Êles vieram da Prússia, e como têm algum dinheiro e a oportunidade é agradável, divertem-se. Estão no seu direito, apesar de tudo.

A voz tinha um toque de insolência; êle fitava impertinentemente os olhos do patrão, mas não teve coragem de desabafar, porque o patrão mandou, baixando estranhamente a voz, que o levasse para o castelo. A audácia só lhe voltou quando instalou o patrão, como de hábito, em sua poltrona, e lhe entregou a correspondência, trazida pelo leiteiro. Fêz o sinal da cruz, baixou-lhe a manga e declamou esta frase, o mais depressa que pôde, dum só fôlego:

— Peço desculpa ao senhor, mas desejo ir-me embora. Sentiu-se então infinitamente aliviado.

O barão ficou a um tempo surpreso e espantado com a desagradável notícia. Porque não lhe seria possível encontrar um servidor tão devotado. Fêz-lhe então um apêlo ao coração e ao espírito, prometendo-lhe pedaços de ouro maciço se êle ficasse. Mas o rapaz respondeu:

— Só quero a minha liberdade! — Estas palavras pareciam sair-lhe do fundo do coração. — Outros saem pelo mundo, vão até para a América! Os outros vêem tantas coisas novas que têm o que contar durante vários invernos. Ainda ontem êles diziam que há, por aí afora, países, cidades, coisas, ah! tantas coisas que só de ouvi-las eu não podia mais respirar! Chegou a minha vez de sair pelo mundo, para longe, para bem longe! Será que eu sou pior que os outros, para só ver as coisas pelos olhos dos outros, mais ou menos como um cego?

Ele estava entusiasmado, prêsa de um ímpeto de desejo que o arrastava para o país do sonho — maravilhoso país, em qualquer parte, no desconhecido!

— Você é um bôbo, como minha chinela! — exclamou o castelão, irritado, acrescentando que fôsse para o diabo.

Antes que o rapaz sáísse, chamou-o e perguntou-lhe, em tom de censura:

— Você quer me levar à sepultura?

Jasiek ficou parado, de pé, indeciso, sem saber o que responder.

Então o velho lhe disse que fizera, há tempos, um plano: quando êle morresse, Jasiek se instalaria no campo e poderia descansar, como recompensa pela sua honestidade e por tantos serviços prestados.

— Como se eu tivesse um pedacinho sequer de terra, o que basta para um cachorro sentar-se nêle! — respondeu o rapaz.

— Vou deixar-lhe dez arpentos, nada menos! Você será contemplado no meu testamento!

— Sabe-se lá quem morre primeiro... — murmurou o empregado, num tom de desencorajamento.

— Se você morrer primeiro, sua mãe ficará com a terra; além disso, farei para você um entêrro bonito, todos os anos mandarei rezar uma missa para repouso de sua alma.

— Será que o senhor cuidaria de meu entêrro? Nem chego a acreditar nisso.

— Palavra de honra! Será como se eu estivesse enterando meu próprio filho! — prometeu, solenemente.

— Meu Deus! Meu Deus! — Uma felicidade sôbre-humana inundou-lhe a alma. — Então seria como o entêrro do castelão de Gora?

— Claro! Você é um bom rapaz. Não merece um bom entêrro?

— O corpo será encomendado? Haverá um catafalco no meio da igreja? Membros das confrarias com círios? Sinos tocando? E o padre me acompanhará até o cemitério?

Tôdas essas perguntas se sucediam, uma após outra.

— Exatamente como você deseja! Se você quiser, prometterei tudo isso por escrito, iremos ao tabelião.

Jasiek silenciou. Tudo girava e girava em sua cabeça. Finalmente, decidiu-se. Beijou a mão do patrão e disse, com uma voz que transparecia felicidade:

— Por um entêrrão assim eu fico. Já não me interessa por ver o mundo. Eu fico!

.....

Raramente o velho inválido riu com tanto gosto como riu nessa noite.

MORREU A FLORESTA !

— **L**aurêncio! Levante-se! Como se embriagou, vai querer ficar deitado como um paxá, e eu que me arranje sòzinha! Vamos, Rafael vai chegar com o carro a qualquer momento; chegará daqui a pouco!

A mulher começou a sacudir enèrgicamente o marido, estendido a um canto da isbá, num monte de palha proveniente dos leitos.

— Ora, mulher, não me amole! — murmurou Laurêncio, irritado, voltando o rosto para a parede.

— É preciso pôr tudo em frente da casa; assim será mais fácil de arrumar no carro, então. O trigo ainda não está no saco, é preciso transportar as batatas da granja. Meu Deus! É tanto trabalho que não me agüento; e êle dormindo, em vez de vir-me ajudar! Laurêncio! — gritou, lançando-se sôbre o marido, aborrecida. — Se você não se levanta, vai-se haver comigo.

— Mulher, ouça o que lhe digo: não me amole! — pediu êle, mansamente.

Virou-se de bôrco, encobriu a cabeça com a palha e ficou imóvel, indiferente aos gritos e queixas da mulher.

— É uma miséria! Desde que me casei estou tendo uma vida tão boa que tenho de viver de esmolas, como os mendigos, num tempo ruim como êste. Sou filha de proprietário e vejo-me na contingência de ir trabalhar, como empregada, na casa dos outros, como o pior dos vagabundos.

Assim se lamentava a mulher de Laurêncio, enquanto tirava os santos das paredes. Embrulhando-os em xales, levou-os para a frente da casa, sob a saliência do telhado. Deteve-se no patamar e fitou a estrada brilhante e diluída que atravessava uma área da mata recentemente cortada — área que se estendia em tórno da casa, juncada de montes de galhos e pilhas de árvores abatidas. Ela olhava, à espera de Rafael, que deveria chegar com o carro, para transportar os móveis para a aldeia. Nada se via na estrada, a não ser flocos de neblina espessa que flu tuavam baixo e enormes poças de água. Uma chuva fina e penetrante caía sem cessar.

Depois de dar um profundo suspiro, a mulher assoou-se ruidosamente, envolveu com um olhar tristonho a cabana que iria deixar e dirigiu-se para o outro lado da casa, onde se encontrava uma vaca. Já haviam levado para fora a manjedoura e sua grade. Viam-se ali o guarda-louça envidraçado, amarelo com flôres vermelhas, com prateleiras pintadas de azul, e tambo- retes, bancos, uma mesa, onde se erguia um crucifixo negro, com um rosário enrolado, bacias, sacos de batata, molhos de feno atados com uma correia, duas camas, prateleiras e um monte de coisas misturadas. Uma enorme porca, suja de lama, estava estendida no chão, prês a pela perna a um pequeno car- valho que se erguia em frente à janela. A porca grunhia, por- que os porquinhos lhe puxavam as têtas, dando pancadas com os focinhos.

— Branca! Branca! — murmurou a mulher, acariciando ternamente o pescoço da vaca.

Estendendo a cabeça para a frente, a vaca lambeu, com a sua língua pontuda, os braços nus da mulher, até os ombros.

Mergulhados os olhos em lágrimas, a mulher afastou-se, ganhando o corredor.

— Psiu! Psiu! Psiu! Psiu! — pôs-se a chamar assim as galinhas, que estavam trepadas na cerca, tôdas juntas.

Jogando-lhes um punhado de milho para atraí-las, apanhou-as uma a uma, prendeu-lhes as asas e colocou-as dentro de um grande cêsto de vime. De nôvo olhou para fora. No atalho que vinha de uma aldeia distante e que mal se percebia, além do corte, através da neblina e da chuva, apareceu uma garôta.

— Marysia! Depressa! — gritou, ameaçando com a mão a menina, que corria.

Descalça, xale na cabeça, de modo que mal se via um pouco do rosto azulado de frio, Marysia deteve-se e tirou de sob o avental uma garrafa de vodca, três fieiras de pequenos pães e um pedaço de salpicão vermelho.

— Por que demorou tanto? Andou passeando por aí, não é?

— Ora! Andei passeando pelas casas! Nossa Senhora! O caminho é tão longo que eu tive de correr como uma lebre e mamãe ainda me diz que eu demorei muito! Era bom que fôsse você mesma, então, ou papai poderia ter ido! — respondeu a menina, lamentando-se, enquanto esfregava um pé no outro e apertava as mãos azuladas.

— Ora essa, ainda me dá respostas, sua catarrental

Dizendo isso, a mãe deu-lhe um tapa nas costas.

Marysia acocorou-se diante da chaminé, onde havia um resto de fogo, e pôs-se a chorar, enquanto procurava esquentar as mãos perto das brasas.

Entretanto, a mãe retirou ainda alguns móveis, fitou a estrada, sempre deserta, bateu a porta e, irritada, deu um pontapé no velho cachorro côr de chumbo, semelhante a um lobo, que andava de um lado para outro, rabo entre as pernas, desajeitado, arrastando-se pela isbá sem saber encontrar um lugar.

Reinava silêncio na sala; fora, a chuva tamborilava nas vidraças e ouvia-se o rumor abafado dos machados no corte de lenha. Uma penumbra baça e pesada dominava a isbã, atravancada de móveis, subia até o teto negro e esfumaçado; as paredes, com a cal destruída, pareciam ainda mais cinzentas.

A água derramada formava no chão de barro que servia de soalho uma lama pesada e viscosa, que dois patos revolviam com o bico, procurando alimento. Pelas vidraças quebradas de uma pequena janela do lado penetrava o vento, com a chuva, movendo e espalhando a palha dispersa na terra, agitando as bandeirinhas de papel vermelho que pendiam do teto e enfeitavam as vigas.

A mulher atravessou o pequeno pátio vazio, juncado de folhas apodrecidas caídas das cerejeiras plantadas perto da cerca; essas folhas estavam também coladas, como placas de sangue, no monte de estrume e no teto de ripas, quase caído, do estábulo de porcos, em ruínas. Ela se dirigiu para trás da granja, que se encontrava um pouco mais longe, localizada numa pequena área cuja terra fôra revolvida para a colheita das batatas, coberta de folhas secas e tubérculos apodrecidos. Arrancando um molho de erva verde para a vaca e lançando em derredor um olhar triste, voltou, sempre fazendo esforço para conter as lágrimas que lhe corriam dos olhos, por mais que fizesse. Deteve-se no patamar, meteu a cabeça entre as mãos e estendeu o olhar aparvalhado e perturbado pela amplitão cinzenta.

— Meu Deus! Meu Deus! — gemeu baixo, angustiada, pondo-se, em seguida, febrilmente, a arrumar e colocar fora seus pobres móveis.

Com o coração oprimido, sentia uma grande dor por ter deixado a cabana onde tinham vivido tantos anos. Em dados momentos tinha tais ímpetos e sofria de tal modo que se sentava no patamar e chorava à vontade, sem o menor ruído, sacudida por violentos soluços.

O marido continuava deitado. Rolava de um lado para outro, esfregava com os punhos os olhos vermelhos, dando

tais suspiros que Burek se aproximou, latiu baixinho, alisou com a pata a pele de carneiro e agitou a cauda; vendo, porém, que o patrão não lhe prestava atenção, voltou para perto da chaminé, deitou-se próximo a Marysia e pôs-se a cochilar, com os olhos sonolentos postos nas brasas que se apagavam.

Finalmente, Rafael chegou, pouco antes do anoitecer, com o carro puxado por dois sendeiros.

— Louvado seja o Senhor! — foi dizendo, ao entrar na isbá, com o chicote na mão.

— Para sempre seja louvado! — respondeu Laurêncio, erguendo-se da cama. — Seja bem-vindo, compadre, e Deus o recompense por não nos haver esquecido!

— Ora, nada disso! O que há é que chove tanto que temos água até os olhos, nos caminhos o lamaçal é tremendo e o frio queima tanto quanto o gelo!

— Bem, é preciso arrumar tudo agora para chegarmos à aldeia antes de anoitecer!

— Mãos à obra, ora essa!

Dizendo isso, Rafael colocou o chicote a um canto, esquentou as mãos na chaminé e, tirando uma brasa vermelha, colocou-a no cachimbo apagado; sentou-se na arca que ainda não haviam pôsto do lado de fora e ficara em frente à janela, tirando grandes baforadas, dentro da isbá.

A mulher colocou na borda da janela a vodca, o salpicão e os pãezinhos.

— Tome um gole com Rafael, Laurêncio!

— Ora, para que tanto incômodo? — indagou o camponês, como a recusar, mas respirando, ávido, o cheiro de alho que vinha do salpicão, enquanto a mulher o cortava em pedaços com uma pequena faca.

— À sua saúde, Rafael!

— À sua!

Laurêncio esvaziou o copo, cuspiu de lado, limpando os lábios com a manga, e encheu o copo de novo.

— Agora é a sua vez, Inês! Vamos, beba um copo!

A mulher afastou-se um pouco e bebeu a vodca aos golinhos, enquanto os homens partiam os pães duros e os comiam, mordendo, de vez em quando, o seu pedaço de salpicão.

— Vamos, mais uma rodada, para que tudo corra bem!

— São os meus votos!

— Vendendo a floresta, o proprietário tem direito à champagne; nós temos que nos acostumar com a aguardente! Desgraçado! Tomara que o diabo o carregue para o inferno! — praguejou, com ódio, entre os dentes.

Fitou, através da janela, os quase invisíveis contornos azulados do castelo.

— O que aconteceu, aconteceu; agora é preciso comprar tudo de novo, até o cabo do meu chicote — suspirou, melancolicamente. — Quando havia a floresta, embora tivéssemos um pouco de medo, vivendo de olho aberto, sempre havia meio de arranjar caça, ou então boas árvores para ferramentas e para cêrca. Nem preciso lembrar os cogumelos que a gente comia, as favas que as crianças apanhavam para a sopa; as lebres ou as aves que uma vez por outra tínhamos para comer! Agora, nem vale a pena falar! Tudo vai mal, a meu ver, tudo vai mal!

Em seguida:

— Vamos, mais uma rodada, a última! Burek, tome um pedaço de salpicão para você também! Por que você também não haveria de comer bem, se, depois de vinte anos, seu proprietário tem de sair pelo mundo a procurar trabalho? Coma à vontade, meu velho!

O cão latiu baixinho, com se houvesse compreendido. Inês começou a chorar, apoiando a cabeça na borda da chaminé, sacudida em soluços.

— Ora, um dia a cabra tem que morrer! Quando se está no carro dos outros, tem-se que descer quando chega o momento, mesmo que seja no meio do mar! — declarou Rafael.

Tirando a cinza do cachimbo, que guardou junto ao coração, saiu em seguida.

O casal começou então a mudança e rapidamente tirou o que havia no interior da casa. Os dois transpuseram o pátio da cabana vazia com uma profunda tristeza, sem olhar para trás, sem trocar uma só palavra. Quando tudo estava pronto, quando Rafael ajeitou a carga toda no carro com os laços da corda, para que nada pudesse cair no chão, Laurêncio trouxe a vaca para fora, colocando-lhe uma corda nos chifres.

— Vamos, Marysia, traga-a!

A menina enrolou-se no xale e pôs-se a caminho, puxando a corda, porque a vaca resistia e mugia, voltando a cabeça pesada para a cabana, como se pressentisse que a levavam por estradas e caminhos.

— Vamos embora! — gritou Rafael.

— Imediatamente — disse Laurêncio.

Pela última vez entrou na isbá, seguido de Inês. Os dois olharam tudo tristemente, andando pelos cantos, dispersaram a palha com os pés, fitaram as paredes, sem se decidirem a sair. Sem querer, eles retardavam o momento de separar-se daquelas paredes.

— Laurêncio, vamos embora, está caindo a noite — exclamou o outro pela janela.

— Inês, vamos indo! O bom Deus não nos abandonará!

Ele levou a mulher para fora, batendo a porta atrás de si.

— Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, vamos embora! — disse ele, sombrio.

Apertou o cinto, por sobre a sua pele de carneiro, fechou a cara — e os dois saíram. Inês puxava a porca por uma corda e chorava alto. Laurêncio cerrava a fila; olhava tristemente os montes de árvores despidas de casca, como cadáveres nus estendidos no campo de batalha, os feixes de galhos já amarelados, os milhares de troncos que, como fustes de colunas

invertidas, branquejavam aos milhares, às margens da estrada, os buracos fundos cheios de água e as pontas de pinhão côm de ferrugem, as veredas que mal se distinguiam e que tomavam tôdas as direções, obstruídas pelas árvores deitadas. Bem conhecia tudo aquilo! Conhecia cada fôssô, quase cada árvore — pelo menos as mais gordas —, cada um dos atalhos que, como ruas, cortavam a floresta em diferentes direções! Durante vinte anos fôra guarda naquela floresta. Ali, na mocidade, havia trazido o gado para pastar, só ali havia vivido. Crescera quase com as árvores, sentia-se aparentado com aquêles gigantes que agora jaziam inertes, sem a cúpula, sem os galhos, sem vida, como corpos deformados, lamentáveis, sacrificados. As tempestades nunca haviam vencido a floresta, nem os raios que a tinham atacado mais de uma vez, nem as nevadas que haviam fendido muitas árvores. O machado surgira — e a floresta caíra como um cadáver. Que poderia êle fazer mais ali? Não queria ser, entre os compradores judeus, o empregado que vigia os serrotes; preferia ir embora, mundo afora, procurando trabalho, a ficar esperando de braços cruzados. Cobriu com um olhar apaixonado tôda a extensão do corte, onde trabalhavam grupos de homens, com seus serrotes e machados, por onde circulavam carros carregados de vigas e de onde vinham, vagamente perceptíveis, mergulhados na distância, ruídos de vozes, rodar de carros, golpes de machado e relinchos de cavalos.

Laurêncio patinhava lentamente na lama; às vêzes, nos barrancos, empurrava o carro com os ombros; dava, por vêzes, um pontapé no cachorro que se aproximava demais; e ia andando, cada vez mais triste. Qualquer coisa lhe queimava o coração, como se estivesse mergulhado em álcool puro. Era como se a queda dos troncos abatidos e o bater surdo dos machados, que lhe chegavam aos ouvidos, fortemente o afetassem, tirando-lhe lascas do coração. Cerrava os dentes com fôrça, cada vez mais, porque a vondade que tinha era de jogar-se ao solo e gritar com tôda a energia, desabafar a dor tremenda que o devorava; mas continuava a caminhar. A chuva

caía, cada vez mais abundante e parece que cada vez mais fria. Às últimas bétulas, coitadas, que ainda não haviam sido abatidas, ao longo do fôssio, deixavam cair as derradeiras fôlhas amarelas, que deslizavam ao sabor do vento como lágrimas, para descansar, como pesadas lágrimas, no leito da estrada enlameada, nos troncos, nos galhos, nas sarças de copa baixa, nas pequenas aveleiras, nos pinheiros raquíticos que estremeciam e murmuravam tristemente como se tivessem frio. Em alguns abetos nus e mirrados um bando de gralhas se agitava e elevava seu canto lúgubre, não tendo mais onde fazer ninhos, não tendo mais onde abrigar-se.

A relva e os fetos enferrujados, pisados, estavam sujos de lama e de serragem amarelado, em largas placas, como se rios de sangue houvessem forrado a floresta. Numa clareira, algumas vacas ruminavam o capim mirrado, de vez em quando mugindo surdamente. Crianças estavam sentadas perto do fogo que a chuva apagava. Dali subia uma fumaça, escura, gordurosa, que se elevava em novelos: parecia uma espiral de incenso ao pé de mortos.

O mundo enevoado estava cheio da tristeza e da melancolia infinita das árvores agonizantes, que gemiam. Laurêncio tinha a alma dolorida. Uma dor cada vez mais profunda pesava sobre ele, uma cólera que lhe dava vontade de morder as pedras que pisava. Fechava os punhos, rilhava os dentes, fechava os olhos para não ver nada — e andava, estugando os passos.

— Um dia a cabra tem que morrer! — repetia, irritado, dando pontapés raivosos nos troncos, nos galhos, nos caracóis secos que pendiam como chapéus nos fossos à margem do caminho.

Para descansar um pouco, sentou-se ao pé de enorme carvalho, de galhos frondosos, e que se elevava na orla da floresta. Essa árvore se protegera a si mesma, porque tinha uma imagem da Virgem Santíssima, velada com reposteiro de musselina. Era um carvalho muitas vezes centenário, torto,

mutilado pelo raio. Cavado por dentro, estendia para o céu, como punhos poderosos, galhos bizarramente tortos, cheios de nódulos e nós; ouvia-se o rumor de suas folhas secas. Ali era o ponto extremo, que Laurêncio não ultrapassava em suas rondas, porque as terras cultivadas começavam em seguida; dali habitualmente êle voltava. Mas agora... agora tinha de transpor o patamar sagrado da floresta para não voltar mais; iria embora por estradas e caminhos...

— Pelo amor de Deus! — e sentiu uma dor tão intensa nas entranhas que levou as mãos ao ventre e pôs-se a gemer.

— Laurêncio, vamos embora, depressa! Rafael não pode esperar e a noite está caindo!

— Está bem! Vá embora, desgraçada, ou vou dar-lhe uma surra! — gritou êle, enfurecido.

— Que coisa! O porco se embriagou com aquela bebida e agora quer fazer escândalo no caminho!

— Mulher, vá embora, vá, ou lhe darei uma surra!

— Está bem, vou deixá-lo aqui e levar os móveis para a cabana! Vamos, Laurêncio, venha! — insistiu ela, ternamente, inclinando para êle o rosto vermelho e lacrimoso, enquanto o puxava pela manga.

— Dê o fora, por Deus, e ande depressa porque vou bater em você como num animal!

Inês sacudiu-o um pouco mais forte. Laurêncio ergueu-se de um salto, apanhou um galho e com êle deu uma pancada na cabeça da mulher, jogando-a no chão, e deu-lhe mais uns pontapés; segurou a corda do porco, que durante a refrega escapara de suas mãos, e saiu andando, a passos largos. Gemendo alto, a mulher ergueu-se do chão e lançou-se atrás dêle. Logo desapareceram os dois no nevoeiro e no crepúsculo que caíam. As gralhas, em bando, voando acima do carvalho, crocitavam lugubrememente. Surgiram na estrada, que se distanciava do corte, vacas cujos badalos tilintavam. Cantava uma voz aguda.

O gado passou, perdendo-se no nevoeiro e na sombra. O canto afastou-se, cada vez mais indistinto. Os últimos rumôres desapareceram no espaço e confundiram-se com o da chuva. Pouco a pouco veio a escuridão, a umidade de uma noite de nevoeiro inundou o mundo; tudo ficou coberto por uma massa opaca e suja.

Só o velho carvalho murmurava, semi-adormecido, deixando que suas fôlhas caíssem no chão. Do corte, dos pinheiros mortos, dos ramos exalava-se uma espécie de profundo gemido. Não sei que canto desesperado ritmava o lamento triste:

Morreu a floresta! Morreu!

LAVRANDO A TERRA

— **E**m nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo!
— disse gravemente o camponês e, fazendo o sinal da cruz com devoção, empunhou a charrua. — Eia! Vá devagar, mas trabalhe bem!

Estalou o chicote como de hábito. A charrua, atrelada a uma vaca e a três pessoas, cortou o solo e tirou uma talhada de terra preta e brilhante; terra pesada, de uma velha plantação de trevos usada até o último pé e trabalhada como uma eira, com os montículos espalhados em ponta, embora a charrua não cavasse fundo.

Uma velhinha, que mal tinha aparência humana, desfazia os montículos maiores com uma enxada; algumas gralhas saltitavam atrás dela, apanhando no sulco minhocas brancas.

A lavra progredia com uma dificuldade e uma lentidão infinitas: a charrua era velha, de rodela, com uma junta miserável; o primeiro par que a puxava era uma mulher e uma vaca, ligadas uma à outra por uma canga de madeira comum; depois, atrelados a uma espécie de arreios, uma jovem forte e um rapaz. A vaca era apenas um esqueleto, pele e ossos, mas os seres humanos tampouco passavam de sombras. Brilhava-lhes nos olhos a mesma fome imensa e obstinada. Co-

bertos de andrajos, macilentos, pés descalços, trabalhavam, no entanto, em paz, sem queixas nem recriminações, curvando-se para o chão num extraordinário esforço, com tal vigor que as cordas e a boléia estalavam.

— Seria bom que a gente pudesse revirar pelo menos três ou quatro arpentos! — monologava, em voz alta, o camponês, que mal se arrastava atrás da charrua.

Tinha a cabeça coberta com um boné de cordeiro, nas costas, mantas de pele de carneiro; os pés doentes envolvidos em pano.

— O centeal está mais ou menos — dizia êle, fitando os sulcos esverdeados que se estendiam ao lado. — Vamos plantar batatas com a enxada, semear cevada, um quarteirão de ervilhas, com a ajuda de Deus, não passaremos fome. Eia! Eia! — gritou, para estimular o pessoal, empurrando vigorosamente a charrua.

— Também seria bom semear linho e plantar couve em alguns sulcos — lembrou a môça, em voz baixa.

— Você se esquece que nos tomaram as sementes! — exclamou a mulher. — Eu tinha separado tudo para a plantação e para ter uma gôta de óleo. Mas êles levaram tudo como se fôsse mel! Tudo, todo o trabalho perdido, tudo!

— Vamos ter chuva de nôvo! Drene a água do centeio, ouça o que lhe digo, Magda; o centeio apodrece perto dos sulcos. Não há dúvida: vai chover!

O homem falava para que não prestassem atenção às palavras de desânimo da mulher.

Com efeito: a manhã de abril começara bela e clara, mas já se acinzentava e escurecia; um sol pálido aparecia como uma hóstia no fundo do nevoeiro. Estendia-se a planície em tórno, cinzenta e enevoadada, a perder de vista, só aqui e ali aparecendo as telas brancas das águas transbordantes e blocos de árvores. A primavera nascente mal apontara à flor da terra; todavia, os salgueiros já floriam; os botões-de-ouro punham placas amarelas no mato; margaridas abriam os olhos à margem

dos fossos; as sementeiras de outono ganhavam uma penugem verde e as cotovias cantavam da manhã à noite, mas no campo tudo estava ainda cinzento, deserto e estranhamente triste. Nenhum sinal de alegria no coração dos homens, um silêncio de catacumba reinava no mundo.

— Quem tem alma no corpo saiu para trabalhar! — declarou o camponês, quando haviam atingido o limite e voltavam para casa.

Ninguém falou; estavam todos acorados no terreno.

— Também trabalham nas terras do castelo! Quatro parrelhas atreladas, vejam só! É uma equipagem! — continuou, num tom de compaixão.

— Não se preocupe com o castelão, que saberá cuidar de si — murmurou a mulher. — Ele ainda vai mandar que os camponeses o ajudem na lavoura. Será como na messe! — acrescentou, irritada.

— É mesmo, será a mesma coisa, mas, que diabo, ele pagou!

— Pagou a quem quis! A nós, ele nos forçou a trabalhar como escravos, por Deus! — insistiu a mulher.

— Vamos, não há tempo a perder. Vamos trabalhar. Tomás já gradeia a cevada! — observou, olhando à esquerda.

— Ele fez a primeira lavoura antes do inverno e agora o patrão é o bastante, não precisa atrelar ninguém, a não ser a vaca. É o que tenho repetido em todos os tons: Adalberto, trabalha! Tínhamos o cavalo e não lhe faltava tempo. Mas você preferiu apanhar o cavalo para ir às feiras e bebericar nos botecos com os vagabundos; agora, sou eu e os filhos que temos de puxar a charrua, como animais!

— É verdade, mulher, você diz a verdade — confessou ele, humildemente. — Eu contava mais com a morte do que com a falta do meu cavalo na primavera. Antes a morte! — e soltou um suspiro profundo.

Eles se dirigiam para a aldeia, que se estendia ao longo dos campos. Numa leve encosta repousava ao sol um verda-

deiro dique de pomares, do meio dos quais, a curtos intervalos, sobressaíam chaminés nuas, esqueletos de cabanas incendiadas e escombros de edifícios. Metade da aldeia estava em ruínas. Depois de um enorme lago, erguia-se o castelo, com a massa escura de seus muros, seus tijolos partidos, seus telhados demolidos; do parque imenso restavam apenas os côtos lúgubres das árvores recortadas — côtos que pareciam ameaçar o céu como punhos. A guerra passara por ali e deixara, em cada lugar, as marcas de suas garras impiedosas. Destruíra as casas, derrubara florestas, arrasara os campos e deixara naquelas terras fecundas a sórdida colheita amarela dos fossos e intermináveis fileiras de túmulos que formavam uma floresta de cruzeiras brancas de madeira.

— Laurêncio ara com duas vacas — murmurou o rapaz, detendo-se um instante.

— Veja o que faz e não o que os outros estão fazendo!

Esta resposta fêz-se ouvir ao mesmo tempo que o estalar do chicote.

Sem uma palavra, puxaram a charrua incansavelmente, logo observando que, como êles, a aldeia inteira saíra para o trabalho, não havendo um pedaço de terra que não estivesse sendo revolvida por alguém. Numa atmosfera cinzenta e enevoadada, os indivíduos trabalhavam como formigas, doce, lenta, exatamente. Uns haviam atrelado o cavalo, outros a vaca, outros, membros da família; todos aravam, entretanto, todos semeavam ou gradeavam. Havia também os que revolviam a santa terra com a pá, senão com os próprios dedos nus, com sombria obstinação.

— Meu Deus! Nos outros anos por aqui havia uns cem cavalos que ajudavam no trabalho! — suspirou o camponês.

— E havia cantos, gritos, algazarra! — lembrou, docemente, a mãe.

— O Senhor sabia o que fazia! — declarou a velha, sentando-se a um montículo alto (havia parado um momento para retomar fôrça e fôlego). — O mal já se havia expandido de tal modo que se fêz necessário um castigo! Com o choque,



essa gente desgraçada se tornará mais humilde! Antes, os orgulhosos se colocavam acima do próximo, só pensavam nos arpentos e nas sacolas cheias! Para eles não havia a miséria alheia, a justiça! O mundo era dos que semeavam rublos! O Senhor deu-lhes uma dura lição!

— Mas os outros, os bons, também sofreram! — interrompeu a jovem, tristemente.

De novo eles se puseram a arar, mergulhados num profundo silêncio. O camponês pensava nas palavras da velha, fazendo cuidadoso exame de consciência para ver por que mereceria castigo. Afinal, disse, numa voz dura:

— Os castelões fazem a guerra entre si e é o camponês quem paga o pato!

Cuspiu de lado e chicoteou a vaca com tal violência que o animal mugiu.

— Ei! Cuidado! É o nosso último animal! — advertiu a mulher, procurando acalmá-lo.

— Calem-se! Quebro os ossos de quem levantar a voz! — gritou o homem, exaltado.

— Papai, as cegonhas estão voltando — exclamou, de súbito, o garoto, apontando-as com o dedo. — Meu Deus, as cegonhas!

Eles se detiveram para olhar as cegonhas que voavam por cima do castelo em ruína e do parque.

— Onde será que elas irão fazer seus ninhos aqui? — suspirou a mulher, em tom piedoso. — Pobres òrfãzinhas!

— Eles nem sequer pouparam o choupo morto! Deviam ter destruído logo tudo! — murmurou o camponês, indignado.

As cegonhas deslizaram sobre a chaminé inundada; um cão atirou-se contra elas, latindo alegremente.

Um pouco de alegria invadiu todos os corações, como se a vinda das cegonhas houvesse feito ali florir uma esperança.

— Vamos, ao trabalho! Zêzinho, se voltar a cabeça, receberá uma chicotada! — gritou o camponês.

Contudo, já não estava encolerizado; ele mesmo voltava os olhos, de vez em quando, para o prado, dizendo coisas para si mesmo.

— Quando as cegonhas voltam, a guerra se vai! — declarou, com uma profunda convicção.

Novamente os pescoços se ofereceram à canga, as costas se curvaram, as pernas se enterraram na terra, e êles puxaram a charrua dentro de um silêncio morno. Inesperadamente o céu escureceu e começou a cair uma chuvinha miúda, abundante, peneirada, envolvendo tudo, a ponto de se verem as coisas como através de uma vidraça molhada; o frio e a umidade penetravam até os ossos. O aguaceiro primaveril parecia querer durar e a lavoura tornava-se, por isso, cada vez mais difícil e extenuante. Os pés deslizavam, de modo que de vez em quando um dêles caía; começavam a faltar as fôrças, a canga feria, as cordas tiravam sangue dos ombros e do peito dos jovens. Contudo, êles puxavam sem se queixar e sem gemer, tropeçando, muitas vêzes mudando de lugar na junta. O camponês os substituíam um a um; assim ora a mulher conduzia a charrua, ora a filha, ora o menino. Isso não ajudava grande coisa; o trabalho tornava-se cada vez mais duro; cada nova fatia de terra cortada parecia umedecida, não tanto pela chuva, mas sobretudo pelo sangue e suor decorrentes daquele esforço tremendo. Por vêzes, quando lhes faltava o fôlego, de todo, êles caíam no chão e ali ficavam estendidos, como animais exaustos, imóveis como troncos, completamente esquecidos de si mesmos.

Contudo, não descansavam por muito tempo, porque a necessidade inexorável os atrelava de novo à canga, impelindo-os a suar todo o seu sangue. O terrível fantasma da fome os acompanhava passo a passo e os fustigava com o chicote do desespero.

— Com o Branco, há muito tempo teria acabado isso! — murmurou o camponês!

Uma dor súbita invadiu os corações, levando aos olhos lágrimas amargas, as lágrimas da recordação.

— Eu lhes disse a verdade: êle está escrofuloso, muito doente. Não acreditaram em mim! De fato, era um cavalo bonito, como os de pintura, forte, com o andar dos cavalos de classe. Não é de admirar, por Nossa Senhora: era filho de cavalos do castelo! Eu implorei de joelhos: não o levem, pedi,

é o nosso arrimo! Tenho dez arpentos de terra, uma família de seis pessoas, estamos com a primavera à porta, foi o que lhes disse. Que será de nós sem o cavalo, é o que pergunto, eu lhes disse. Eles murmuraram qualquer coisa e o levaram.

Era a miléssima vez que o homem repetia aquilo. O momento em que havia perdido o cavalo gravara-se-lhe para sempre na memória; era a incurável ferida pela qual sua vida escorria.

— Que cavalo! Jacek me ofereceu por êle um casal de alazões, mas eu recusei a troca, a menos que me desse mais um tanto em dinheiro.

— E como era esperto! Todos nos lembramos do dia em que êle, no ano passado, tirou as flôres dos galhos do cercado e correu com elas pelos vergel, sem querer que ninguém as roubasse. A garôta estava emocionada.

— Quando a gente assoviava, êle vinha como um cão — recordou o garôto.

— Êle estava conosco, estava conosco, e agora nada resta dêle, nem o estêrco! Desgraçados! Vamos, vamos!

A vaca, com o impulso, caiu; explodindo em soluços, as mulheres foram socorrê-la. Felizmente, o animal não sofrera nada e logo se levantou.

— A Malhada, meu Deus! A Malhada! — choramingou a mulher, limpando-a e acariciando-a como a uma criança mimada. — Ela bem que poderia ter perdido agora a sua última gôta de leite!

— Mesmo sem isso, o que a gente come nem os porcos comeriam!

— Se a cenoura não vale nada para o gado, imagine o rábano-silvestre!

— Espere aí que lhe darei já uma coisa melhor para você comer! — exclamou o camponês, dando-lhe uma chicotada nas costas.

— Não me bata, senão largo tudo e saio aí pelo mundo afora! — ameaçou o garôto, chorando.

— Seria uma bôca a menos para dar de comer! Está bem, fuja, filho! Sua mãe vai preparar seu alforje. Não tenha medo,

você terá o que deseja. Ora, terá umas bengaladas nos costados. Ou será que você irá juntar-se aos soldados? Você tem jeito para isso, para arrasar, roubar e incendiar! Vá mesmo, filho! — insistiu o homem, irritado.

— Disse uma coisa à-toa e você me ataca como um cão danado!

E mudando de assunto:

— Você sabe que o Branco tinha medo de soldados!

— Idiota! Um cavalo daqueles iria ter medo de qualquer coisa? Ora!

Ele ficou como ofendido.

— É verdade! No ano passado, fui com ele, uma noite, pelos fossos, nos trevos do castelo. Por lá andavam também outros companheiros, que mantinham os cavalos pelo cabresto, prontos para fugir. Pois apesar disso o guarda nos apanhou. Não nos bateu nem se preocupou com os cavalos; apenas gritou: "Os moscovitas estão chegando através da floresta!" E foi a galope, à frente; todos seguimos. Fomos parar à borda da mata. Meu Deus! Era um formigueiro, as baionetas se agitavam como trigo no campo, não se distinguia onde começava nem acabava aquilo. Mal percebi as coisas, soaram as trombetas fortemente. De repente, o Branco ergueu a cauda e voou através da campina: jogou-me num fôssco e fugiu.

— Ah! Foi assim que aconteceu? Agora me lembro que durante uma semana o cavalo não quis comer, bebendo e gemendo apenas. Como quebrei a cabeça com aquilo! Espere um pouco, que você vai me pagar isso.

— Ora, deixe de tolice! — interveio a mãe, para defender o filho. — É isso, vá fazer um processo contra a neve do ano passado.

— Para que ele tenha o que merece e aprenda a cuidar de um cavalo levará uma bordoadada! — ameaçou o camponês.

As coisas ficaram por aí, no entanto, porque a lembrança do cavalo perdido se reavivou de súbito e todos sentiram o mesmo desgosto. Um a um todos passaram a recordar diversos fatos que atestavam as qualidades do animal, sua beleza e seu apêgo à casa. Evocavam tudo com uma pungente saudade, como

se se tratasse de um parente próximo e querido que houvessem perdido para sempre.

— Como sabem, muitas noites já me pareceu ouvir o Branco relinchar, perto de casa — contou a môça, enquanto repousava. — Pensei, de início, que era sonho, que eu estava dormindo. Mas na noite antepassada eu estava desperta e ouvi nitidamente um relincho. Saí e olhei tudo: era o Branco ou não? Fiz o sinal da cruz e esfreguei os olhos: qualquer coisa branca se mexia perto do estábulo! Pensei: êle fugiu do meio dos ladrões e voltou para nós. Corri em direção a êle e tudo desapareceu, não sei como. Na estrada havia uma espécie de ruído de galope, o cão de Laurêncio pôs-se a correr e latir. Estava tão amedrontada que já não distinguia nada. Talvez êle tenha estourado e agora volte de noite, como uma alma penada, procurando os seus...

— Ora, você acredita que os cavalos apareçam depois da morte, como as almas penadas? — resmungou a mulher.

— Não digo isso. Mas eu juraria que o vi, juraria diante do altar!

— Êles o terão maltratado! Aqui, no entanto, êle tinha tudo de que carecia e havia pouco trabalho.

— Agora você diz que êle era bom; antes, batia nêle com a boléia, praguejava — disse o garôto, para ferir o velho, de quem guardava rancor.

— Se bati nêle é que êle bem o merecia. E você não tem nada que ver com isso.

— O que êle mereceu foi que carregou você embriagado da estalagem — comentou a mulher.

Calaram-se. A chuva engrossou; a água brilhava nos sulcos e a terra afundava a cada passada; o trabalho custava ainda maiores esforços. Contudo, êles aravam, incansáveis. Os olhos saíam-lhes das órbitas, o sangue derramava-se sôbre a canga e as cordas, pouco faltava para que os ossos se partissem e as cabeças se afundassem; mas o camponês os impelia impiedosamente para a frente.

— Mate-me, eu não agüento mais! — gemeu de repente a mocinha, caindo no chão.

Todos a cercaram; a mãe friccionou-lhe o rosto, enquanto o camponês se punha a explicar-lhe:

— Por Nossa Senhora, não há outro jeito! Descanse, filhinha! Não tem jeito, é preciso continuar. Temos de plantar um pouco de batatas! Quem não semeia não colhe! Então? Quer que a gente morra de fome, deixe tudo o que temos e saia pelo mundo afora mendigando pão? Isto não, idiotas, nunca! — exclamou o camponês, cerrando os punhos e lançando um olhar ameaçador.

E eles continuaram a arar incansavelmente, desvairadamente.

BIBLIOGRAFIA

Salvo menção especial, tôdas as obras de Reymont foram editadas em Varsóvia por Gebethner & Wolff.

1893. WIGILIA BOŻEGO NARODZENIA (A Vigília de Natal).
Cracóvia, Mysł.
SYN SZLACHECKI (Filho de Fidalgo).
Cracóvia, Glos.
SUKA (A Cadela).
ZAWIERUCHA (Tempestade).
KOMEDIA MIŁOŚCI (A Comédia do Amor).
1894. CIEŃ (A Sombra).
W KARCZMIE (A Taverna da Aldeia).
TOMEK BARAN (Tomàsinho, o Cordeiro).
1895. PIELGRZYMKA DO JASNEJ GÓRY (Peregrinação a Czestochowa).
1896. KOMEDIANTKA (A Comediante).
Romance.

1897. FERMENTY (Fermentos).
Romance. (Continuação do anterior.)
SPOTKANIE (Encontro).
Novela.
1899. LILL
Idílio triste.
ZIEMIA OBIECANA (A Terra Prometida).
Romance em dois tomos.
1900. W JESIENNĄ NOC (Numa Noite de Outono).
Novela.
1902. PRZED ŚWITEM (Antes da Aurora).
Novela.
1903. KOMURASAKI.
Novela.
Z PAMIĘTNIKA (Extratos de um Diário).
Novela.
Reeditado sob o título O ZMIERZCHU (No Crepúsculo).
Varsóvia, 1911.
1904. CHLOPI (Os Camponeses).
1909. *Romance em 4 partes:* 1. JESIÉN (Outono): 1904; 2. ZIMA (Inverno): 1904; 3. WIOSNA (Primavera): 1906; 4. LATO (Verão): 1909.
1907. NA KRAWĘDZI (À Beira do Abismo).
No mesmo volume: Z KONSTYTUCYJNYCH DNI (A Revolta de 1905 em Varsóvia), SAD (O Tribunal), CMENTARZYSKO (A Terrinha do Bom Deus), ZABITEM (Matei) e CZEKAM. Contos.

1908. BURZA (O Temporal).
Novela.
1910. Z ZIEMI CHELMSKIEJ (Da Região de Chelm).
Impressões e notas. (É o texto dado no presente volume sob o título de A Lei do Cnute.)
MARZYCIEL (O Sonhador).
Novela.
1911. WAMPIR (O Vampiro).
1913. ROK 1794 (O Ano 1794).
1918. *Romance histórico em 3 partes:* 1. OSTATNI SEJM RZECZY-
POSPOLITEJ (A Última Dieta da República): 1913; 2. NIL
DESPERANDUM: 1916; 3. INSUREKCJA (A Insurreição):
1918.
1917. PRZYSIĘGA (O Juramento).
Novela.
1919. ZA FRONTEM (Atrás da Frente).
Novela.
1923. KSIĘŻNICZKA (A Princesa).
Novela.
OSĄDZONA (A Condenada).
Duas narrativas.
1924. LEGENDA.
BUNT (Revolta).
Conto.
1928. KROSNOWA I ŚWIAT (Krosnowa e o Mundo).
Coletânea póstuma das primeiras novelas.

OBRAS COMPLETAS

1921. PISMA (Obras).

1925. *Sob a direção de Adam Grzymal — Siedlecki. Em 20 volumes.
Inacabado.*

1930. PISMA.

1934. *Sob a direção de Zdistaw Debicki. Em 48 volumes.*

1948. PISMA.

Sob a direção de Adam Bar. Em andamento.

ÍNDICE

Kjell Strömberg	
<i>"Pequena História" da Atribuição do Prêmio Nobel a Wladyslaw Stanislaw Reymont</i>	7
Per Hallström	
<i>Discurso de Recepção</i>	15
Josef Trypucko	
<i>Vida e Obra de Wladyslaw Stanislaw Reymont</i>	23
WLADYSLAW STANISLAW REYMONT	
— A LEI DO CNUTE E CONTOS	
<i>A lei do cnute</i>	45
Contos	
<i>Numa noite de outono</i>	143
<i>A ambição de Jasiek</i>	155
<i>Morreu a floresta</i>	165
<i>Lavrando a terra</i>	179
<i>Bibliografia</i>	191

Esta edição de
A LEI DO CNUTE E CONTOS
de
WLADYSLAW STANISLAW REYMONT
foi impressa em setembro de 1963.

*

Faz parte da
COLEÇÃO DOS PRÊMIOS NOBEL DE LITERATURA
ideada pelas Edições Rombaldi, de Paris,
patrocinada pela
ACADEMIA SUECA
e pela
FUNDAÇÃO NOBEL

*

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

CRISTOBAL DE ACEVEDO
(concepção e direção literária)

GÉRARD ANGIOLINI
(direção artística)

PAULO RÓNAI
(adaptação e supervisão)

*

STANISLAS LEPRI
(ilustrações)

MICHEL CAUVET
(retrato do autor e ornatos tipográficos)

*

O desenho de Picasso reproduzido na capa pertence ao Sr. Lionel Prejger
Composição e impressão do texto e das gravuras e encadernação por
ARTES GRÁFICAS GOMES DE SOUZA S.A.